# REVISTA DA SEMANA

APOTEOSE A
# FRANCISCO ALVES
•
# DESCOBERTA A ARCA DE NOÉ



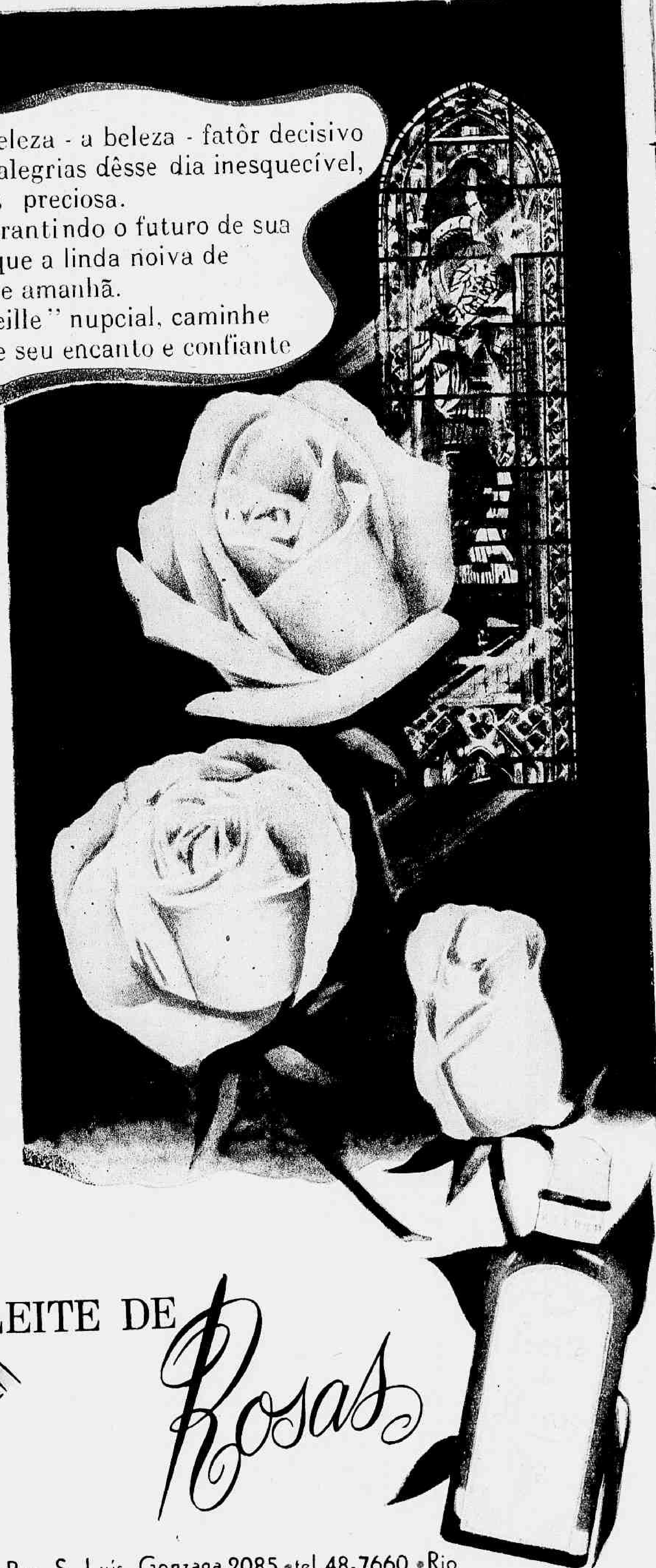
O sugestivo perfume das rosas convida ao romance.

Leite de Rosas é um convite à beleza - a beleza - fatôr decisivo nesse epílogo feliz. Nas alegrias dêsse dia inesquecível, Leite de Rosas é a dádiva mais preciosa.

Embelezando o presente e garantindo o futuro de sua epiderme, Leite de Rosas faz com que a linda noiva de hoje seja a irresistível espôsa de amanhã.

Com Leite de Rosas em sua "corbeille" nupcial, caminhe para a felicidade, segura de seu encanto e confiante no seu futuro.

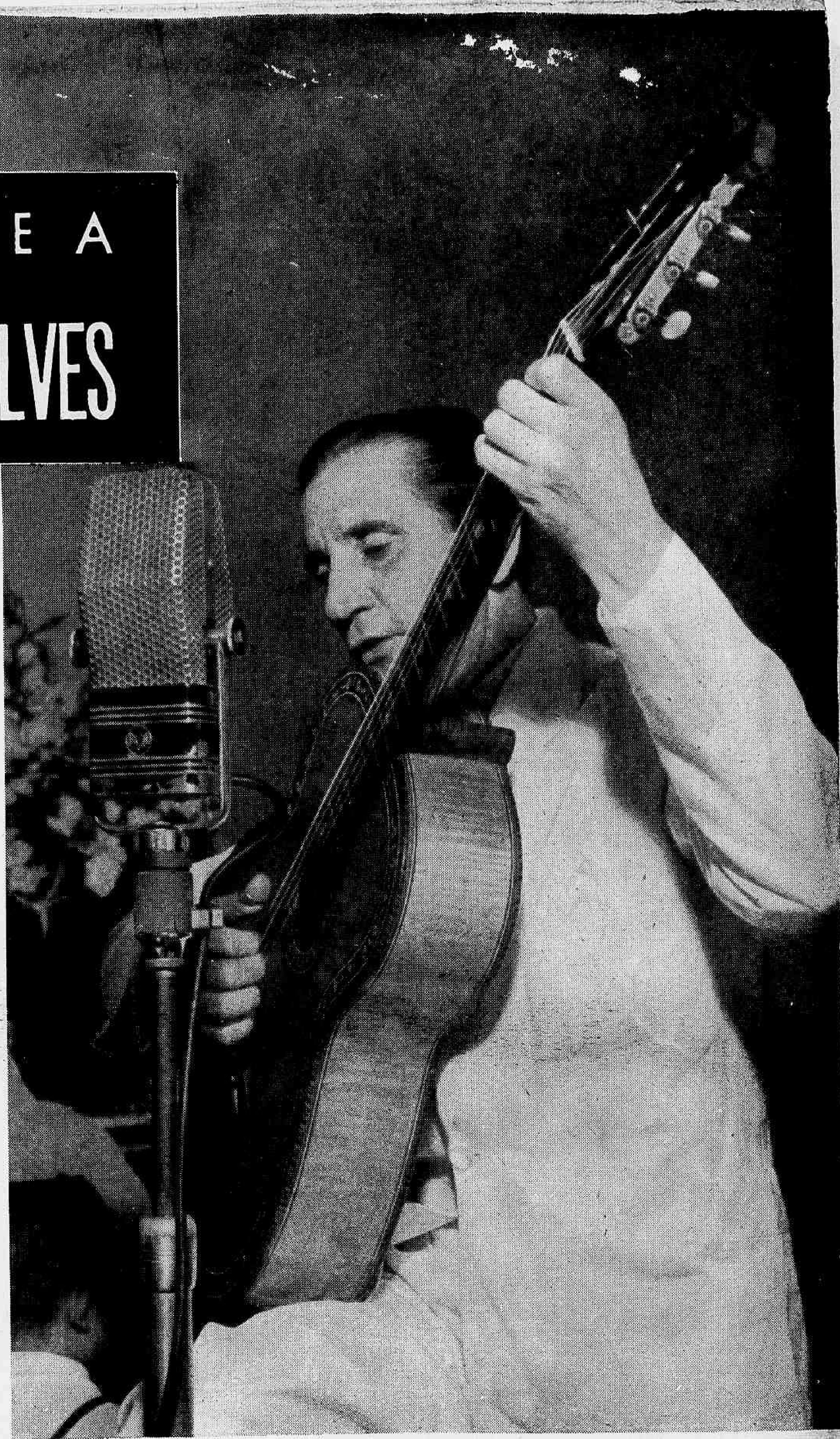




LEITE DE *Rosas*

LABS. LEITE DE ROSAS LTDA • Rua S. Luís Gonzaga, 2085 • tel. 48-7660 • Rio

# APOTEOSE A
# FRANCISCO ALVES



OS que não haviam recebido o choque pelo rádio, altas horas de sábado, tiveram-no pelos jornais de domingo: Francisco Alves, o grande cantor, considerado a maior figura de nossa música típica, o maior cantor de nosso «broadcasting», tivera, como Carlos Gardel, o maior cantor da Argentina, morte trágica e inesperada. Vindo de São Paulo, a guiar o seu carro, sábado, 27 de agôsto, dia de S. Cosme e S. Damião, chocara-se seu «Buick» com um caminhão que ia em sentido contrário e se dirigia ao Rio Grande do Sul. Como o astro argentino, vitimado em desastre de avião, anos atrás e como os santos padroeiros, daquele dia ficara o grande astro brasileiro completamente carbonizado. Seu companheiro de viagem, Haroldo Alves, conseguira sair pela porta e em estado gravíssimo fôra internado em um Hospital em São Paulo. Eis as novas em sua brutalidade e no seu inopinado, que lhe davam um cunho quase de incredibilidade.

Morto Francisco Alves! Morto o queridíssimo Chico Viola, que o Brasil há mais de trinta anos cada vez queria mais, pela doçura e magia de sua voz bonita, pelo seu repertório bem brasileiro, sempre renovado, quanta vez de sua inspirada autoria e sempre de imenso sucesso e aceitação incomparável em todos os meios onde pulsasse um coração brasileiro.

O violão, seu inseparável companheiro, na ascensão para a Fortuna e para a Glória, desde que, em 1919, apareceu no palco do Teatro São José, ao lado de sua irmã, Nair Alves, então artista de cartaz no teatro de revista, o violão, bem brasileiro, onde sempre gemeram as mágoas das canções dolentes e sentimentais, ou expandiu-se o gênio igualmente folião do nosso carnaval, cobre-se de negro véu e poderia dizer, como o poeta: é morto o cantor de meus amôres! Isso poderiam dizer também milhões de corações que acompanhavam em suas gravações, ou os seus programas prestigiosíssimos no Rádio.

Tilintaram telefones aflitíssimos, aos milhares e milhares e telegramas sem conta. Ninguém queria acreditar. Morto Chico Alves, o nosso amado Chico Viola? Não era possível, não era possível.

E no entanto essa a tremenda realidade. Cessara de bater o coração que sempre fizera bater milhões de corações, emudecera a linda voz sonora que falara à alma de milhões e milhões de homens e mulheres, principalmente das formosas mulheres de nossa terra querida, que os fizera sentir como seus os queixumes de sua voz, contando as histórias de amor mais ternas e comovedoras.

E o Brasil inteiro comoveu-se; encheram-se de lágrimas não simbólicas, mas reais, centenas de milhares de olhos e não direis que apenas os femininos, pois quem estas linhas está escrevendo, o faz ao acabar de vir do «hall» da Câmara Municipal, onde jaz num ataúde negro e fechado o corpo carbonizado

**VIOLÕES EM FUNERAL — O samba de Sílvio Caldas, grande amigo de Chico Alves, é a legenda natural destas duas fotos. Ao alto, o Rei da Voz e seu inseparável instrumento, que se partiu e se perdeu com êle, no desastre. Em baixo, o violão de flores que Silvino Neto mandou confeccionar com muito gôsto e depositou, enternecidamente, junto ao esquife negro do imortal cantor popular.**



MAIS DE 500.000 PESSOAS DESFILAM E ACOMPANHAM OS DESPOJOS DO "REI DA VOZ" ★ NO HALL DA CÂMARA DOS VEREADORES DA CAPITAL DA REPÚBLICA, A CÂMARA ARDENTE ★ CENAS TOCANTES ★ IMPRESSIONANTE POPULARIDADE ★ ADEUS AO MAIOR CANTOR POPULAR DO BRASIL

**Reportagem de JIM DAQUI e ZÉLIA TAVARES**



Francisco Alves, feliz, em seu apartamento. Na praça Floriano, literalmente cheia, o povo se comprime, aguardando a saída do ataúde.



**Parte da multidão que, diante da Câmara de Vereadores, onde se achava o corpo de Francisco Alves, aguardava a hora emocionante da saída do féretro.**

do grande cantor, e assistiu às cenas emocionantíssimas, tais como as dos companheiros e colegas de Rádio, como Sílvio Caldas, Edmundo Maia, Patrício Teixeira abraçando-se e beijando-se comovidos, em prantos, a exclamar: — O nosso Chico, o nosso Chico!

CÉLIA ZENATI, O ANJO DE SUA VIDA

E que dizer então de Célia Zenati, a companheira de mais de vinte anos do grande Chico, sua colaboradora nas horas incertas do início da carreira do artista, sua inspiradora e animadora? Quantas e quantas vêzes, inconsolável na sua lancinante mágoa, ela agarrava-se ao negro esquife, como a própria imagem da dor, numa desolação de quem tudo perdia no mundo. Outras pessoas caríssimas, amigos íntimos, como José Segreto, em cujo «São José» se iniciou a carreira e a amizade entre ambos vai para 32 anos!

LINDA E DIRCINHA

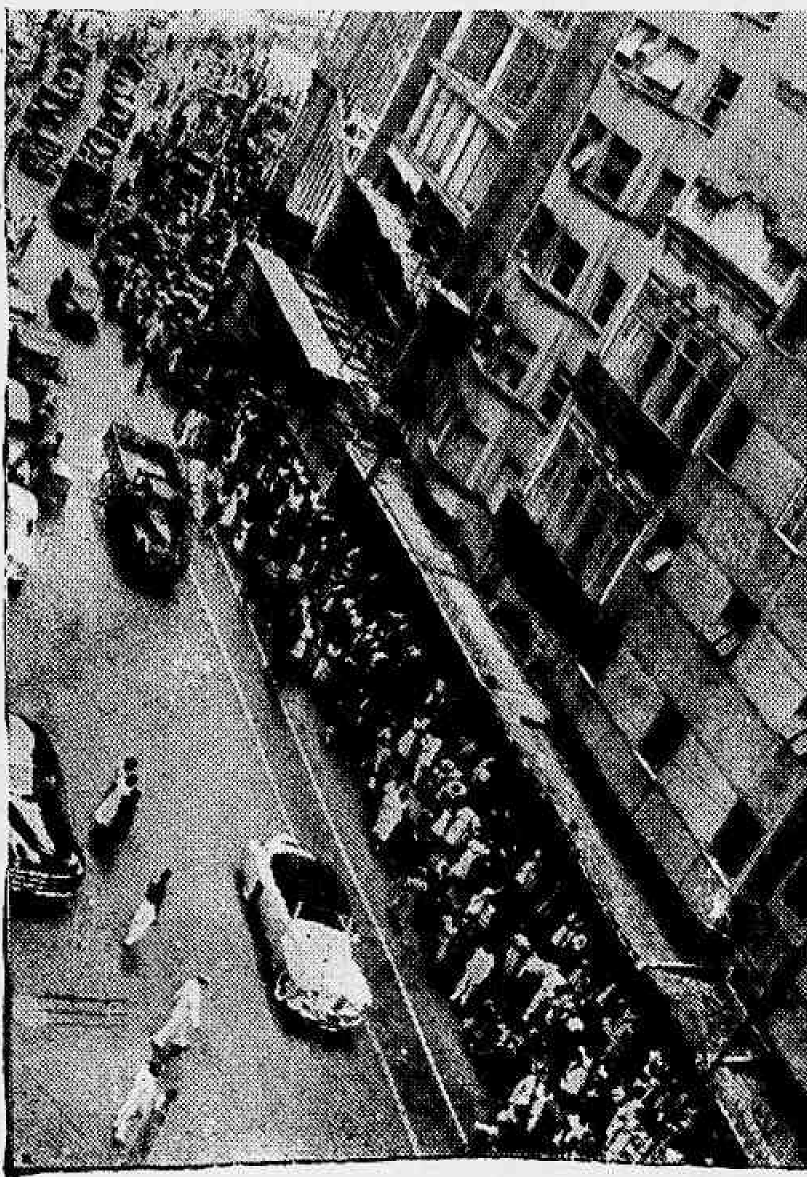
Linda e Dircinha Batista, filhas de outro artista que se foi, o saudoso Batista Júnior, diziam, sem saber que estavam falando a quem poderia reproduzir depois, as mais comovedoras coisas sôbre Francisco Alves. Já não era a voz magnífica que milhões de criaturas conheciam e admiravam, mas o esplêndido e enorme coração de Francisco Alves, como amigo e animador de seus colegas, que elas punham em merecido relêvo. Dircinha falando a um amigo, numa sala onde o estado-maior do Rádio e do Teatro se acotovelava, Marion, Iara Sales, Aimée, Virgínia Lane, Mesquitinha, Patrício Teixeira, Edmundo Maia, Barbosa Júnior, Orlando Silva, Sílvio Caldas, e quantos e quantos mais — Dircinha falava com a eloqüência da sinceridade:

— Todos nós, dizia ela, devemos nossas carreiras a Francisco Alves, esta é que é a verdade. Êle animava a todos, êle nos ajudava, êle nos procurava elevar. Ó meu Deus, como acontece isso a um homem tão bom como o nosso Chico?

Outros faziam as mesmas perguntas: Por que, indagava um que era espírita, por que logo o Chico, que tinha ido a São Paulo, não para fazer mal a ninguém nem intrigar, mas para cantar para 6.000 pessoas, é escolhido por Deus para isso?

— Porque ontem era dia de São Cosme e São Damião e Deus quis que êle fôsse cantar no céu, foi a resposta que recebi numa festa dos dois santos, que eu assistia à uma hora da manhã, quando ouvi a notícia da morte do querido Chico Alves. Era Herivelto Martins quem falava.







**As filas contornavam o edifício, dobravam as ruas Evaristo da Veiga, Sen. Dantas e Alcindo Guanabara. Algumas pessoas levaram 8 horas para ver o esquife.**



**A Polícia Municipal, cujo comandante era grande amigo de Francisco Alves, confraternizou com o povo e fêz guarda de honra ao corpo do cantor do Brasil.**

SÍLVIO CALDAS

Sílvio Caldas que entrou comovidíssimo e chorara copiosamente ao abraçar Edmundo Maia, que o beijara, em pranto, Sílvio Caldas diz: — Eu nem tenho coragem de ir abraçar a Célia, cujo coração está sangrando. Chico era o melhor companheiro, o coração mais admirável de bondade que Deus pôs neste mundo.

Enquanto êstes diálogos e depoimentos iam sendo dados espontâneamente e fixados na memória de quem ali estava também não como repórter, mas como amigo de Francisco Alves, desde os tempos da mocidade de ambos, passemos ao «hall» da Câmara dos Vereadores. E' meia-noite e meia. Já vão fazer doze horas que uma multidão de dezenas e dezenas de milhares de pessoas, homens e mulheres de tôdas as condições sociais, desfila dando a volta ao esquife do grande cantor, cheio de flores, no «hall» onde enormes, lindas «corbeilles» dos que mais

**(Cont. na pág. 54)**



Célia Zenati despede-se, tendo ao lado Ismênia dos Santos e Ivete Rosolen. Seu olhar vagueia como a recordar, desde os tempos difíceis até à glorificação.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N. 41 ★ 11-10-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Apoteose a Francisco Alves .......... 3/ 6, 54/57
"Guerra" contra os Vervelhos (Domingos de Lucca Júnior) .............. 10/13
Condenada .......................... 15/16
Sétimo céu do algodão .............. 27/29
Descoberta a arca de Noé ........... 32/36

LITERATURA

Carmen Santos (Renato de Alencar) .... 7
Prece (Edson Kneipp) ................ 23
Assim falou o túmulo (Angelus) ....... 26
A Semana Literária (Edmundo Lys) .... 42

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos ............... 8
A Semana em revista ............... 8/ 9
A personagem da Semana (Negrão de Lima) ........................... 9
Puxe pelo cérebro .................. 16
Lido... visto... ouvido (Jim) .......... 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) ... 22
Passatempo (Renato Cartaxo) ......... 17

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) ........................... 24/25

FOLHETIM

Filho, meu filho ..................... 46/47
Arabele ............................ 53

FEMININAS

Para o campo ...................... 35
Plissés para a tarde ................ 36/37
Novidades Hermes .................. 38
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 44
Os homens preparam os brotos (Isolete) 40
Rotina de beleza ................... 41

CURIOSIDADES

Pegando tubarão à unha ............. 30/31
Felizes cachorros de Paris ........... 43

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) ........ 14

CAPA

Janis Carter (Columbia)

# CARMEN SANTOS



FOI uma romântica do nosso cinema de longa metragem. Começando a filmar numa época em que o sentido estético da cinematografia brasileira sofria o grande colapso entre filme silencioso e o falado, essa pioneira do celulóide a serviço da civilização brasileira nada mais foi que vítima de um sonho irrealizável. Carmen Santos levou dez anos para concluir o dificílimo "Inconfidência Mineira". Ergueu nos terrenos de seus estúdios, na Tijuca, ruas completas de Ouro Prêto, "sets" que lhe esgotaram as reservas financeiras e, de quando em quando, a paciência, roendo-lhe as esperanças no fundo de sua alma estóica. Por várias vêzes a má sorte a visitou desapiedadamente. Incêndio no guarda-roupa, morte de artistas principais, hiatos na saúde, dificuldades de material de importação, todo um cortejo de contrariedades capazes de levar um cidadão ao desespêro, ao abandono de uma idéia encravada nalma, com a fôrça emotiva de um apostolado. A fundadora da "Brasil Vita Filmes" procurava fazer cinema brasileiro ornamentando-o com as côres nacionais, com o propósito de revelar gente e coisas nossas. "Favela dos meus amôres" é uma página romântica num argumento de evidente sentimentalismo. A "favela" dos morros cariocas é uma chaga correndo pus na face radiosa da Cidade. Carmen lhe deu nuanças de amor e fraternidade, sobrepondo o lado amável de uma desgraça social e urbana às ulcerações de topografias que lembram a miséria física e moral de cubatas africanas. Poetisa da película, nunca, jamais se atemorizou diante de percalços e vaticínios desnorteadores. Nutrindo dentro do espírito forte a chama de um sonho que se rompeu a caminho da definição, Carmen Santos deixou exemplo de tenacidade, de nacionalismo, de amor à terra. Trabalhava silenciosamente, e muitas vêzes se esquivou a entrevistas e reportagens. Seu maior desejo era o de ver nas telas do Brasil o "Inconfidência Mineira", no qual interpretou o papel de Bárbara Heliodora. E quando a vemos na tela, encarnando a figura imortal da espôsa de Alvarenga Peixoto, temos a impressão de que, realmente, Carmen Santos está vivendo a tragédia fatal dos mártires de nossa Independência Política nos recuados dias dos fins do século XVIII. Bárbara morreu louca, ao saber da condenação do marido; Carmen, com as angústias no coração, em face da impossibilidade em que estava de poder lutar mais outro tanto em defesa do Cinema Brasileiro, ao qual dedicara tôdas as suas energias, todos os seus recursos. E nota dolorosa: seu passamento se verificou exatamente no dia em que se instalava no Rio, o Primeiro Congresso de Cinema Brasileiro. Morreu a heroína e lutadora incansável; mas não morreu nem morrerá o seu exemplo, que será cada vez mais robustecido pelos continuadores da batalha que se trava em prol da vitória do Cinema Nacional.

**RENATO DE ALENCAR**

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .................. Cr$ 200,00
Seis meses .............................. Cr$ 100,00
Registrada — Um ano ..................... Cr$ 230,00
Seis meses .............................. Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..................... Cr$ 350,00
Seis meses .............................. Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de VICTOR TAPAJÓS — Desenhos de ALBERTO LIMA

Redator-Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor GRATULIANO BRITO — Assistente RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

# A Semana

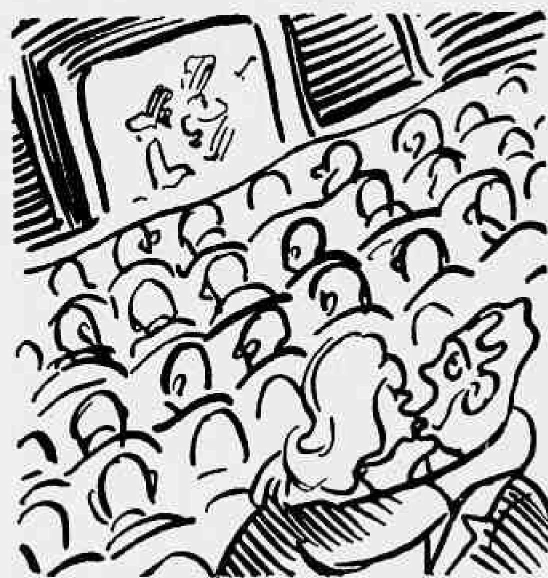
## Uso de carros oficiais

O Diretor do Departamento de Administração do Ministério da Educação e Saúde baixou a seguinte circular dirigida aos diretores e chefes de serviço que se utilizam de carros oficiais: «O Sr. Ministro, mais uma vez, recomenda que se usem automóveis oficiais, exclusivamente, para desempenho de funções que, por sua natureza, exigem êste meio de transporte. Em tais condições, se compreende o emprêgo dêsses veículos em dias úteis, dentro das horas normais do expediente, a não ser em casos excepcionais. A presente recomendação é determinada porque S. Excia. tem verificado pessoalmente, em domingos e feriados, em trânsito, carros oficiais dêsse Ministério, em locais afastados de repartições e fora de quaisquer atividades». E' outro problema insolúvel. Todos nos lembramos o que foi a guerra contra o abuso de carros oficiais nos começos do primeiro govêrno Vargas, quando Ministros como o Sr. José Américo, na pasta da Viação, chegaram a mandar recolher a garagens oficiais todos os carros supérfluos, e, êle próprio, passou a utilizar-se de táxis. Outros Ministros, como, por exemplo, o Sr. Osvaldo Aranha, também aderiram às providências do colega da Viação, ordenando moralidade no uso dos autos oficiais. Quanto tempo durou isso? Apenas o espaço da vida das rosas de Malherbe... E hoje é o que se vê. A recomendação do Sr. Ministro Simões Filho cairá no vácuo. Ninguém liga.




## Polícia de costumes

O deputado Eugênio Quadros acaba de apresentar um projeto de lei, à Assembléia Legislativa de S. Paulo, estabelecendo punição aos «engraçadinhos» que freqüentam as casas de diversões daquela capital, com especialidade os cinemas. Pelo que estabelece o projeto, todo aquêle que fôr encontrado praticando atos que deponham contra a moral, será multado em 200 a 500 cruzeiros, além de ser expulso do recinto, sofrendo ainda processo regular pela Polícia local. O assunto é velho como o Pão de Açúcar. Tudo se resume em educação pessoal e social. Há leis em vigor que punem com multas os «engraçadinhos» e os amorudos cinematográficos, que se sentam nas poltronas com suas amadas, não para ver o filme, mas para proceder com a mesma desenvoltura como se estivessem na casa da futura sogra, sòzinhos e à «média luz». Quando não é isso, são os promotores de assuadas, de pilhérias idiotas, de exclamações imbecis, que só fazem irritar os que não ficam no cinema para ser amolados. E o abuso do fumo? E' também proibido por lei; mas, nem os donos de cinema tomam a peito o acabar com o desrespeito, nem a polícia decide moralizar o ambiente, proibindo, terminantemente, que se fume nas salas de projeção. Não acreditamos que a nova lei do Legislativo Paulista dê resultado.



# A REVISTA há 50 anos

12 de Outubro de 1902

## GARÇA

VINHA chegando o inverno. Além, os cumes das montanhas embuçavam-se em capotes brancos, e, como que se encolhiam todos, para que o vento frio do norte passasse, sem lhes bater de chofre sobre o dorso. Dos bosques desertavam os passarinhos em procura de outro clima, os insectos emmudeciam e uma nuvem alvadia e frigida descia sobre a terra, derramando sobre tudo uma nostalgia immensa, tristissima...

E a garça que eu via tôdas as manhãs, muito branca, muito esguia, vagando pelo aveludado verde da campina, esticou o pescoço e com o olhar investigou toda a profundeza do espaço em procura de alguma nesga de céo onde o sol brilhasse rutilo, festivo, numa apotheose de luz e de alegria, egual á alegria de seu intimo que nunca poude habituar-se ao inverno luctuoso e triste.

Certo, para além, avistou essa nesga de céo dourado, e, relanceando os olhos num ultimo adeus de despedida, por toda a extensão da campina, abriu as azas longas e finas e subindo pelo ar partiu num vôo rapido, soltando um grito triste e lancinante.

★

Não vês tu, também, ó minha amada, tu que és a garca branca que pisa o tapete verde de minha alma, verde das esperanças risonhas, não vês tu, também, partir quando o inverno de minha vida chegar nevando os meus cabelos, fazendo encolher-me todo, como juntando os restos de minhas forças para melhor resistir ás intemperies do frio, não vês tu partir como a garça partiu, soltando um triste grito que ficou vibrando pelo ar como um gemido de angústia e de saudade!... — EMILIO KEMP

● *Entre mamãs andaluzas.*

*— Parece que o seu filho anda muito adeantado no solfejo.*

*— Sim, filha, muito! sempre teve bom ouvido. Quando era pequenino, ainda no berço, quando lhe chegava um diapasão ao ouvido... chorava em lá bemol.*

● *No gremio.*

*— Você anda muito no automovel?*

*— Muitissimo. Tanto que já não admitto outro modo de locomoção.*

*— E o que fazem os seus cavallos?*

*— Cruzam os braços.*

## XADREZ: "MATCH" BRASIL-ARGENTINA

● Deve realizar-se brevemente um segundo «match» pelo telegrapho entre o Club dos Diarios desta cidade e o Club del Progresso de Buenos Aires, nas mesmas condições do que teve logar o anno passado, cujo ruidoso sucesso está ainda na memoria de todos. Sabemos que a digna administracão da «Western Telegraph Company», do mesmo modo que da primeira vez, promptifica-se gentilmente a ligar directamente êsses dois clubs.

## *SURGE ET AMBULA*

*Garrett empunha o latego e fustiga*
*Os morcegos d'arcadia somnolenta;*
*D'entre as brumas do exilio o sol rebenta*
*E doira os horizontes d'alma antiga.*

*Nasce a poesia em borbotões das fontes*
*Mas remotas da raça portugueza*
*E um novo cantor accorda a natureza*
*Que enche de flôres naturaes os montes.*

*Garrett volta de novo e empunha o leme.*
*"Camões", a "D. Branca", o "Alfageme"*
*Levar-nos-ão á terra promettida.*

*A alma litteraria erra sem norte.*
*Vivo, arrancaste-a n'outro tempo á morte,*
*Tu pódes, morto, ainda chamal-a á vida.*

CONDE DE MONSARAZ

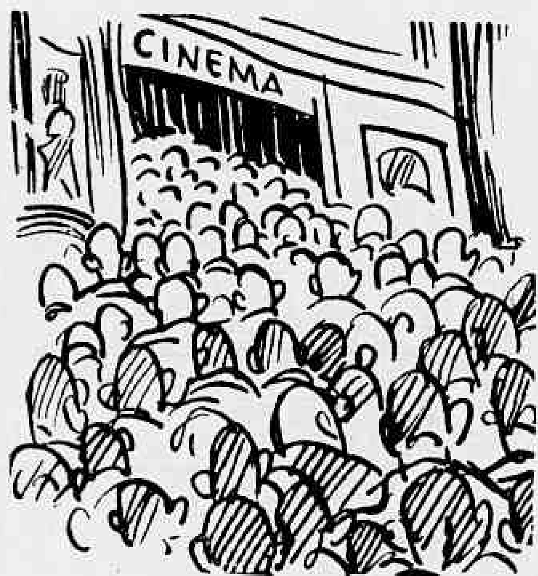
## SOCIEDADE BENEFICENTE MENDES DE ALMEIDA

● Por 1$000 mensaes, pagos em trimestres adiantados, e diploma, os socios desta humanitaria sociedade gozam, desde já, estando quites, das seguintes vantagens: Medico, medicamentos, dentista, advogado, trato de papeis de casamento, enterro e luto. Sede e consultorios — Rua Gonçalves Dias 3, Sobrado. Secretaria: Rua Gonçalves Dias, n. 56, sobrado - Rio de Janeiro.

# Em Revista

## Baixou o preço dos Cinemas

AOS gritos de «cheguei, vi e venci», os estudantes acabam de assinar contrato com os diretores de cinemas ficando estabelecido que voltarão a vigorar os antigos preços de entradas, na base de 3 e 5 cruzeiros. Os estudantes, animados com esta vitória retumbante, decidiram volver suas vistas para outros problemas de interêsse do povo e, dentro de mais alguns dias, iniciarão uma greve para baixar os preços da carne e do pão. A população está solidária com os jovens dos estabelecimentos escolares, e prometem o maior prestígio ao movimento contra a carestia da vida. A mocidade estudiosa, realmente, sempre estêve irmanada a todos os acontecimentos culminantes da vida nacional, e agora entra na reta da ação de combate ao custo da vida, tendo começado com a batalha dos altos preços das entradas de cinema. Mas, como «nem só de cinema vive o homem», os estudantes acham que pão e carne também devem baixar. Depois, com certeza, enfrentarão o preço excessivo do leite, do bacalhau, dos sapatos, do peixe, do camarão, das passagens em geral, dos aluguéis de casas e apartamentos, barracos e outras calamidades iguais. Se os nossos estudantes obtiverem isso, merecem estátuas em tôdas as praças públicas. Se não alcançarem, voltará o cinema aos preços altos e muita gente se recordará com saudade, dos tempos da infância que não voltam mais. Isso, leitor, sucedeu em Florianópolis...




## Uma lei das Arábias



**DIZEM notícias de Djeddah, Arábia Saudita, que o govêrno do país acaba de tomar medidas enérgicas contra o uso de bebidas alcoólicas, bem assim, contra todo aquêle que conservar consigo líquidos dessa natureza. Para os nacionais a punição é de uma surra tremenda, à vista do povo, a fim de que sirva de lição aos infratores; mas, para os estrangeiros, o chicote não atuará. O crime será apenas de expulsão do país, imediatamente. Que se acautelem os nossos «paus-d'água», pois se no Brasil fôr instituída uma lei dessas e executada à risca, a população do país desaparecerá, ou então a arnica subirá a preços astronômicos. Nota-se mesmo, que já se tornou «chic» colocar-se à vista de todo mundo, em casas e apartamentos elegantes, um bar cheio de bebidas nacionais e estrangeiras. Os maiores fazem seus coquetéis à vista dos filhos menores, dando-lhes exemplos deploráveis, estimulando-os à ingestão de bebidas alcoólicas. Contam mesmo, que, certo novo-rico, exibiu como sua maior glória, uma coleção de garrafas de cachaça de quase tôdas as partes do mundo. Durante a palestra, tendo surgido dúvidas quanto à origem de determinado vidro encachaçado, pediram ao anfitrião que permitisse consultar um dicionário em sua biblioteca. Impossível. Não havia um só livro no palacete.**

## A PERSONAGEM da SEMANA


*Ministro Francisco Negrão de Lima*

NA paisagem política nacional há prenúncios inquietantes. O senso meteorológico dos políticos e jornalistas, ou o seu mêdo de assombrações, vive anunciando perigos que, reais ou imaginários, estão criando o paradoxal ambiente caloroso da guerra fria. Anunciam-se trovoadas, que não devem ser pré-fabricadas, como as do dr. Janot Pacheco. Nesse ambiente de quase histeria, de que a imprensa é também culpada, pela divulgação de sensacionalismos, o pânico de não se sabe que perigos, perturba os ânimos e anima os arrebatamentos. A superexcitação dos espíritos generaliza-se. Velhos deputados temperamentais, porque um delegado de Polícia, que precisa de uma cura de repouso e banhos quentes, se excede e ameaça um advogado, tonitroa frases subversivas e campanudas. Incitam a desordem os que clamam pela ordem. No meio dessa agitação, destaca-se a serenidade e o equilíbrio do Ministro da Justiça, o sr. Francisco Negrão de Lima, a quem, como mineiro, não falta aquêle grave senso da ordem, de que falava João Pinheiro. Suas atitudes e palavras são sempre as de um homem de govêrno, cônscio de suas responsabilidades e com a compreensão do papel da autoridade num país civilizado, onde o direito é a atmosfera imprescindível à própria existência social. Não lhe falte nunca o apoio necessário à sua missão e todos sabem que ninguém precisará, como belicosos pacifistas preconizam, de se armar para defender-se daqueles que a Nação armou para sua defesa.


**Casada ou Solteira**

**Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.**

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

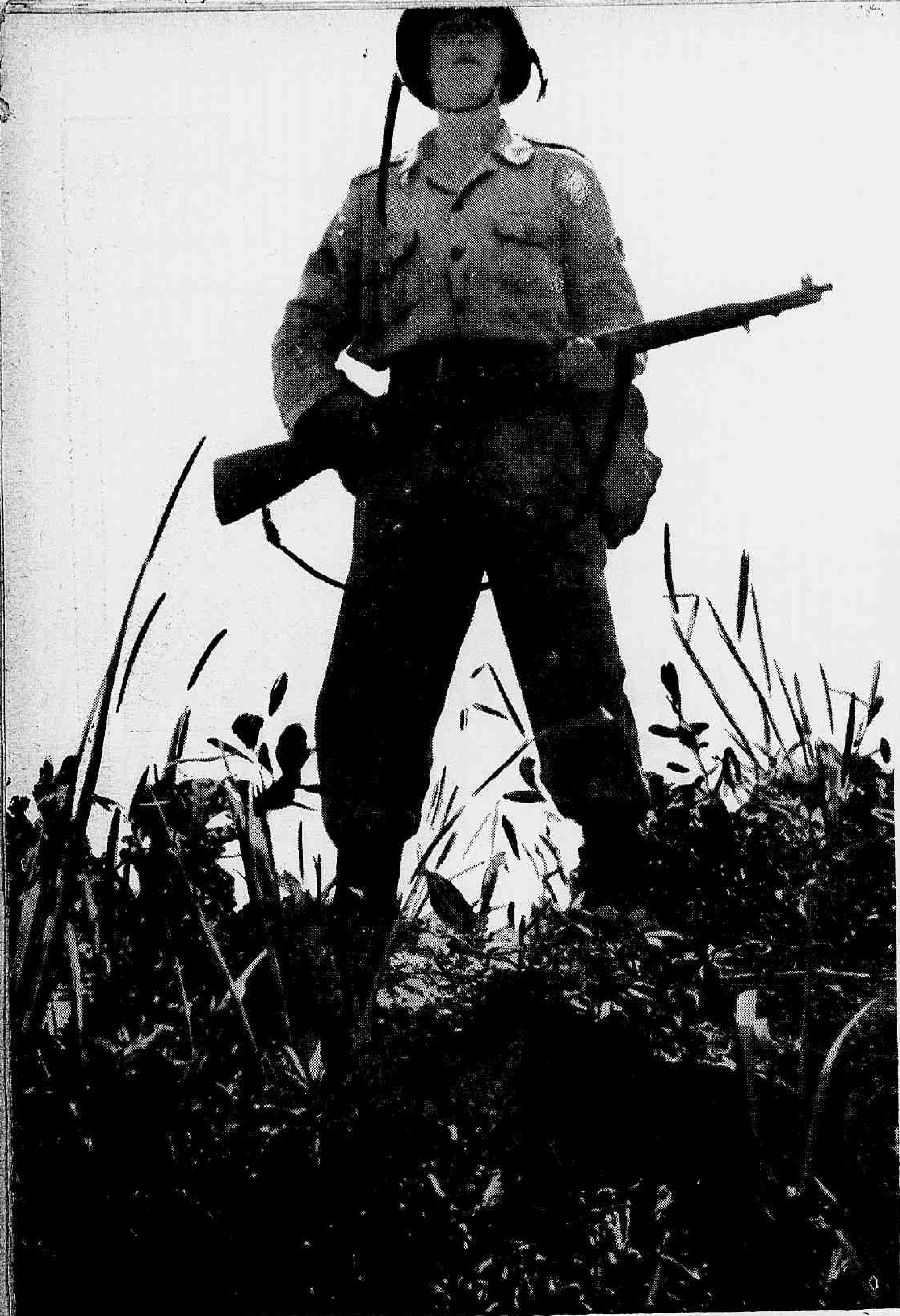
Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

*Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

*Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira



VIGILANTE, o sentinela não tirava os olhos do horizonte, onde o mar ondulava. Dali surgiria o inimigo.



APOIADOS pela aviação e pela marinha, os Vermelhos atacaram de rijo, conseguindo tomar longa extensão, logo nos primeiros momentos da luta.

# "GUERRA" CONTRA OS VERMELHOS

DOZE MIL HOMENS EM ARMAS ★ MANOBRAS CONJUNTAS DA AVIAÇÃO, MARINHA E EXÉRCITO DO BRASIL ★ OS "VERMELHOS" INVADEM A PRAIA GRANDE ★ A CONTRA-OFENSIVA "AZUL" SALVA OBJETIVOS ESTRATÉGICOS ★ COMBATES NAVAIS, TERRESTRES E AÉREOS

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI

PRAIA GRANDE, S. Vicente, setembro — As metralhadoras pipocavam furiosamente, varrendo a praia. Homens arcados corriam, buscando posições melhores. Outros tombavam, passando despercebidos, no fragor da batalha que se desenvolvia em vasta extensão da Praia Grande, no litoral paulista. No oceano, ao longe, numa distância de 45 quilômetros, cruzadores e contratorpedeiros bombardeavam a orla, impiedosamente. As peças de artilharia de costa respondiam ao fogo do invasor Vermelho, enquanto baterias antiaéreas tentavam abater aviões que bombardeavam e metralhavam as posições de defesa.

Ali na praia, onde a vegetação não encontrara fôrças para crescer, centenas de homens haviam desembarcado, há minutos. A paz bucólica da região onde o paulistano busca descanso, nos fins de semana, havia desaparecido. As árvores tremiam, sacudidas por espasmos esquisitos, provocados pelo canhoneio e, tudo aquilo que representava paz, segurança e confôrto, se transformou, como por encanto, num verdadeiro inferno flamejante.



CENTENAS de tiros foram dados. A Praia Grande se transformou num autêntico campo de luta. Atiraram com grande perícia os nossos artilheiros.



**MUITOS tombaram, ao querer firmar a cabeça de praia, ao longo do litoral. A luta durou todo o dia no litoral de São Paulo, com grande êxito.**



**No dia "D", as tropas vermelhas esconderam-se sob grandes cortinas de fumo. Um soldado põe um tubo fumígeno, no momento preciso da ação!**



**OUTROS foram aprisionados e remetidos para a retaguarda, onde o Alto Comando Azul os inqueria sôbre o poderio do contingente anfíbio atacante.**

Granadas e morteiros levantavam grossos cogumelos, no mar revôlto, enquanto o barulho dos tiros ia tomando tal intensidade se nos afigurando que o mundo ia acabar.

As aeronaves inimigas davam piquês, roncando alto, soltando bombas de gasolina gelatinosa, metralhando, meticulosamente, as posições da praia.

A invasão Vermelha tivera início. Os Vermelhos, vindos de suas bases aéreas, marítimas e terrestres, de Florianópolis, em Santa Catarina, iniciavam o ataque tendente a tomar Santos, destruindo os meios de comunicação com o planalto bandeirante; a usina hidrelétrica, a refinaria de petróleo e o oleoduto, tornando, dessarte, praticável a tomada da capital do Estado.

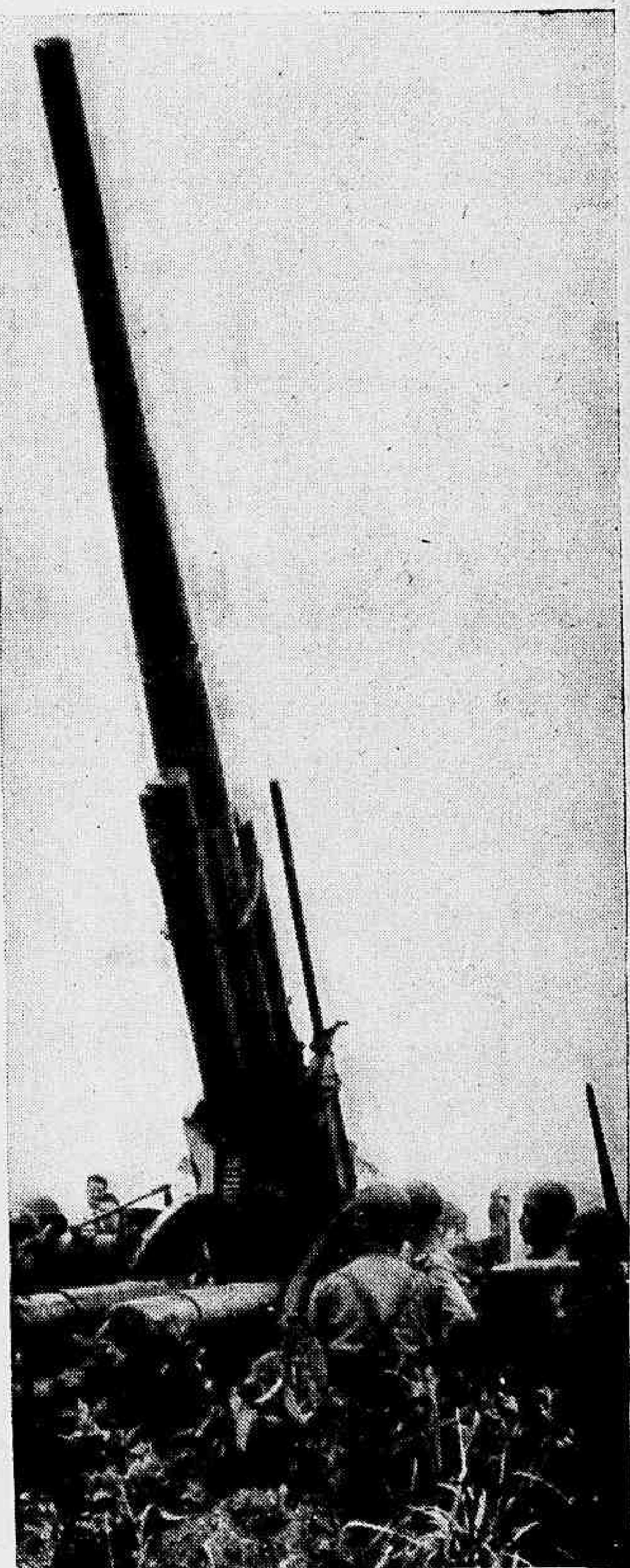
Desde o dia 12, as tropas de defesa do Pôrto de Santos e áreas adjacentes, estavam à espera do dia «D» quando se daria o contato com o invasor, que vinha tomando, com relativa facilidade, os Estados sulinos.

Dia e noite, aparelhos de radar sondavam, em tôdas as direções, à cata de vestígios do inimigo. A fôrça aérea da defesa, em conjunto com barcos-patrulha da marinha, buscava aeronaves ou belonaves Vermelhas, em aproximação. A tensão ia aumentando, cada minuto que passava e as tropas estavam de prontidão. Nos fortes e nas posições da Praia, os oficiais se mantinham em contato permanente com o Alto Comando, ficando a par dos serviços levados a efeito para localizar o inimigo.

E, dia 12, entre 8 e 12 horas, teve lugar o primeiro contato com o atacante, quando a esquadra e a aviação Vermelhas fizeram as primeiras incursões sôbre o Pôrto e a área estratégica de Santos, sendo, todavia, rechaçadas pela artilharia de costa e antiaérea dos fortes e da Praia Grande, esta postada entre Monguaguá e Boqueirão.

★

Êsse primeiro combate simulado deu início às maiores manobras militares realizadas em litoral paulista e aos únicos exercícios militares levados a efeito, em nosso país, com o concurso da aviação, marinha e exército.



**BATERIAS antiaéreas em ação. Incansàvelmente, os artilheiros azuis não dão tréguas à aviação vermelha. Ajustam a pontaria e... fogo... fogo...**



**AS PEÇAS 132,4 mm estremeciam as casas dos arredores, como se tudo aquilo fôsse um tremendo terremoto. Não houve vítimas a lamentar.**

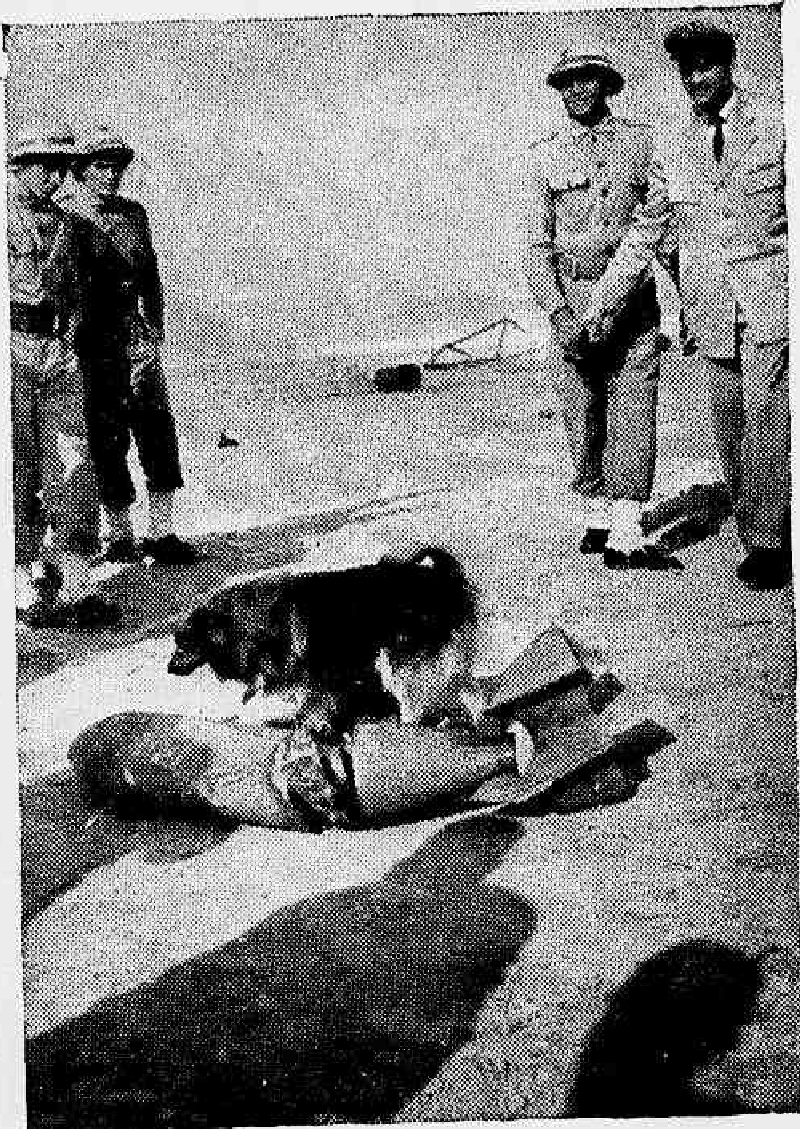


**O GRUPO bandeirante, atirando com canhões antiaéreos de 40 milímetros ofereceu um magnífico espetáculo do treinamento das Fôrças Armadas.**

## «GUERRA» CONTRA OS VERMELHOS



**O MUNICIADOR "Nisei". Os filhos de japonêses, nascidos em São Paulo, são bem brasileiros e patriotas: aprendem a defender a terra natal! ...**



**ESTA é a famosa bomba de gasolina gelatinosa. Não explodiu. Quem foi que disse que só a mulher é curiosa? Os cachorros também o são...**

Há dias, vinham as tropas de terra se instalando, no mister de defender os objetivos estratégicos visados pelo inimigo. Um tema foi elaborado, pelo Alto-Comando das manobras, imaginando que havia eclodido uma guerra entre o Brasil e um país do sul, cujos limites estavam em terras nacionais. Duas coligações tomariam parte nessa guerra: a Azul, de defesa, e a Vermelha, de ataque.

Tendo navios mercantes brasileiros sido atacados por belonaves Vermelhas e em face do crescente de atos de sabotagem, que iam sendo praticados, dentro de nossas fronteiras, por uma quinta-coluna bem organizada, foi decretado o estado-de-guerra e a mesma declarada aos Vermelhos.

As fôrças navais de ataque, que estavam sediadas em Florianópolis, lançaram-se a mar alto com uma esquadra composta de cruzadores, contratorpedeiros, submarinos e porta-aviões, destacando uma fôrça de desembarque, composta de fuzileiros navais, a quem caberia invadir Santos, entrando pela Praia Grande, sob o apoio da marinha e da aviação.

Dia 12, foi o primeiro dia das manobras pròpriamente ditas. Doze mil homens, em terra, mar e ar, empenhavam-se em cumprir, à risca, o plano estabelecido. A marinha deveria ter concorrido com vasos de guerra, submarinos e fuzileiros, mas, em virtude de fatôres técnicos, não pôde enviar nem os homens e nem os submersíveis.

Os fuzileiros, quando do dia «D» — dia de contato — foram substituídos pelos homens do 2º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, que abandonou a posição de Azul, para fazer papel de invasor.

A aviação participou com caças P-40 e P-47, que fizeram vôos de reconhecimento, metralhamento e bombardeamento de alvos, na praia, bem como o rebocamento de birutas para os exercícios da artilharia antiaérea.

Os exercícios de tiro da artilharia costeira eram feitos em birutas rebocadas por pequenas embarcações, a cinco mil metros da praia, enquanto os da antiaérea em birutas, rebocadas por aviões, a 1.500 metros de distância e 800 de altura.

**COM A PALAVRA os canhões. As baterias em**

CALENDÁRIO DE GUERRA

Dia 12 teve início o contato com o inimigo que, no dia imediato, prosseguiu suas sortidas aéreas de reconhecimento e destruição de objetivos. Dia 13 foi outro dia de tensão. Os homens de terra aguardavam, para qualquer momento, o desembarque Vermelho. Dia 14 travou-se a maior batalha naval das manobras. Do pôrto de Paranaguá, partira um comboio Azul, com suprimentos e munições, apoiado pelo cruzador «Barroso» e pelo contratorpedeiro «Marcílio Dias». A fôrça naval Vermelha, sediada em Florianópolis, foi informada, pela quinta-coluna, da partida do comboio e decidiu interceptá-lo, num raio de 30 graus do farol das Conchas. Porém, o Estado-Maior Azul, cientificado do que se passava, ordenou que a chegada do comboio fôsse retardada 12 horas, destacando um Grupo Tarefa para interceptar e dar combate à flotilha Vermelha. Às 20 horas, teve início o combate naval. Enquanto êste se desenvolvia, a fôrça anfíbia inimiga aproximou-se da costa, colocando-se em posição de desembarque para no amanhecer do dia seguinte, se as condições meteorológicas permitissem, realizar o desembarque e tomada dos objetivos visados.

Os Azuis perderam o contratorpedeiro «Marcílio Dias», durante a refrega, mas o comboio logrou alcançar seu ponto de destino.

Durante o decorrer dêsse dia, as tropas da defesa não tiveram descanso e foram constantemente castigadas pela aviação e pelo bombardeio de vasos de guerra inimigos.



**SOB MIRA** — os canhões roncam, as bombas explodem. Mas a infantaria é que decide a sorte da batalha.



**plena ação, despejam um inferno de fogo e aço contra as formações de tropas inimigas, que capitulam, depois de haver, por um instante, dominado.**

Dia 15, exatamente às 10 horas da manhã, após intenso bombardeio e metralhamento das posições de terra, os Vermelhos desembarcaram seus homens, apoiados por tanques leves e artilharia.

Os invasores, de início, lograram tomar vasta extensão de praia, enquanto os canhões dos navios abriam caminho para sua avançada. A artilharia Azul não descansou um só segundo, tentando pôr têrmo à invasão.

Os combates tiveram longa duração e sòmente uma pronta e enérgica contra-ofensiva Azul evitou a derrota. A artilharia martelou sôbre os vasos de guerra, que, retirando-se, deixaram as fôrças anfíbias Vermelhas sem apoio e abandonadas.

As baixas, em ambas as partes, foram de 70 por cento para os Vermelhos e 55 para os Azuis.

RESULTADOS DOS EXERCÍCIOS

A marinha apresentou-se com os dois cruzadores recentemente adquiridos dos Estados Unidos: o «Tamandaré» e o «Barroso», além das novas unidades contratorpedeiras.

Os rapazes da aviação, pertencentes ao 1º Esquadrão de Caça da Base Aérea de Santa Cruz, apesar de usarem aparelhos P-47 e P-40, tiraram exclamações de quantos assistiram ao metralhamento e bombardeamento dos objetivos de terra, pois estavam treinadíssimos e com uma eficiência única. Bombardearam e metralharam, sem errar, os alvos de terra, voando até a 4 metros de altura, numa velocidade vertiginosa.

O exército, por seu turno, apresentou-se impecável e bem mais atualizado. A artilharia merece destaque especial, em vista da eficiência com que agiu, ressaltando a mira dos rapazes do Grupo Bandeirante, que atuou na FEB. Seus canhões de 40 milímetros não erraram um só tiro antiaéreo.

A maior novidade das manobras foram as bombas de gasolina gelatinosa, que estão sendo utilizadas na Coréia. Os fuzis também são modernos: Garands, substituindo os velhos modelos 1914. O elemento químico também atuou com eficiência. Utilizou, o exército, geradores de fumaça, para esconder da aviação suas tropas, comando e objetivos importantes, com êxito total. Essa operação realizou-se ao amanhecer do dia «D» — dia 15 — quando as tropas de terra ocultaram-se sob o manto alvo da fumaça.

Dia 15, após combates que só terminaram ao anoitecer, encerraram-se as manobras e, já no dia 16, o exército levantou acampamento, fazendo regressar, em comboios, suas tropas, para as respectivas unidades da Capital e do interior.

Os resultados ficaram em segrêdo. São patrimônio das Fôrças Armadas Brasileiras. Da apreciação dos árbitros militares que acompanharam os exercícios, surgirão novas melhorias no seio das Fôrças Armadas.

Essas manobras iriam provar quais as possibilidades de defesa do Pôrto de Santos e adjacências, em caso de remota invasão. Ali, onde a serra nasce e corre para o planalto, estão todos os objetivos estratégicos que um inimigo procuraria destruir, em caso de guerra. Na raiz da Serra do Mar, localiza-se a usina hidrelétrica, que mantém em permanente funcionamento as indústrias paulistas. Lá, também, está sendo montada a refinaria de petróleo e é o ponto inicial do oleoduto que abastecerá a capital do Estado. Por essa razão foi São Vicente o local escolhido para as manobras.

Os árbitros reuniram-se, deram seus respectivos pareceres que, posteriormente, foram apreciados pelo Comando Geral. Nada transpirou e o general Henrique Duffles Teixeira Lott, então comandante da 2ª Região Militar, abordado pelo repórter, disse apenas que estava satisfeito com os resultados dos exercícios. A mesma opinião foi expressada pelos representantes das demais armas.

Tudo correu normalmente e, para gaudio da nação, não se registrou qualquer acidente de natureza fatal. Cêrca de 50 homens baixaram aos hospitais de campanha. Porém, em sua maior parte foram abatidos por gripes ou resfriados, em virtude da inclemência do tempo, que foi de chuvas, durante todos os dias que duraram as manobras.

A imprensa participou ativamente, percorrendo, diàriamente, o «campo de luta», registrando, «in loco», o desenrolar dos exercícios, tendo lamentado, sòmente, não ter sido credenciada, como seria o caso, correspondentes de guerra, participando, em tudo, com as Fôrças Armadas.

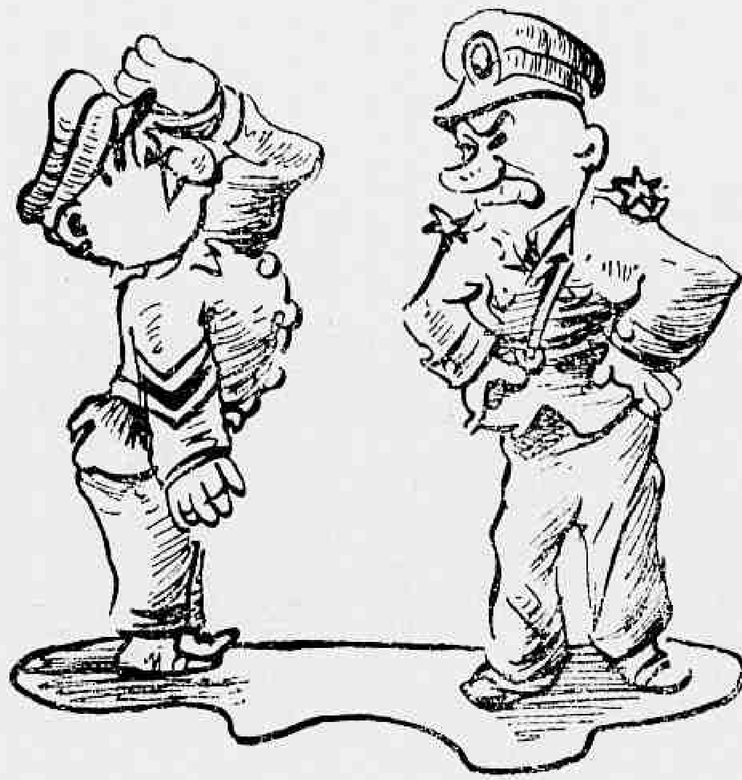
Temos a registrar, ainda, que, a despeito das chuvas torrenciais que se abateram sôbre o litoral paulista, durante o decorrer das manobras, pouco ou quase nada foi alterado, havendo sòmente modificações dos planos nos casos em que, mesmo numa guerra real, careceriam de alterações

# ESTE MUNDO E O OUTRO

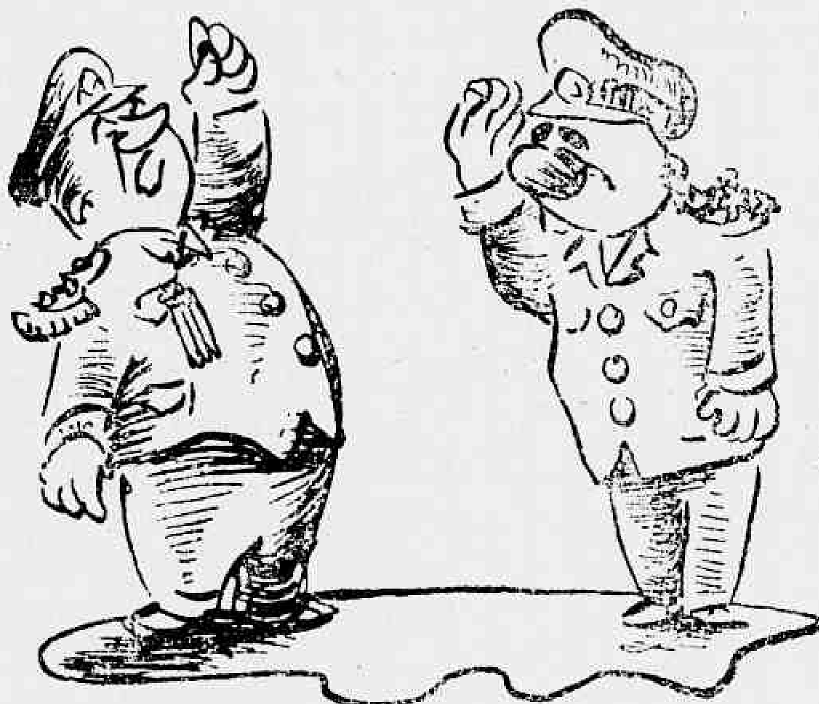
Criação de DARCY

## NÃO SOMOS NADA


1


2


3


4


5


6

# CONDENADA!

D. HELBE MASCARENHAS DE MORAIS ENFRENTA O JÚRI ★ A SOCIEDADE A PUNIU COM SEIS ANOS DE PRISÃO ★ O FILHO MENOR É A MAIOR VÍTIMA

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

**O advogado, dr. Romero Neto, quando procurava libertar sua constituinte das grades de uma condenação iminente. Sua argumentação foi exuberante, mas o «veredictum» lhe foi completamente adverso.**

O Rio, como sucede com tôdas as grandes metrópoles, tem os seus crimes famosos, muitas vêzes arrastando nas tarrafas das mais dolorosas celebridades pessoas do alto mundo social. Um dêsses delitos mais impressionantes foi o que resultou na morte do cap. Roberto Mascarenhas de Morais, abatido a tiro de revólver pela sua espôsa, d. Helbe, impulsionada pela paixão. Seu defensor foi o advogado Romero Neto, causídico dos mais consagrados nos meios jurídicos de nosso fôro criminal, sem que lhe houvesse sido possível conseguir-lhe a absolvição. A criminosa foi condenada a seis anos de prisão, numa das mais extenuantes sessões do júri popular do Rio, a 26 de setembro último. A opinião pública se mostrou dividida em tôrno do lutuoso acontecimento. A pessoa do assassinado muito influiu para que a opinião pública discutisse o fato, pois se tratava de pessoa da alta sociedade carioca, oficial do nosso Exército e filho do Marechal Mascarenhas de Morais. Em tôda a tragédia uma das maiores vítimas é o filho do casal, Robertinho, ainda de menor idade e que não pode compreender tôda a profundidade do mal que o colheu em suas malhas. O crime, porém, se caracterizou como um dos que mais se filiam à figura do passional. A espôsa do morto, que não vivia em harmonia com êle, procurara-o para que novamente se unissem, continuando a vida do lar sem rusgas nem desconfianças. Mas, segundo se divulgou, o cap. Roberto não queria mais, de forma nenhuma, restabelecer aquêle amor que o vinculara à espôsa, e a repeliu enèrgicamente, quando ela procurava demovê-lo de seus propósitos de desfazer completamente o matrimônio. Desvairada, tira o revólver que trazia na bôlsa e o alveja, matando-o. Prêsa em flagrante, daí por diante sua vida se tornou um inferno. A lembrança do ato delituoso, a imagem do filho com o pai morto e a mãe entre as grades de uma prisão,

(Cont. na pág. 52)

**Dona Helbe Mascarenhas de Morais, cujos traços de dor e sofrimento refletem em sua fisionomia as angústias por que tem passado desde a hora trágica em que, em plena rua, alvejou o seu espôso.**

SEGUE

# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 ............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 ............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 ............. | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 ............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze .......................... | | O gênio em pessoa |

1 — EM QUE CIDADE DO BRASIL HÁ O MENOR JORNAL DO MUNDO:

— Em Pitangui, Minas?
— Em Joazeiro, Ceará?
— Em Itaqui, Rio Grande do Sul?

2 — QUAL DESTAS CIDADES É A CAPITAL DA AUSTRÁLIA:

— Sidney?
— Melbourne?
— Canberra?

3 — QUE QUER DIZER «LANITAL»:

— Lã sintética, de caseína?
— Armazém onde se guardam couros de ovelhas?
— Roçado de cereais?

4 — QUE LEMBRAM OS NOMES DE JOSEFINA E MARIA LUÍSA:

— Duas gêmeas do Canadá?
— Um conto de Hoffmann?
— As duas espôsas de Napoleão?

5 — D. PEDRO I DO BRASIL FOI:

— D. Pedro IV de Portugal?
— D. Pedro II da Espanha?
— D. Pedro III de Goa?

6 — QUAL A MAIOR ILHA FLUVIAL DO BRASIL:

— A de Marajó?
— A do Bananal?
— A dos Bois?

7 — QUAL O RIO QUE FORMA A ILHA DO BANANAL:

— O S. Francisco?
— O Tocantins?
— O Araguaia?

8 — EM QUAL DÊSTES ESTADOS DO NORDESTE BRASILEIRO FICA A CIDADE DO CRATO:

— Ceará?
— Pernambuco?
— Alagoas?

9 — QUEM FOI A BEATA MARIA DE ARAÚJO:

— Mártir da guerra holandesa?
— Revolucionária baiana?
— A pessoa que iniciou os milagres do Pe. Cícero em Joazeiro do Ceará?

10 — EM QUAL DESTAS CIDADES MINEIRAS TERMINA A NAVEGAÇÃO DO ALTO S. FRANCISCO:

— Pirapora?
— Montes Claros?
— Carinhanha?

11 — QUAL DESTAS CIDADES É A DE MAIOR ALTITUDE SÔBRE O NÍVEL DO MAR:

— Teresópolis?
— Barbacena?
— Diamantina?

12 — QUAL DESTAS CIDADES SE CHAMOU, INICIALMENTE, «VILA DE ALBUQUERQUE»:

— Olinda?
— Mariana?
— Viçosa?

13 — EM QUAL DÊSTES ESTADOS FICA O SANTUÁRIO DO BOM JESUS DA LAPA:

— Paraná?
— Minas?
— Bahia?

14 — QUE VEM A SER EXU, NA TERMINOLOGIA DO BAIXO ESPIRITISMO:

— S. Jorge?
— O diabo?
— Pai de Santo?

15 — QUAL DESTAS IRMANDADES CATÓLICAS A QUE PRIMEIRO CHEGOU AO BRASIL:

— Jesuítas?
— Franciscanos?
— Carmelitas descalços?

(Respostas na pág. 48)

# CONDENADA!



A acusada ao transpor os umbrais do recinto do Tribunal Popular do Júri, a fim de assistir a tôdas as fases de seu julgamento. Levava em seu espírito a serena tranqüilidade dos que esperam absolvição.



No banco dos réus — entre dois soldados — a espôsa do capitão Roberto Mascarenhas de Morais ouve a defesa do seu patrono e experimenta as mais diversas sensações no transcorrer do duelo oratório.



Dona Helbe Mascarenhas de Morais no momento em que ouvia a cerrada acusação da Promotoria Pública, fecha os olhos e tem os lábios entreabertos, como que rogando aos céus a misericórdia de um milagre.



O juiz presidente do Tribunal do Júri ouve, atentamente, o desenrolar das argumentações veementes com que a Promotoria Pública, eloqüentemente, procurou sustentar o libelo acusatório e pedia a sumária condenação da ré.

# PASSATEMPO

## LIDERGRAMA N.º 24

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | Homem muito rico → | 18 | 31 | 83 | 124 | 4 | 74 | |
| B | Frutos do ingazeiro → | 38 | 28 | 43 | 104 | 67 | | |
| C | Mexes, agitas → | 17 | 93 | 127 | 51 | 115 | | |
| D | No intervalo de → | 126 | 112 | 41 | 9 | 81 | | |
| E | Ilha pequena → | 92 | 64 | 113 | 16 | 50 | 5 | |
| F | Recolocar → | 97 | 107 | 15 | 68 | 120 | | |
| G | Argila colorida por óxido de ferro → | 13 | 33 | 75 | 101 | | | |
| H | Satisfaço o prometido → | 37 | 11 | 109 | 73 | 46 | 114 | |
| I | Que se orgulha de alguma coisa → | 25 | 8 | 98 | 40 | 121 | | |
| J | Caminhos, rotas → | 55 | 119 | 87 | 53 | 14 | | |
| K | Íntimos → | 96 | 49 | 30 | 106 | | | |
| L | Observava → | 22 | 94 | 65 | 3 | 76 | 48 | |
| M | Coisa fácil de ser feita → | 20 | 56 | 85 | 61 | | | |
| N | Divisão dos meses dos antigos romanos → | 63 | 29 | 111 | 23 | | | |
| O | Montes de areias móveis → | 12 | 44 | 35 | 7 | 99 | | |
| P | Atrás de → | 45 | 123 | 34 | 6 | | | |
| Q | Criador de tôdas as coisas → | 47 | 10 | 71 | 57 | | | |
| R | Fricciono, limpo → | 19 | 36 | 90 | 102 | 72 | 1 | 118 |
| S | Filho primogênito de Noé → | 52 | 24 | 89 | | | | |
| T | Cidade da Itália, célebre pelos seus canais → | 100 | 39 | 32 | 117 | 78 | 59 | |
| U | Aguardem → | 79 | 82 | 125 | 95 | 60 | 42 | 58 |
| V | Cabeça de gado → | 2 | 88 | 80 | | | | |
| W | De pouca duração (pl.) → | 103 | 91 | 77 | 62 | 122 | 69 | |
| X | Do lado de cá → | 84 | 70 | 54 | 108 | 26 | | |
| Y | Ainda → | 105 | 21 | 116 | 86 | | | |
| Z | Existo → | 110 | 66 | 27 | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| R 1 | V 2 | L 3 | A 4 | E 5 | P 6 | ■ | O 7 | ■ | I 8 | D 9 | Q 10 | H 11 |
| O 12 | ■ | G 13 | J 14 | ■ | F 15 | E 16 | C 17 | A 18 | R 19 | M 20 | ■ | Y 21 |
| L 22 | ■ | N 23 | S 24 | I 25 | ■ | X 26 | Z 27 | B 28 | N 29 | K 30 | ■ | A 31 |
| T 32 | G 33 | P 34 | O 35 | R 36 | H 37 | B 38 | T 39 | I 40 | D 41 | U 42 | ■ | B 43 |
| O 44 | P 45 | H 46 | Q 47 | L 48 | K 49 | ■ | E 50 | C 51 | S 52 | J 53 | X 54 | J 55 |
| M 56 | Q 57 | ■ | U 58 | T 59 | U 60 | M 61 | W 62 | N 63 | E 64 | L 65 | Z 66 | B 67 |
| F 68 | W 69 | ■ | X 70 | Q 71 | R 72 | ■ | H 73 | A 74 | G 75 | ■ | L 76 | W 77 |
| T 78 | U 79 | V 80 | ■ | D 81 | U 82 | A 83 | X 84 | M 85 | Y 86 | J 87 | ■ | V 88 |
| S 89 | ■ | R 90 | W 91 | E 92 | C 93 | L 94 | U 95 | K 96 | F 97 | I 98 | O 99 | ■ |
| T 100 | G 101 | R 102 | W 103 | B 104 | Y 105 | K 106 | ■ | F 107 | ■ | X 108 | H 109 | ■ |
| Z 110 | N 111 | D 112 | E 113 | H 114 | C 115 | ■ | Y 116 | T 117 | ■ | R 118 | J 119 | F 120 |
| I 121 | ■ | W 122 | ■ | P 123 | A 124 | U 125 | D 126 | C 127 | ■ | Otaner · Rio | | |

EXPLICAÇAO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N. 23 — L. PRADO — CRIAI NOVO DESTINO — "A mente que enfrenta tudo com alegria vence sempre, porque a atitude de alegria é ascendente, transcendendo aquilo com que entra em contato e se eleva acima disso."

# UM RÁDIO-TEATRO DE PRIMEIRA LINHA NA RADIO BANDEIRANTES

A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA ESTÁ APRESENTANDO NO SETOR DE RADIONOVELAS UMA DAS MAIS BRILHANTES ATIVIDADES QUE O BROADCASTING BRASILEIRO CONHECE — OS MAIS DESTACADOS E QUERIDOS ARTISTAS DO RÁDIO ESTÃO ATUANDO AO MICROFONE DA H-9 — É PRIVILEGIADA A POSIÇÃO DA RÁDIO BANDEIRANTES DE S. PAULO JUNTO AO VASTO PÚBLICO QUE APRECIA NOVELAS DE RÁDIO.




Amaro Cézar e Lucília Freire, valores do «cast» radiatral da Bandeirantes, vivem uma cena de grande efeito, numa novela de Ivany Ribeiro.

A novela é um gênero que pode ser discutido, mas cuja popularidade não pode ser negada. São aos milhões os ouvintes, principalmente do sexo frágil, que encontram na novela de rádio a sua melhor diversão. Êsses fatos são muito conhecidos. E ainda mais pela direção da Rádio Bandeirantes, a qual através dos anos, realizou um trabalho nesse setor, hoje digno dos maiores encômios. De fato, a transmissão de rádio-novelas pela Rádio Bandeirantes de São Paulo é uma das mais belas contribuições para que êsse apreciadíssimo gênero actinja um máximo de qualidade.

*Os nomes que se encontram à frente das rádio-novelas da Rádio Bandeirantes são um dos principais títulos e razões para êsse sucesso.*



Prata da casa, Dorinha Bueno é um dos valores do radiatro da Bandeirantes e, com muita justiça, ganhou um lugar de destaque no «broadcasting» paulista, através de suas qualidades como intérprete nos vários papéis que lhe são confiados.



Além de excelente radiator, José Moura divide a sua atividade com o setor da «contra-regra», onde demonstra vastos conhecimentos da difícil tarefa. A êle, o teatro-cego deve uma grande parcela de sucessos, dado ao carinho com que cuida de transmitir ao ouvinte os ruídos exatos, exigidos pelos vários «scripts»



Para uma interpretação fiel e que possa causar a melhor das impressões no ouvinte, necessário se torna a melhor das atenções sôbre o «script». Na fotografia, vemos Gustavo da Cruz, Hélio Rossi e Alberto Teles, no momento em que era transmitido um capítulo da «Novela Matinal» — apresentada por Luiz de Oliveira.



Mário Tupinambá veio da Bahia para o rádio paulista. Contratado pela Bandeirantes, revelou-se em pouco tempo um valor de primeira categoria e é hoje elemento de destaque nos vários programas falados da PRH-9.



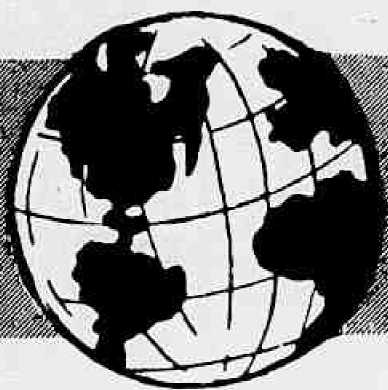
Durante vários anos, a Bandeirantes mantém em cartaz um dos programas mais ouvidos em S. Paulo. Trata-se de «Aquarela», transmitido diàriamente às 14 hs. Henzo de Almeida Passos, Ruth Schelzky e José Moura aparecem na foto, numa audição do famoso programa.



«Novela para você», um dos maiores cartazes do rádio paulista, apresenta sempre intérpretes de valor, entre êles Nelson Machado, Dulcemar Vieira e Defínio de Paula, que aparecem no «cliché» acima.



O sucesso de uma novela radiofônica tem base na interpretação fiel dos seus artistas. Lídia Costa e Fernando Machado de Campos são duas garantias de êxito em qualquer novela que a PRH-9 manda ao ar.



# LIDO... VISTO...

## PSICANÁLISE

VAI para um quarto de século, as teorias de Freud eram conhecidas apenas de pequeno numero. Hoje tão vulgarizadas se encontram, que desde a grã-fina, que sòmente cuida de modas, de recepções e pianos para a futura viagem à Europa, até as criadinhas mais pernósticas, «habitués» das gafieiras, falam desembaraçadamente, empregando, a propósito ou sem propósito, as expressões «complexo», «recalque», «subconsciente», com abundância alarmante.

Madame Chaves — chamemo-la assim — uma das que, além de vestirem modelos de Dior e Schiaparelli, usam também os perfumes de ambos e os mais espantosos chapéus de Paris, chegou da Europa achando que não se é completamente «chic» se não se vai, com freqüência, ao consultório de um psicanalista em voga.

Chegada há dias, depois de haver estado no famoso Castelo de Corbeville, onde Jacques Pouca Roupa Fath bancou o índio de «lá bas», dançou o «sambá» e fêz Jean Barrault exibir-se no «frevô», foi ao Professor psicanalista, para fazer a sua higienezinha mental.

O dr. Lino, que para ela é «o maior», em seu elegantíssimo gabinete, para começo de conversa, pede-lhe, amàvelmente:

— Agora, Madame, por obséquio, conte-me o que sonhou à noite passada. Mas não esqueça nada. Conte tudo. Lembre-se que todos os detalhes são importantes.

Madame esforça-se para recordar. Seus olhos langorosos parecem estar longe. Sua boquinha mimosa aperta-se, contrai-se, gesto todo seu, quando ela está pensando. Um lencinho, de perfume estonteante, um lencinho tão pequenino que mal cabe nas pontinhas de suas unhas longas, polidas, enxuga sua testinha curta. Ela baixa os olhos: — Doutor, agora me lembro. Na noite passada sonhei que estava chegando ao Copacabana, para o desfile do Jacques Fath. Havia tanta gente. Fazia um calor louco e por isso... eu saira, imagine, completamente nua. Ah, também me lembro, trazia na cabeça um enorme chapéu de palha...

— E não lhe pareceu um pouco esquisito?

— Sim, doutor.

— Sentiu vergonha?

— Uma vergonha horrível, doutor Lino. Imagine o sr. que era um chapéu fora de moda, do ano passado.



## Rita

Depois de andar às voltas com o seu próprio caso, revivido com a recente visita de Ali Khan, a Hollywood, Rita Hayworth filmou «Uma Aventura em Trinidad» E foi descansar no México. Estupendas dançarinas das Antilhas, «mulheres liriais e vaporosas, ondulando nas formas ondulosas» tomam parte no seu último filme. Rita está mais provocante do que nunca. Querem saber o título do filme? Aqui a vemos dançando em «Salomé e a Dança dos Sete Véus». Que revoluteios graciosos, que sorriso, que sedução de mulher. Como é, seu Ali, que quer o senhor de melhor que a sua Ritinha?

## RESPONDA ESTAS:

71 Quando foi criada a Guarda Nacional?

72 Existem nos Estados Unidos quantos habitantes para cada automóvel? E na Europa?

73 Que palavra significa o mêdo que se tem dos gatos?

74 Qual a ilha da Itália que está submergindo aos poucos?

75 Quantos gatos existem na cidade de Nova York.

**RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS:**

66 — A pena capital existe desde os tempos mais remotos da Humanidade. Já as leis mosaicas a consignavam; 67 — Os gregos usavam, em lugar de guardanapos, pequenos pedaços de pão, que atiravam ao chão para os cães; 68 — A 4 de Outubro de 1501, André Gonçalves e Américo Vespucci descobriram a faz do São Francisco, na costa brasileira, e davam ao rio o nome que até hoje ostenta; 69 — Os primeiros irmãos gêmeos, ligados um ao outro, foram Eng e Chang, nascidos em 1811 e que viveram até 1874; 70 — O navio em que partiu degredado para Moçambique o poeta Thomaz Antônio Gonzaga chamava-se **«Nossa Senhora da Conceição Princesa do Brasil»**.

**A CAMINHO DO CÉU**



**— Não cheguei a ver a placa; mas devia ser «Avenida Brasil»**.

# OUVIDO...

## ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
(JIM)



## POUCAS... E BOAS...

● **FELICIDADE**

Por 10 minutos, Martin Larsen, um sueco que vive em Seattle, capital do Estado de Washington, considerou-se o homem mais feliz do mundo. Com 71 anos de idade acontecera-lhe o que com muito jovem nunca se passara. Ia despreocupado pela rua, quando súbito uma linda pequena abraça-o, beija-o demoradamente na bôca e sai correndo. Ó coisa romântica, ó sonho delicioso, do qual o patrício sentimental de Greta Garbo e Ingrid Bergman só acordou, ao constatar que, por mera coincidência, desaparecera-lhe a carteira naquele mesmo instante.

● **ESTILOS DE HOJE**

*DE UM JORNAL :*

*"Ontem o Sr. Ingênuo Seráfico espiava dentro do cano de sua espingarda de caça para ver se estava carregada. Os funerais realizam-se hoje, saindo o féretro do Gabinete Médico Legal, às 7 da tarde."*

*DE UM ROMANCE :*

*"Fiquei ansiosa junto à janela cinco dias para ver-te chegar. Tôdas as vêzes que tocava a campainha, o coração subia-me à garganta e eu fazia um esfôrço enorme para o engulir de novo."*

● **ESQUECIMENTO**

Ao Registro Civil de Pittsburg chegou há pouco uma carta do sr. Harry P. Doyle, de Quincey, no Illinois, com um ansioso pedido. Que, por favor, procurassem nos arquivos e lhe informassem o nome da mulher com quem êle se casara, naquela cidade, a 25 de Junho de 1912.

● **FECHADO**

**Há dois anos fundou-se em Hamilton, no Ohio, um Clube de Celibatários, mas no mês passado o Clube fechou as portas. E' que Arthur Holt, o último sócio que permanecia solteiro, casou-se.**

### O HÁBITO NÃO FÊZ O MONGE



— Sim, Julinha, eu lhe menti. Não sou General...

# Zizi

**Zizi tout court**, como é chamada Zizi Jeanmaire, depois de dançar 700 vêzes nos EE. UU. no **ballet** «Carmen», deixou seu palácio dourado de Hollywood e voltou ao jardinzinho de Varenne Saint Hilaire, sua terra natal, na amada França. Dois anos de EE. UU., um contrato de 5.000 dólares por semana para aparecer no filme «Hans Cristina Andersen», com Dany Kaye, não modificaram a parisiensezinha de cabelo existencialista, Chaplin inventou, ao fim de um jantar um bailado especial para ela e seu **partenaire** Roland Petit. Ambos formam uma dupla graciosíssima. S. Goldwyn, dizem, é o poderoso protetor de Zizi.

## QUEM DISSE ISTO?

71 «Hoje o Brasil é um Império; amanhã pode ser uma República.»

72 «Deus e meu direito.»

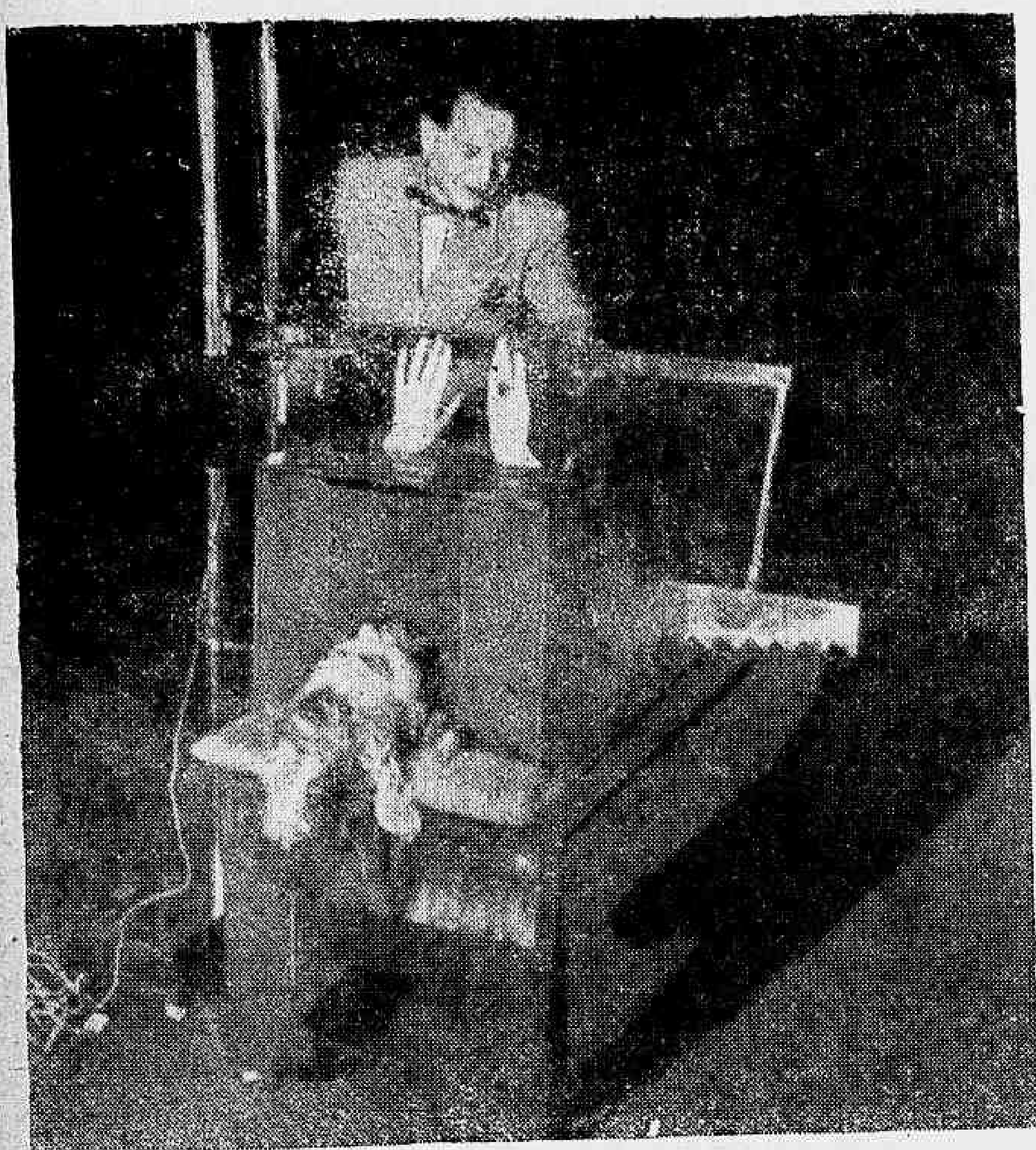
73 «Aqui é o meu lugar.»

74 «O fim justifica os meios.»

75 «A maior parte das mulheres honestas são tesouros escondidos, que não estão em segurança senão porque não são procurados.»

**RESPOSTAS ÀS ANTERIORES:**

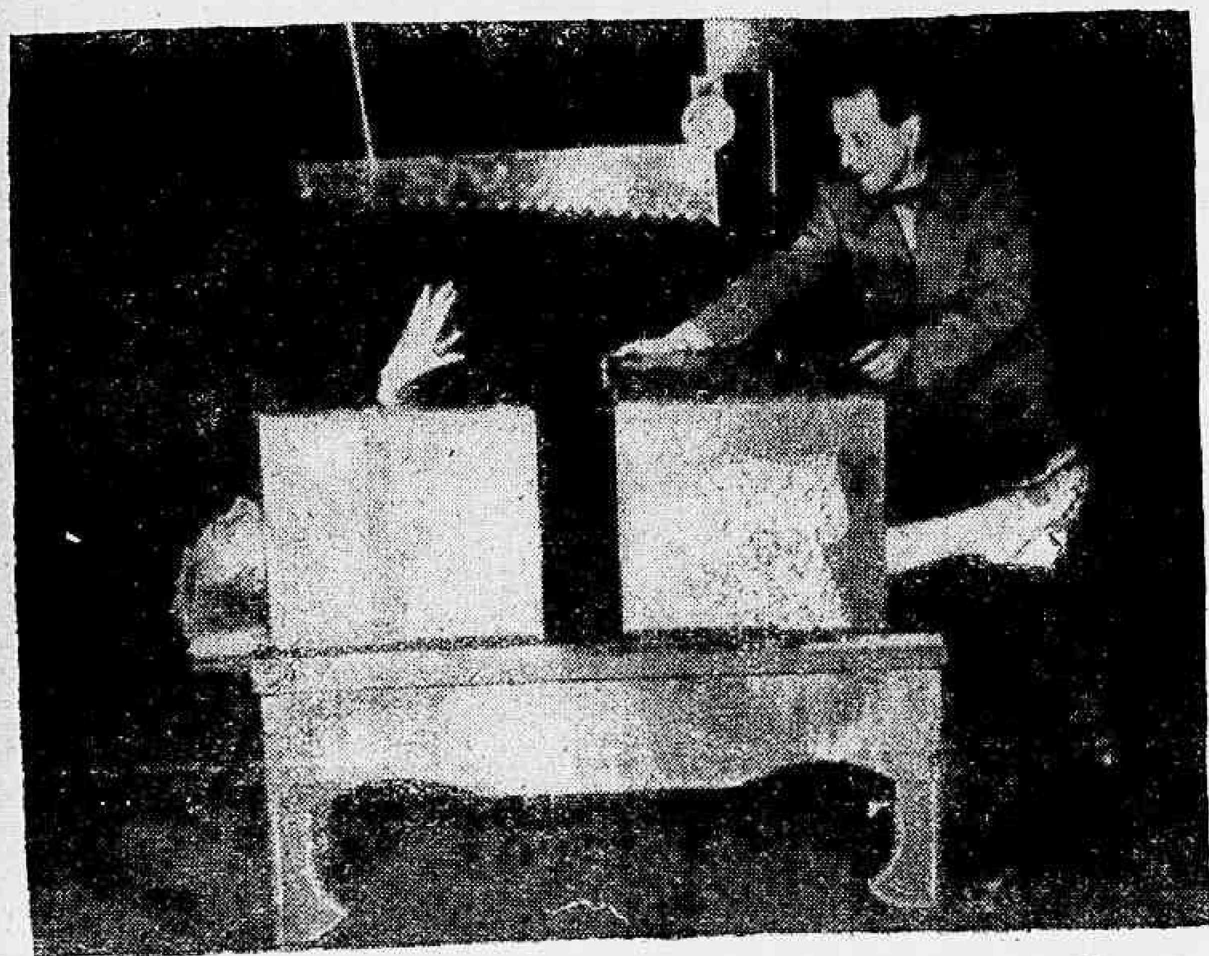
66 — O pensamento é de Pascal; 67 — Frase atribuída a Madame Staell, síntese de pensamento seu escrito no famoso romance Corinne; 68 — Pensamento do Duque De La Rochefoucauld; 69 — «O eterno feminino», expressão vulgarizada, foi empregada originalmente pelo gênio de Goethe, no côro do Fausto; 70 — Expressão do Barão de Cotegipe, em carta ao general Deodoro da Fonseca, sôbre a célebre «Questão Militar».



# CORTANDO AO MEIO A CARA-METADE

PARECE que para poder chamá-la mesmo de «cara-metade», Mister Carter (nenhum parentesco com Nick Carter, o detective) anda exibindo nos maiores circos do mundo o seu número, no qual êle serra ao meio, por entre a estupefação geral, uma caixa na qual a espôsa entra à vista do público. Aqui o vemos primeiro quando começa a baixar sôbre ela a serra fatal. Depois a serra já está funcionando, mas Madame e o marido mantêm-se fiel à campanha da boa-vontade e não perdem o sorriso... Finalmente, acabou a operação. Madame Carter agora é mesmo a sua cara-metade... E todos riem, porque que é truque, é truque...





# CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

VÁRIAS pessoas me têm telefonado para me contar os próprios sonhos. Preferem agir assim, dizem, porque não se sentem capazes de escrevê-los, receando ir de encontro a escolhos literários ou gramaticais. Isso demonstra que essas pessoas teriam, se fôssem narrar, por escrito, os seus sonhos, maior preocupação com a forma literária do que com a essência dos fatos. Sôbre êsse ponto, quero chamar a atenção dos leitores, relembrando o que já tive ocasião de escrever num dos primeiros números desta seção: Quando narramos um sonho com o sincero desejo de vê-lo interpretado com a possível fidelidade, só uma coisa interessa: o próprio sonho, em tôdas as suas minúcias e pormenores, por insignificantes que pareçam ao narrador. O estilo só interessa num ponto: na parte em que concorre para maior clareza da exposição.

● Assim, leitor amigo, se você quer mandar sua contribuição a êste canto de página, faça-o sem a menor cerimônia, escrevendo com simplicidade e liberdade de espírito o desenrolar da história que viveu em alguns minutos de sono. Na exposição verbal, é fácil omitir algum detalhe, muitas vêzes importante, ao passo que, na escrita, temos tempo suficiente para recorrer à memória, reproduzindo fielmente o que sonhamos.

● DODÔ (Rio)

SONHO: — Você viajava de avião rumo a uma cidade do sul do país. Ao descer no seu destino, verificou que a localidade não lhe era estranha, embora ali fôsse pela primeira vez. Sua preocupação, ao desembarcar, foi procurar determinada senhora que devia ser sua cicerone. Em seguida, dirigiu-se a uma igreja construída num estilo entre o gótico e as ousadas concepções modernas. Ao entrar, verificou, surprêsa, haver na grande nave um único altar, em forma de globo giratório, enlaçado por duas gigantescas mãos.

**INTERPRETAÇÃO: — Seu sonho é de grande previsão e mostra o que realmente serão as religiões em futuro não muito remoto. Teremos uma única religião — a do amor — a verdadeira fraternidade que será o apostolado da paz. Vejo, pelo seu sonho, que você se interessa grandemente pelos estudos teosóficos e que dirige seu coração pelo amor universal, procurando ver em seu semelhante um verdadeiro irmão (mãos entrelaçadas). Representando a amplidão do seu pensamento e dos seus sentimentos, temos o «globo giratório», que me permite considerá-la «uma para todos», e acreditar que já tenha ultrapassado o limitado espaço das fronteiras territoriais e que ame a todos os povos da terra. A sua cicerone bem representa a sublime «Isis» que desvendará seu véu e fará com que seus olhos «vejam» o que há oculto através dos arcanos universais. Seus castelos são altos (avião), seus vôos de imaginação, claros e precisos (sensação de conhecer a localidade), seu amor é puro e suave e você o distribui a todos os que a procuram.**

● DR. V (Rio)

SONHO: — Numa fração de segundo, fazendo sua ligeira sesta do meio-dia, você sonhou que entrava em sua casa um homem que lhe entregava uma carta. Êsse homem se assemelhava aos contínuos das repartições públicas. Tão forte foi a impressão dêsse sonho que, ao despertar, você foi ver se não havia, realmente, uma carta sôbre sua mesa de trabalho.

**INTERPRETAÇÃO: — E' claro e evidente que você, como todo mundo, espera «algo». Parece-me, entretanto, que vive uma vida retrospectiva, onde as cartas eram o seu doce enlêvo. Há, também, no seu sonho, pontos de ligação bem nítidos com sua vida profissional e de estudante, em que você superou o seu ideal na aquisição de seu almejado diploma de doutor (a carta). Sua alma é simples e me parece que vive tão sòmente para seu lar e sua família, coisa naturalíssima, é verdade, mas digna de nota nos tempos que atravessamos. Meus parabéns, meu caro doutor. Profèticamente, seu sonho me dá a impressão de que o mensageiro do além lhe trará em tempo oportuno uma agradável surprêsa que o fará muito feliz.**

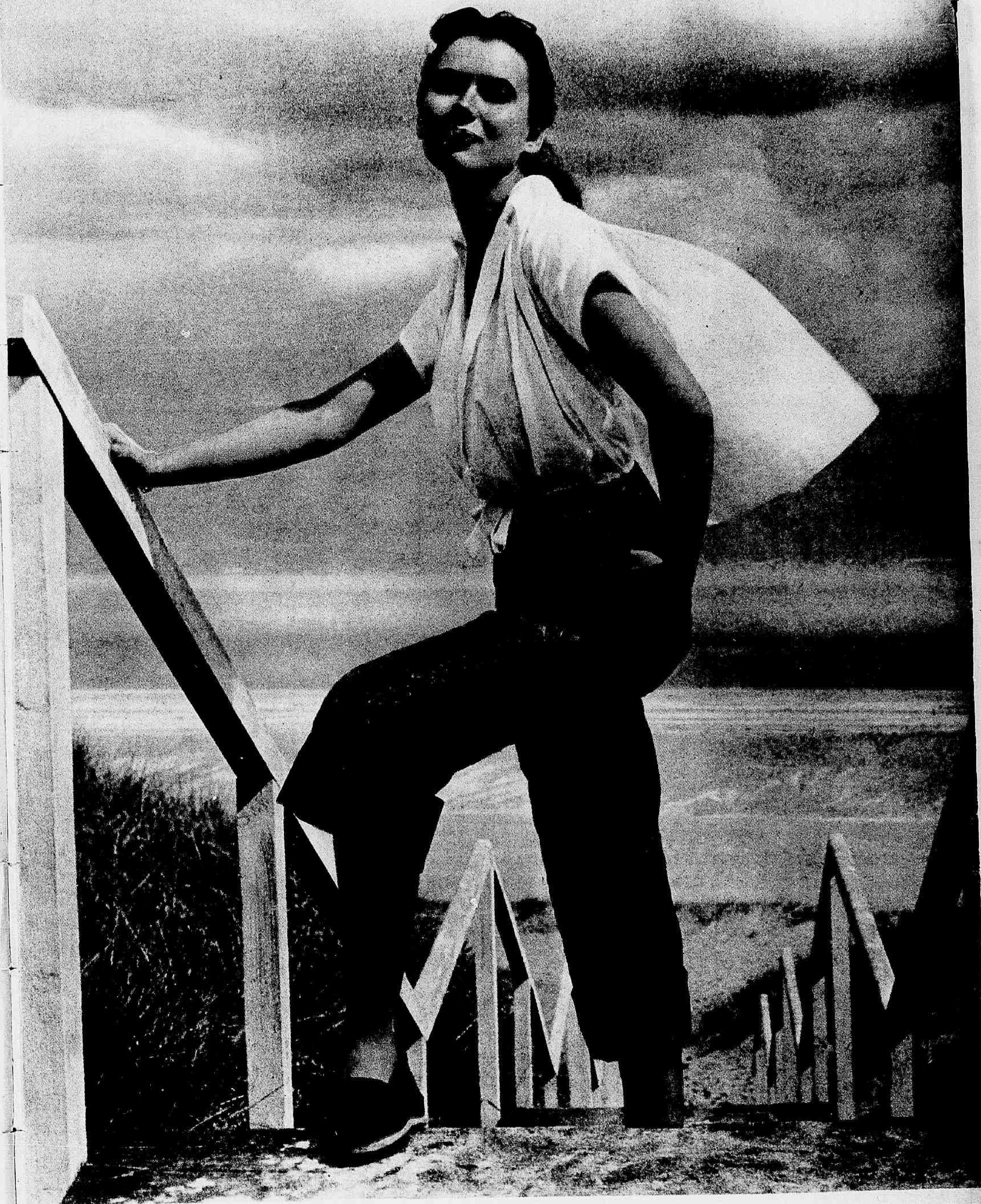
● SURIMÃ (Rio)

*SONHO: — Você sonhou que entrava, em companhia de um rapaz desconhecido, num vestíbulo todo revestido de ladrilhos brancos. À entrada foi recebê-la um homem de cabelos brancos e luminosos, que lhe ofereceu um ramalhete de cravos, também brancos, amarrado com fitas da mesma côr, e lhe disse: — Aqui você terá paz. — Transpondo uma porta, você se viu num grande salão, cujo único mobiliário consistia numa mesa redonda, de extraordinária beleza, cujos pés repousavam no dorso de um leão, cujas garras firmadas no chão eram o sustentáculo do móvel. Sôbre ela, outro ramalhete igual ao primeiro, também amarrado com fitas.*

INTERPRETAÇÃO: — Minha amiga, você tem uma alma cândida e capaz de gestos generosos. Entretanto, é preciso que alguém que ainda desconhece, talvez seu próprio Eu interior (o rapaz) a leve a penetrar nos intrincados caminhos de sua alma. Você acha a vida um grande deserto por onde faz uma longa viagem, sem finalidade imediata. Seu sonho é uma verdadeira Iniciação; seu despertar interior se tem dado por intermédio dos mensageiros do Além (senhor de cabelos brancos) que a levarão, mais cedo ou mais tarde, ao grande salão, onde terá, realmente, paz. A solidão do seu íntimo (vestíbulo revestido de ladrilhos) foi despertada pela centelha divina (cabelos luminosos) e em seguida vislumbrou o repouso de uma vida turbilhonada por impulsos e arrebatamentos, os quais serão em boa hora dominados (leão que sustenta a mesa) pelo seu Eu superior, que ainda não conseguiu libertar-se (laços de fita) das peias dos seus desejos. Com a alma generosa que tem, será capaz de galgar um plano altamente espiritual e ser muito feliz, bastando, apenas, a aceitação do seu subconsciente.

●

CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO — Maria Paula — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde do Maranguape, 15 — Rio.



# Praia ou Campo

*Elegantíssima e inédita criação para praia ou campo, lançada com grande sucesso pela alta costura francêsa para a próxima temporada. "Shacks" em lindo bordado, blusa "chemisier" em finíssimo "voile" de seda branco.*



## Romântico conjunto

*Vestido de Jacques Fath, em gaze armada, de tom "mauve". Cinto verde florido de violetas. Chapéu de "mousseline" verde, com véu da côr do vestido.*



# PLISSÉS

*para a tarde*

## Modêlo em jersey

*Êste modêlo de Memdel — Maggy Rouff é num tom de azul muito pálido. Enorme chapéu rosa, adornado de rosas. Sugestivo drapeado compõe o decote amplo.*



## Jeanne Lafaunie

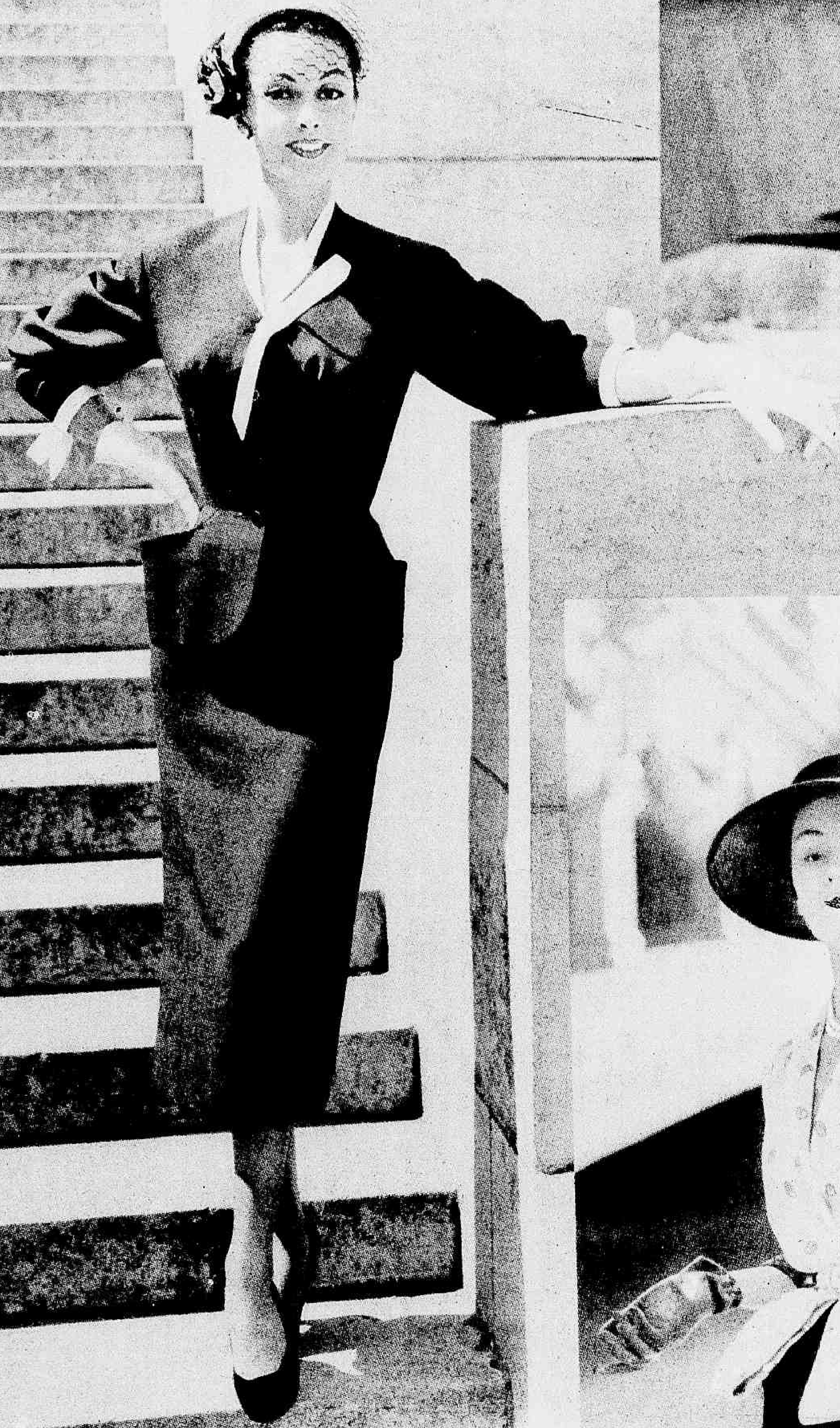
*Shantung marfim, foi o material escolhido por Jeanne Lafaunie, para êste sugestivo modêlo todo plissado. A blusa apresenta um sugestivo drapeado, completado harmoniosamente por duas grandes rosas vermelhas.*



## Sedução do shantung

*Jacques Heim é o autor desta criação em shantung natural. A blusa simples e justa, abotoada nas costas, contrasta com a amplitude da saia. Cinto em pelica prêta.*

MONTAGNE



HERMES



*Charles Montagne é o criador dêste sugestivo modêlo em linho ou alpaca azul marinho ou vermelho, com guarnição, na gola e nos punhos, em "piqué" branco. Chapéu em feltro branco, com véu e flores de côres alegres.*

*Encantador conjunto de Hermés, em shantung. O blusão branco tem "pois" do mesmo tom da saia, cintura justa, punhos do mesmo tecido da saia. Pequeno chapéu em palha beige, com larga fita em gorgurão, completa a elegância.*

# O sétimo céu do algodão



**Modêlo: GOYA — Manequim: JACKIE — Ostentando valiosa jóia, no valor de cinco milhões de cruzeiros, a linda Jackie apresentou um costume para tarde. Tecido prêto, chapéu de fustão branco, luvas de camurça preta, sapatos de pelica preta. — Bravos, Fath!**

Diga-se o que se disser contra o homem, murmurem-se potins, escandalizem-se os provectos, com a lembrança do que foi, ou que poderia ter sido o já famoso Carnaval Carioca de Corbeville, o fato é que o que se viu, por duas vêzes agora, no Copacabana-Pálace, do Rio, e vai ser repetido em São Paulo, foi algo que elevou ao sétimo céu o algodão e o tecido brasileiro.

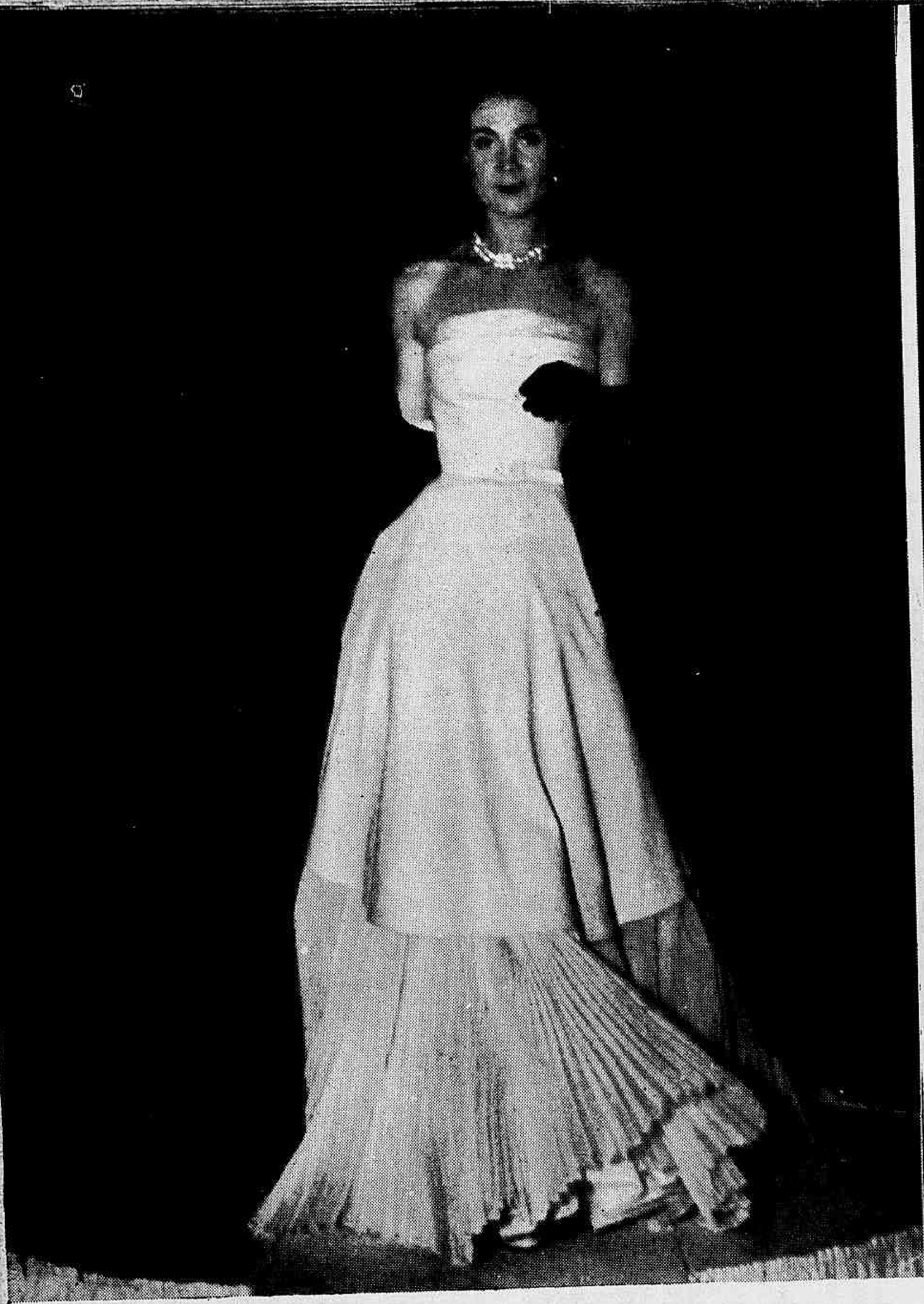
A desprezada fibra brasileira interessou vivamente a um dos mais conhecidos figurinistas e costureiros do mundo, o senhor Jacques Fath. Êsse o fato incontestável. E êle, não sòmente na Europa, apresentou de maneira espetacular os nossos tecidos, como pessoalmente atravessou o oceano, para vir até nós, trazendo cinco lindas e elegantíssimas «modelos», cheias de beleza, graça, elegância e **aplomb**, para apresentarem, ao alto mundo social do Rio, uma parada de criações de sua fantasiosa imaginação com um aproveitamento do nosso tecido que fará as elegantes, doravante, sentirem como era ilusório só pensar e preferir os tecidos estrangeiros.

Êsse o sentido mais alto do que está sendo feito e aqui vai registrado, desinteressadamente, sem cogitarmos a quem aproveita a reclame, porque incontestàvelmente ela deve aproveitar ao Brasil, cuja expansão industrial, não pode deixar de apoiar-se na propaganda, na publicidade e em seus métodos mais modernos.

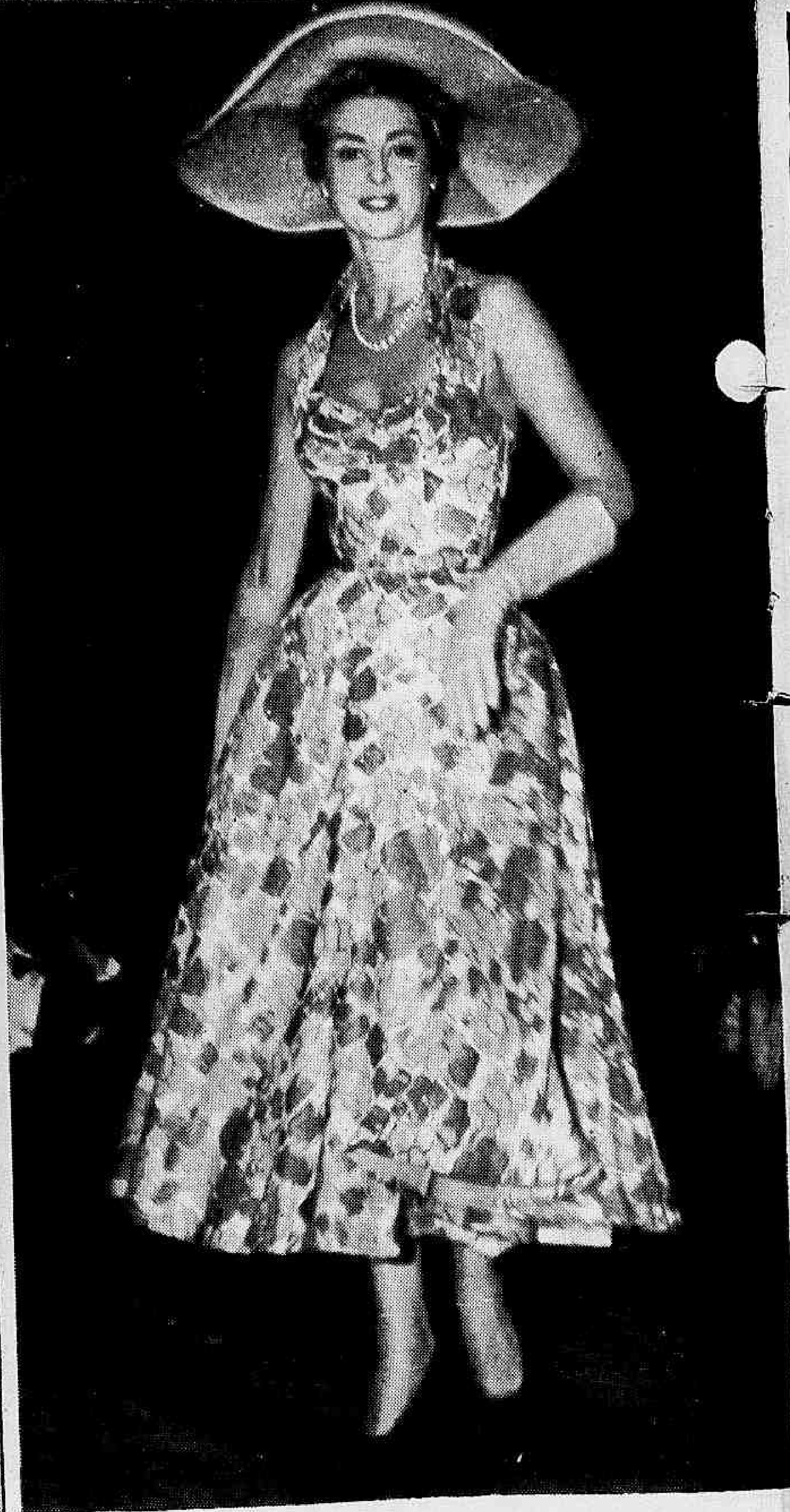
O «Golden-Room» do Capacabana-Pálace regorgitava de gente elegantíssima, como uma imensa família, em tôrno ao pequeno círculo central, onde vindo, por entre palmas e pisando com aquela «aisance» dos mais famosos modelos, da mulher que sabe andar com segurança, majestade, sem afetação e sobretudo graça, mais linda ainda que a beleza, como



**Modêlo: BRASIL — Manequim: ELISABETH — Vestido de baile em organdi branco, bordado azul, estola de organdi branco, luvas em organdi branco, sapatos prateados. Quanta personalidade, a desta linda Elisabeth. Com que «aisance» de Rainha ela sabe andar.**



**Modêlo: FREVO — Manequim: JACKIE — Encantador vestido de baile em fustão amarelo, luvas também em fustão prêto, estola de organdi. Os sapatos são confeccionados em organdi de côr amarela.**



**Modêlo: NEUILLY — Manequim: FRANÇOISE — Vestido para a tarde em organdi estampado azul, verde e tabaco, chapéu de palha tabaco, luvas e cinto também tabaco, sendo os sapatos em prêto.**

# *Jacques Fath desfila*

dizem os franceses, o estrado corredor, rodavam para que todos vissem os belos vestidos.

Dona Darcy Vargas, a primeira Dama, estava presente, pois todo o resultado financeiro da grande festa de elegância havia sido elegantemente destinado às obras de benemerência social que a ilustre senhora patrocina.

Todo o mundo social, político e elegante lá estava e calorosamente aplaudia cada um dos modelos, ao apresentarem as criações do famoso costureiro. Microfones de várias estações estavam ligados. Locutores transmitiam a descrição viva do que se passava. Fotógrafos e cinegrafistas com seus apetrechos bélicos para as batalhas da publicidade.

No salão imperavam a beleza, a graça da mulher brasileira. Dis-



**E' uma grande responsabilidade atravessar o oceano para vir fazer mágicas no Rio de Janeiro, transformando algodão em vestidos para verdadeiras Rainhas da Elegância. Por isso, Jacques Fath está nervoso.**



**Mas o dono da festa, o dr. Silveirinha, como todos tratam o dr. Joaquim Guilherme da Silveira, está radiante e conversa com a sra. Jacques Fath. Não há razão para nervosismo, mestre Jacques. Sonnez les matines!**





**Modêlo: DEAUVILLE — Manequim: ELISABETH — Redingote para a tarde em fustão de côr cinza, chapéu de camurça também de côr cinza. As luvas e o cinto são confeccionados com a mesma camurça cinza.**

**Modêlo: FRANCE — Manequim: FRANÇOISE — Elegante, original e lindo vestido de baile confeccionado em organdi branco bordado a ouro, estola salmon. Completam a «toilette» belos sapatos dourados.**

# *seus belos modelos*

tinção, elegância, esplendor foram as notas daquela noite. Vendo os lindos vestidos que se podem fazer com os tecidos brasileiros, e especialmente com os de algodão, a impressão geral era a de que êste subira naquela festa e com aquela consagração, ao sétimo céu.

Na realidade, merece um comentário especial a maestria com que o figurinista e costureiro parisiense, com panos antes relegados para vestidos mais modestos, os elevou, como num passe de mágica, aos mais altos páramos da elegância mundial. Fazendinhas, bem tecidas, bem estampadas é certo, mas tecidos sempre considerados populares, com aquêle «savoir faire» dos costureiros de Paris, pareciam a Cinderela depois do toque da varinha de Condão. Essa a justiça que tôda a assistência fazia e a síntese dos comentários ouvidos em tôdas as bôcas, nos intervalos e no fim da deslumbrante parada elegante de Jacques Fath.



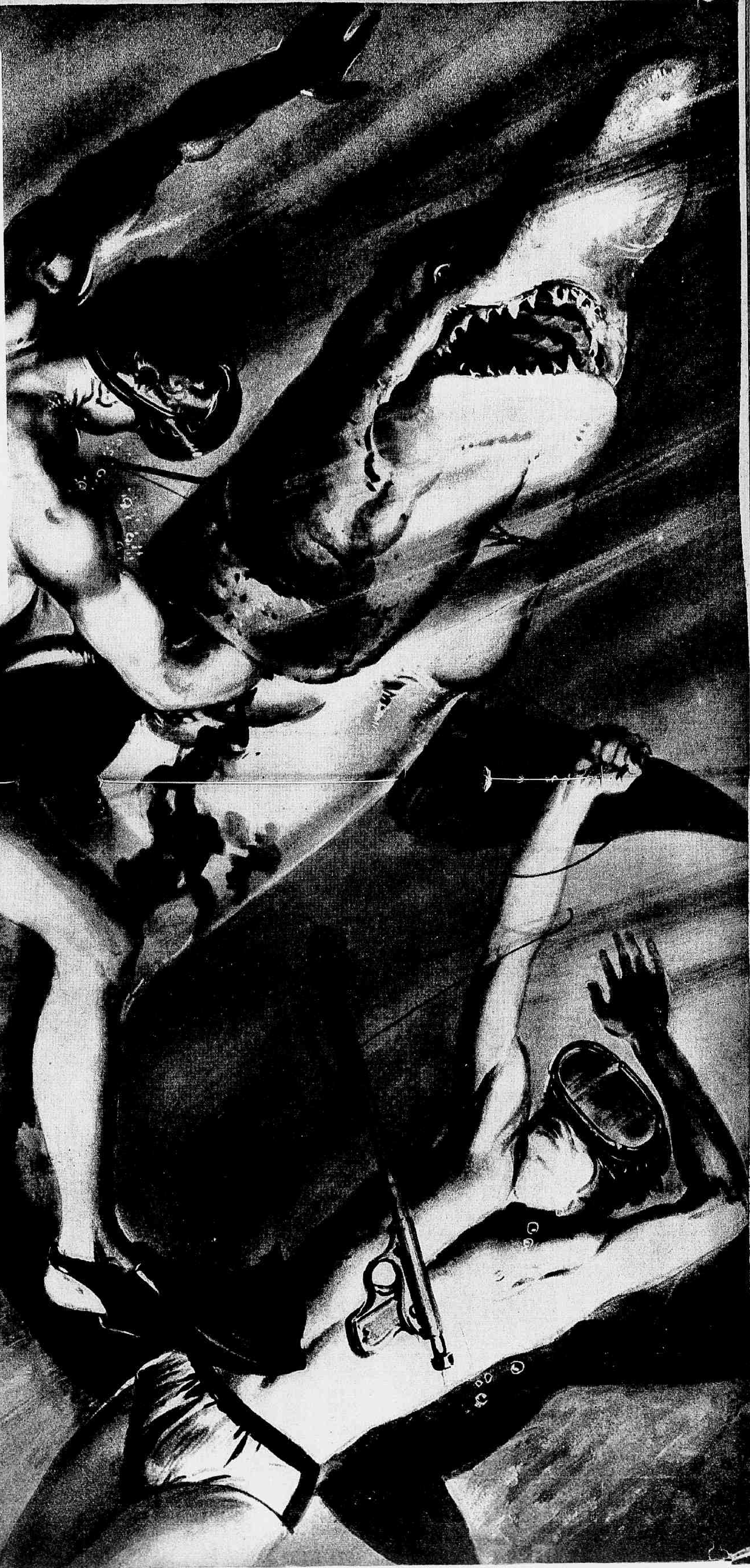
**Mas a aflição do artista, enquanto desfilavam as suas jóias vivas passou. Os aplausos frenéticos da assistência elegantíssima o reanimaram. Êle triunfara! E vai beijar as mãos da Sra. Getúlio Vargas, que o felicita.**

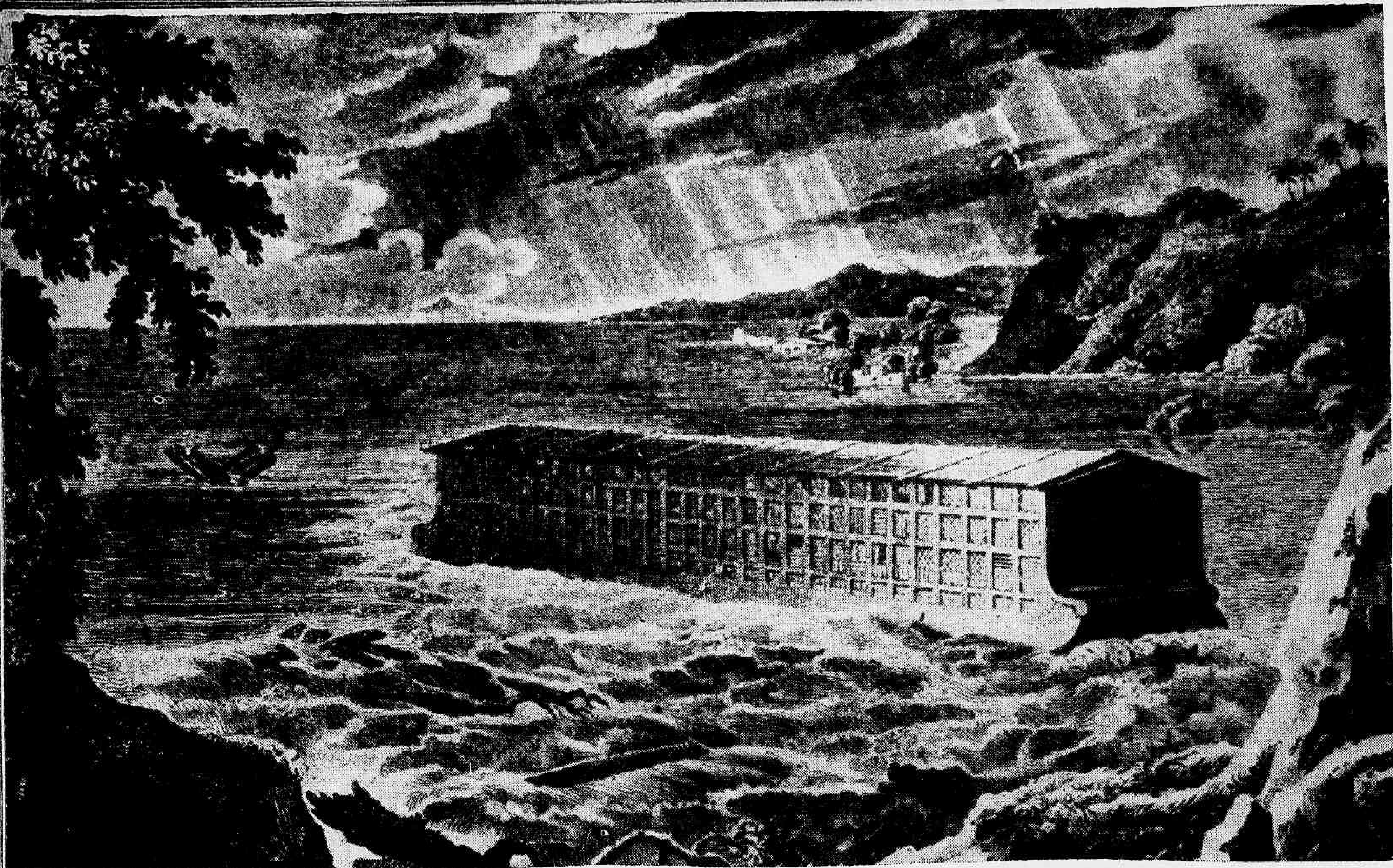


**Os cinco diabinhos da cidade de Paris, com os seus chapéus do outro mundo, — sim as coisas mais novas em chapéus, do Velho Mundo — conversam, fazem potins, num dos intervalos do grandioso desfile.**

# PEGANDO TUBARÕES A UNHA

A pesca submarina, que aqui no Rio se faz, às vêzes, ao longo da praia de Copacabana, despertando a maior curiosidade de banhistas e de pessoas que passeiam à luz de um céu acolhedor, tem seus momentos dramáticos e, muitas vêzes, com resultados fatais para os pescadores, já se vê. Pescar tainhas com aquelas flechadas certeiras, a poucos metros de distância, não é lá coisa muito sensacional; mas, descer sob as ondas de mares infestados de tubarões, êsses «tigres do oceano», terror de náufragos e pescadores, é uma temeridade tão grande como a de enfrentar feras e serpentes colossais nas matas do Amazonas ou de Mato Grosso, com o inseparável complemento de índios desconhecedores das regras de boas maneiras. Mas, como há pessoas que sacrificam a vida, se preciso fôr, para subir aos mais elevados picos dêste mundo, sem outro resultado que não o de, lá de cima, ver apenas gêlo e mais gêlo, também há os que se apaixonam pela maneira inversa de fazer esportes perigosos, e descem às profundezas dos mares, não para colhêr pérolas e esponjas, mas para enfrentar peixes perigosos como os espadartes e os tubarões. Recentemente, dois jovens parisienses, amantes da pesca submarina, se foram para as águas de Beg-Mail e começaram a divertir-se com o fisgar de peixes sem qualquer etiquêta de perigo à vista. Mas, ao largo de Beg-Mail há tubarões famintos e audazes. Os rapazes sabiam disso e não se atemorizaram. Seria a primeira vez que faziam face a tais proezas sob as ondas. De súbito... eis a fera pela frente. Os rapazes, que dispunham apenas de suas pistolas arpoadoras apropriadas para a pesca de peixes inofensivos e sem maior resistência, tiveram que encarar o monstro com a fôrça dos músculos e... eis a batalha! Um dêles, num golpe espetacular, meteu a mão pelas guelras da fera, procurando estrangulá-la. E a dominaram.





Aspecto da lagoa glacial sôbre o monte Ararat, onde encalhou, há 5 mil anos atrás, a estupenda arca de Noé. Wladimir Roskovitsky, aviador russo, descobriu recentemente a histórica arca. «Um submarino — exclamou Roskovitsky. — Mas não! não era possível, uma vez que aquilo tinha mastros curtos e grossos e a coberta arredondada. Que navio estranho!» E' considerado o mais maravilhoso descobrimento do século!

# DESCOBERTA A ARCA DE NOÉ!

## HÁ 5.000 ANOS ENCALHADA NUM LAGO GELADO AO ALTO DO MONTE ARARAT ★ UM AVIADOR RUSSO O AUTOR DA PROEZA ★ OS EXPLORADORES FRANCESES, JEAN RIQUIER E FERNAND NAVARRA QUEREM TRAZÊ-LA PARA O MUSEU

HOMENS de pouca fé lêem na Bíblia a história do afogamento do mundo pelo Dilúvio, com um gesto de descrença. Teria mesmo existido a Arca de Noé, justamente como a descreve o Velho Testamento? A Ciência, se não nega o episódio, vem afirmando que, até hoje, não houve nenhum arqueólogo que o conseguisse provar. O caso não é apenas de Fé; é histórico. E enquanto todos discutiam a possibilidade do Dilúvio, de Noé e sua Arca, os exploradores procuravam subir até às culminâncias do Ararat, a fim de tirar a coisa a limpo. Sem uma visita aos picos da famosa cordilheira entre a Turquia, a Pérsia e a Rússia, não se poderia chegar a nenhuma conclusão satisfatória. Muitas expedições fracassaram diante das dificuldades para a escalada: tempestades de gêlo, acesso dificílimo, falta de guias, etc. E o mistério continuava: existira mesmo a Arca de Noé? Encontrar-se-iam nos cimos alcantilados do Ararat restos do famoso «mundo flutuante»?

Vejamos agora como foi que, segundo o relatório de um aviador russo, desvendou-se o enigma. Estacionado em companhia de outros aviadores em um pôsto avançado a uns 40 quilômetros norte-oeste do monte Ararat, Roskovitsky recebeu ordens de seu comando para dar uns vôos pelos arredores, a fim de experimentar um novo instrumento aeronáutico. Estava em agôsto e a temperatura era muito quente. Devia êle subir a grande altitude, sobrevoando a cordilheira que forma o Ararat, o qual tem mais de cinco mil metros de altura. E começa o aviador:

— Ao olharmos para baixo, vimos enormes massas de pedras na parte inferior da montanha e me lembrei que não se havia feito a escalada da montanha desde o ano setecentos antes de Cristo. Segundo dizem, naquele tempo alguns peregrinos haviam subido a montanha bíblica com o intuito de colhêr relíquias dos destroços da Arca e trazê-las ao pescoço como amuletos, bem como ficarem isentos de mau tempo na subida e na descida da montanha, em cuja região sempre há tempestades e chuvas torrenciais. Mas diz a lenda que êsses peregrinos, surpreendidos com um raio que caiu perto dêles na subida, tomaram o fato como uma desaprovação do Criador e desistiram da pesquisa. Esta ingenuidade dos crentes me fêz rir, pois que jamais imaginei que se fôsse procurar navio naufragado no cimo de uma serra. Fiz por várias vêzes a volta da montanha coberta de neve, descendo, em seguida, do lado sul, quando avistei um pequeno lago, numa depressão da montanha e que me pareceu de uma beleza incomparável, mas ainda gelado do lado da sombra. Ainda demos algumas voltas pelo mesmo local, a fim de apreciarmos o belo panorama. De súbito o meu companheiro se volta para mim e me diz qualquer coisa em voz alta, ao mesmo tempo que me mostra algo lá em baixo, do lado em que a água se escoava. Fixei minha vista e fiquei tão emocionado com o que via, que não sei como não tive uma síncope.

— «Um submarino! — Gritei espantado. — Mas não! Não era possível, uma vez que aquilo tinha mastros curtos e grossos e a coberta

arredondada. Que navio estranho! Tinha sido construído de tal maneira, que se adivinhava ter o seu construtor o imaginado e construído de modo que as vagas pudessem passar-lhe por cima! Pudemos constatar que se tratava de um barco das proporções de um vaso de guerra moderno. Via-se uma parte fora d'água, enquanto a outra, submersa.»

Depois dêste extraordinário descobrimento, Roskovitsky e seu companheiro de aviação voltaram ao campo. Quando desembarcam, revelam aos colegas o que viram; mas ninguém os leva a sério e motejam dêles. O capitão, porém, aceita a informação e pede que o levem até lá. De volta, diz aos aviadores: «Vocês fizeram o mais maravilhoso descobrimento de nosso século!» E o oficial confessa que se trata dos restos da Arca de Noé, que se conservou depois de 5 mil anos em uma lagoa glacial sôbre o monte Ararat. Wladimir Roskovitsky prossegue:

— «O capitão envia um relatório ao Govêrno, o que desperta o mais vivo interêsse. O Tsar da Rússia manda dois destacamentos de soldados para fazerem a ascensão da montanha. Um grupo de cinqüenta homens inicia a escalada de um lado, enquanto cem mil procuram atingir o pico, de outro lado. Gastaram quase um mês para chegar ao local da Arca. Tiraram fotos e medidas e de tudo se mandou um relatório ao Tsar. Na arca havia centenas de compartimentos, alguns espaçosos. Os maiores estavam divididos por fortes grades, naturalmente para manter prisioneiros os animais mais possantes. Noutros compartimentos viam-se filas de gaiolas e jaulas, como ainda hoje podemos ver em exposições de aves. Tudo estava recoberto com uma camada de uma substância lembrando a cêra, uma espécie de goma-laca, e o trabalho denotava grande habilidade. A madeira empregada fôra a de «gopher», muito resistente à decomposição. Isto, combinado com a camada protetora e o gêlo permanente, explica a conservação da Arca». Os expedicionários russos também encontraram, na área daquele local do encalhe da Arca, os vestígios do Altar erguido por Noé e os seus, em honra ao Senhor. Ali se dera o holocausto de animais, segundo diz a Bíblia.



**Magnífica gravura de C. de Jode nos mostra um aspecto da famosa arca, logo após os quarenta dias do dilúvio, quando os seus habitantes voltavam a morar na terra desolada. Desde então, prevaleceu a lei do mais forte, na evolução da vida sôbre a terra.**

Assim, todos os detalhes contidos no relatório escrito vieram confirmar a veracidade do episódio, corroborada pelos numerosos testemunhos colhidos da mais recuada antigüidade até nossos dias, sôbre a existência da misteriosa Arca nos picos do Ararat.

Concluindo sua narração, assevera Roskovitsky: «Recebemos prova convincente da verdade da Bíblia, e, particularmente, da veracidade no que diz respeito ao Dilúvio e à Arca de Noé.

Os novos exploradores do Ararat, Riquier e Navarra, conhecendo o relatório do aviador russo, estão confiantes no sucesso da expedição. Riquier estudou, detidamente, o que disse o descobridor da Arca, e diz que a aventura que está chefiando é desaconselhada pelos maiores luminares da Arqueologia. Êles não dizem, claramente, que eu esteja errado ao acreditar na existência da Arca lá no Ararat, e deixam uma porta de saída



**Uma reconstituição perfeita dos horríveis momentos que precederam à tremenda catástrofe, com que Deus castigou o gênero humano. O instinto de conservação reagiu até ao último instante contra a calamidade.**



**Por êsse caminho passaram os animais em demanda da arca: um casal de cada espécie, segundo recomendou Jeová ao seu patriarca escolhido, o justo Noé. Por aqui passou também a expedição francesa à velha arca.**



**Pela mesma trilha por onde, há 5 mil anos, passaram os animais antidiluvianos para as cumeadas do monte Ararat, seguem os pacientes jumentos transportando o material da expedição francesa de descoberta.**



**A Bíblia diz que Noé construiu um altar para render graças ao Todo-Poderoso, e Roskovitsky afirma que êle descobriu os restos da arca sagrada. A reconstituição do episódio bíblico está correta e muito perfeita.**

em caso de sucesso, da mesma forma que eu também me reservo em caso de insucesso.

Mas os audazes andarilhos continuam confiantes no êxito da emprêsa e chegam mesmo a afirmar que, talvez ainda êste ano, nos laboratórios do Louvre, um «Compteur Geiger» possa calcular a idade da Arca de Noé, e o Museu do Homem venha a orgulhar-se de possuir a quilha do mais célebre navio do mundo!

Não sabemos se a expedição projetada foi ou não coroada de êxito, comprovando-se o relatório dos aviadores russos entregue ao Tsar em 1916. Mas o assunto continua a atrair as atenções dos homens, sempre em busca de desvendar os mistérios da História e da Vida.

Recentemente, outra expedição, depois de muitos preparativos e despesas, desistiu da empreitada, tendo voltado das faldas do monte famoso. Segundo correspondentes estrangeiros, houve certas dificuldades de natureza internacional, havendo a U. R. S. S. reclamado contra essas atividades naquela região, alegando que podia tratar-se de espionagem ocidental amparada pela Turquia para olhar por cima da **Cortina de Ferro.** A situação dos montes que têm o nome de Ararat é estratégica. Os povos do mundo andam divididos em orientais e Ocidentais, e a desconfiança é recíproca. Ora, os russos de hoje não acreditam, de maneira alguma na história do conterrâneo que viu e visitou a Arca de Noé; tudo não passou de fantasia do rapaz e não passa de lenda.

Não queremos entrar numa questão que em nada nos interessa, uma vez que precisamos mais das barcas de Niterói do que das de Noé; mas, francamente, se há dúvidas acêrca do episódio do dilúvio, o mais certo seria se os russos de hoje aderissem a expedições de outros governos ou de sociedades arqueológicas particulares, e fôssem tirar a limpo tais coisas. Negar por negar, assim, de plano, sem tirar a prova dos nove, é o que não se compreende numa época em que todo mundo está como S. Tomé: querendo tocar as coisas com o dedo.

A Bíblia diz que houve dilúvio e que Noé construiu a barca, tendo encalhado nos picos do Ararat. É exato que, ao aparecer dentre as águas diluvianas os cimos do monte citado, já os píncaros do Himalaia estavam emersos em mais de três mil metros. Mas isso não prova que seja lenda o Dilúvio, Noé, sua Arca e os bichos. A reportagem do aviador russo merece investigação. Se fôsse ratificada, que corrente turística que maravilha para o mundo!




Logo depois da divulgação da extraordinária descoberta da arca de Noé, foram organizadas várias expedições. Aqui na fotografia vemos os valorosos componentes da expedição francesa, chefiada por Jean de Riquier e Fernando Navarra — rumo ao lendário e histórico monte Ararat.

# Assim o túmulo falou

*"A mulher é mais amarga que a morte" — Salomão*

ISSO aconteceu há muito tempo. Era Léo e Léa um casal fora do comum. Ambos beiravam os trinta anos. Êle, espadaúdo, apolíneo, simpático e manso; ela, um prodígio de formas harmônicas, onde a graça se aliava à beleza, compondo precioso conjunto no tipo moreno.

Seria difícil conceber-se duas criaturas tão perfeitamente ajustadas.

Saíam sempre juntos, alegres, risonhos, saudáveis e belos, como dois ídolos gregos.

Nunca houve notícia de rusgas, desavenças ou qualquer atrito entre êles.

Ùltimamente, porém, soube-se que Léa se encontrava enfêrma, razão porque seu marido tinha na face os traços da amargura.

Súbito, inconcebível acontecimento se propagou com a velocidade do rádio: Léa, sem qualquer motivo aparente, havia assassinado o marido com fulminante tiro no peito!

A opinião pública, sacudida pela brutalidade do fato, ficou atônita, tanto mais quanto a homicida emparedou-se em inflexível mutismo.

Alguns dias depois, aquela mulher, não resistindo à enfermidade, faleceu sem nada esclarecer.

Um silêncio piedoso desceu sôbre o caso.

Passaram-se os anos. A casa foi vendida e, ao rebocarem velha parede, vacilante tijolo desprendeu-se, trazendo consigo pequeno caderno envolvido em papel impermeável. Era um diário. Em suas páginas estava a solução do enigma: a verdade sôbre o crime de Léa; os pormenores, enfim, da tragédia espantosa e pungente, que a todos estarreceu.

Assim falou o túmulo:

...............................................................................................................

**Quinta-feira, 25 de julho.** — O amor vive em mim. A ventura e a paz são minhas companheiras, porque Léo é a própria incarnação da felicidade. Vivo dentro de um sonho. As horas que desfruto com o meu querido são inolvidáveis e divinas. Nossas almas se comprendem, fundem-se numa só energia luminosa e radiante. Léo é a flor que perfuma minha vida. Tenho mêdo do mundo porque êle não perdoa às grandes venturas. Desejava ter mil olhos para contemplar o meu amor; mil bôcas para beijá-lo; mil v[illegible] para vivê-las junto a êle e, ainda assim, seria bem pouco, pois meu amor é eterno, jamais poderia esgotá-lo!

**Têrça-feira, 30 de julho.** — E' grandioso o universo! O amor concede-nos nova concepção da vida; destrói arestas; perfuma chagas; dulcifica amarguras... Manto de rosas sôbre o deserto. Luz nas trevas. Humilhação da dor.

**Sábado, 2 de agôsto.** — Há um ano estamos casados. O tempo não existiu para nós. Quem ama liberta-se do tempo, liberta-se de si mesmo para viver no objeto amado. Tôdas as harmonias do céu e da terra continuam cantando em nossos beijos, como no dia em que o amor nasceu em nossos corações.

**Domingo, 10 de agôsto.** — Vivo em Léo. Faço parte dêle. Participo de sua vida. Estou em seu íntimo, êle está em mim e, dêste modo, nos possuímos integralmente. Há, pois, verdadeira comunhão, perfeita simbiose que aumenta sem cessar... Será permitida tão completa felicidade?

**Quarta-feira, 13 de agôsto.** — Pela madrugada, estranha dor despertou-me. Era como se afiada garra de aço me estivesse dilacerando o fígado. Mordi os lábios para não gritar. Léo dormia tão plàcidamente... Ao amanhecer a dor abrandou, tornando-se surda e persistente. Não dei maior importância ao fato.

**Sábado, 23 de agôsto.** — Há dez dias não me alimento. Não consigo vencer a repugnância invencível, completa e definitiva pela alimentação. Meu estado geral está caindo assustadoramente. Persistente febre visita-me tôdas as tardes. Começo a preocupar-me. Três médicos já me examinaram sem resultado. Que terei eu? Meu querido tem sido desveladíssimo. Êle é todo consolação, carícia e suavidade, mas a alegria fugiu de seu semblante, que se tornou triste e belo como solitária estrêla em noite escura.

**(Cont. na pág. 44)**

Conto de ANGELUS

Ilustração de J. RIBEIRO





# UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

— E é você a minha infelicidade.

*

Um dia, ao voltar para casa, encontrei a porta fechada e a chave no recanto habitual, sempre que Malique saísse e se demorasse muito. E êle não voltou senão muito tarde da noite e ainda foi encontrar-me diante do fogão, ao queimar-se o último tição.

— Oh! Malique! Eu já estava preocupada! Que fazia você?

Naquela noite eu estava enciumada, mas disse a Malique que estava apreensiva com a sua exagerada demora. Ao lhe perguntar onde estivera durante todo êsse tempo, falei-lhe dirigindo-me a êle, fitando-o nos olhos, numa atitude quase de repreensão. Êle me olhou atentamente, como se desejasse interrogar-me sem falar. Estava silencioso, calmo. Pegou da lanterna, acendeu-a e disse tranqüilamente:

— Que há de mais nisso? Que queria você que eu fizesse? Estava um tanto aborrecido. Senti-me sòzinho, isolado e triste. Resolvi então sair para a vila. E' isso que farei sempre que me sentir assim. Não é preciso que você perca sono a esperar-me, se eu voltar tarde. Você nunca foi uma criatura medrosa. Boa-noite, menina!

Eu fiquei muda. Não pude dizer nada. Desde êsse dia comecei a sentir uma inquietude surda por causa de Malique e vi que um abismo se abria entre nós dois. Não tinha sido êle sempre de uma doçura de irmão para mim? E Manoue não o amava como se fôsse seu filho?

## Capítulo XVII

O céu estava sombrio e pesado. Eu adivinhei a tempestade que se aproximava. Nossa gatinha Kisette miava, os olhos muito abertos, demonstrando inquietação, como se os seus instintos animais estivessem a preveni-la da borrasca iminente a desabar dos céus. Súbito um clarão misterioso, que não se sabia de onde vinha, riscou os espaços. Era um raio gigantesco, cuja fulguração iluminou tôda a região, iluminando nossa casa, o celeiro, os poços, as árvores, o curral, num incêndio rápido e ofuscante. Imediatamente ouvimos um estrondo ensurdecedor, que sacudiu a terra e o céu, enquanto as primeiras gôtas pesadas e grossas de uma chuva vigorosa começaram a cair. Animais e aves se inquietaram, correndo e procurando abrigo. Kisette parecia ter nos olhos um pedido de misericórdia. Malique tomou-a nos braços e lhe acariciou o pêlo sujo. Êle mesmo parecia estar preocupado, temeroso diante da tormenta, embora dentro de si mesmo estivesse estalando outra tempestade. Esmagava uma palha com a mão, sem pronunciar palavra; mas eu percebia no fundo dos seus olhos o que êle procurava esconder.

— Bertille!

Meus carneiros haviam fugido do aprisco, e uma cabra se embaraçara nos ramos. Era preciso atender ao perigo. Corri e êle também. No meio do caminho nos encontramos. Mas já não sentíamos aquela amizade fraternal, de irmão para irmão, sem cuidados, como antigamente.

— Bertille!

Então eu me dirigi para êle. Tomei-lhe a mão, sem expansões de irmã para irmão; mas, ao segurá-la, eu sentia uma vontade louca de mentir. E lhe disse:

— Olhe bem para mim, seu maluco! Repare em mim e não fique assim com êsse ar de menino que vai chorar. Por que vive a mortificar-se, a atormentar-se, a encher o seu espírito de coisas... uma vez que tudo continua como dantes, sem que nada tenha mudado?

Minha voz se alterou.

— Não, nada é mais como antigamente. Ah! Por Deus! Nada é mais como dantes! E a prova disso, Bertille, é que você não pôde jurar como era preciso, naquele dia! Aí está a prova de que nada é mais como dantes.

Eu me aproximei dêle, encostei meu corpo ao seu, tendo aprendido, sem muita experiência, como é simples convencer e acalmar um homem.

E lhe expliquei, justificando-me:

— Mas, veja bem, Malique; você bem sabe que o vigário nos proíbe de estar a jurar por coisas insignificantes.

— Não! O cura não proibiu nada disso. E' que eu não sou seu pai, nem sua mãe. Mas você se lembra que Manoue, antes de morrer, confiou-me você? Se eu a deixo, Bertille, quem irá cuidar de você? Entretanto se, pouco a pouco, você passa a viver aqui como se fôsse uma estranha, como não ficar eu ressentido, quando êste velho sítio, esta velha casa é quase minha?

— E' exato, Malique. Você é hoje o dono da casa. E isso é justo.

Eu não compreendia bem o mal que eu estava fazendo, pois é preciso sofrer para poder compreender as coisas. Eu procurava palavras para recolocar as coisas nos seus velhos lugares; mas reconhecia que minhas reservas verbais eram muito pobres para isso. Nada podendo dizer, tive pena de minha própria indigência vocabular e chorei de encontro ao seu braço e verti sentidas lágrimas, lágrimas de vergonha, de remorso pelas mentiras que havia pregado, e até mesmo lágrimas de ódio ao rapaz que havia perturbado aquela nossa felicidade.

Êle ergueu docemente minha cabeça com uma ternura inquieta. Enxugou minhas faces úmidas de pranto e procurou falar-me com a velha calma de sempre.

— Bertille, é exclusivamente por você que eu me inquieto, que sinto cuidados, pois que você é muito jovem e pode enganar-se e sofrer. Mas eu não a farei mais chorar. Não tenha mêdo.

Dizendo isto, Malique continuou sua caminhada. Seus tamancos se chocavam com camadas de capim. Ao chegar a uns vinte metros, gritou-me:

— Não vá para muito longe. Antes de chegar a noite, haverá muita chuva.

*

Pus-me a correr através de estreito caminho que levava ao seio da floresta. A relva estava florida e fui encontrar meu príncipe sentado como um rei. Quando cheguei ao pé dêle, ruborizada e a rir, seu braço me envolveu as pernas e êle me abraçou.

— Vem para mim, querida! Dormiremos entre as flores. Como se chamam estas flores? Venha! Não seja tão criança!

Como eu resistia ao seu convite, êle se ergueu; os dentes serrados, como quem estava insatisfeito. Apoiado a uma árvore, os cabelos desfeitos, vi em seus olhos molhados o reflexo das sombras que vinham da folhagem. E me falou:

— Está vendo a sua cabrinha? Aquela que procura alimentar-se em volta das moitas? Pois vocês duas se parecem estranhamente uma com a outra. Eu gostaria de passar a mão sôbre ela e a subjugar entre duas árvores, quando ela não pensasse em mim, apenas para vê-la elegante, nervosa... Você não compreende êste prazer? Algumas vêzes eu desejo fazer-lhe mal, Bertille, sòmente para ver como ficariam os seus olhos, e ouvir o grito que você soltaria... Eu não me pareço com os outros... Bolas! Eu não me pareço com pessoa alguma! Venha, Bertille, venha para meus joelhos! Eu tenho necessidade de unir-me a você. Eu sou mau; porém a você nenhum mal farei, nada de mal farei. Hesita, Bertille? Nega-me isso? Será que você vai ser para mim como Netotchka, como as outras, como o mundo inteiro?

— Quem é Netotchka?

Êle hesita e diz:

— Uma mulher.

Então eu me deixei cair sôbre seus joelhos, desamparada, vencida, sem resistência.

— Como você treme! Mais do que sua cabrinha. Está com mêdo? Mas não tenha mêdo de nada! Ah! Se eu não a amasse como a amo, se eu não sentisse perto de nós um anjo da guarda, então eu a levaria até ao meu velho castelo, como um tigre conduzindo a sua prêsa... Ali você poderia gritar, chorar, maldizer-me, quem a socorreria?

Êle então sorriu com um sorriso pesado, sorriso de demente que um desejo oculto dirige, e eu senti suas mãos embriagadas a apossar-se de mim... De súbito, quando eu ia defender-me, bater-lhe ou mordê-lo, um clarão de incêndio afastou as sombras. Era a tempestade que desabava sôbre nós. Eu lhe vi o rosto pálido, quase verde em meio da sombra verde, e senti que sua mão crispada segurava meu braço.

— Bertille! E' a tempestade... Sabe? E' a tempestade. Que devemos fazer? Onde poderei refugiar-me?

— Como! Está com mêdo? E' doente?

— Não sei bem porque me sinto assim agitado durante as tempestades. Não se vá ainda... Deus! Tôdas as árvores parecem cair sôbre minha cabeça!

— Isto não é nada! Sem dúvida você não tem dessas tempestades em seu país? Não há perigo algum. Tudo se passa lá no céu.

Tomei-lhe o braço. Seu olhar se acalma e sua voz já é mais tranqüila.

— A tempestade vai-se afastando... Dir-se-ia que você tem mêdo de mim, minha querida, ou que tem piedade. Ah! não me olhe assim com êsses grandes olhos!

Disse-me isso quase a gritar, com uma entonação de queixa. Eu o acalmei:

**(Continua no próximo número)**

**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:**

**BERTILLE, depois da morte de seus pais, fôra viver sob os cuidados de sua tia Manoue, numa fazendola do sul da França. Desde muito criança se habituara a ouvir histórias de Príncipes Encantados, e sonhava com um dêles. Malique, outro a quem Manoue criava, mais velho do que Bertille, começou a sentir que seu coração palpitava por ela, mas não se animava a revelar. Manoue, já velhinha, morreu. Os dois ficaram sòzinhos na mesma casa. Bertille encontrou o seu Príncipe, um jovem algo misterioso que morava num castelo nos arredores. Entre Malique e sua irmã de criação começou a surgir uma série de desavenças. Era desejo de Manoue que êles se unissem pelo casamento, opinião que também manifestara o cura da aldeia próxima. Por sua vez, Bertille desconfiava que Malique tinha alguém a quem amava, lá na cidade. E sentia ciúme.**

# PRECE

SÃO dezoito horas, ouvintes do Brasil... — E a voz grave e pausada do «speaker» rolou pelo casarão a dentro, convidando para um minuto de meditação e de pensamento no Criador dos sêres e das coisas.

O homem grisalho calou-se.

Deixou cair sôbre os joelhos o jornal que sustinha para ilustração da sua narrativa, e quedou-se, de olhar perdido no espaço. O bulício da rua invadia as dependências internas do hotel, passando pelo silêncio da varanda onde só uma voz se erguia, suave quase sempre, agitada às vêzes, conforme as nuances da história que relatava.

A única mulher presente continuou manipulando o seu trabalho de lã. Os dois outros homens repassavam distraidamente a vista pelos jornais que empunhavam. E uma criança divertia-se com encher bolas de ar.

Ao sinal de um dos homens, um «garçon» se aproximou e recebeu o pedido de um aperitivo.

— O senhor... bebe alguma coisa? — perguntou o hóspede ao seu pensativo companheiro, que só um pouco retardadamente respondeu:

— Oh! não... muito obrigado.

O terceiro homem recusou também o oferecimento, e o «garçon» foi despachado.

— Mas afinal — voltou a falar o primeiro hóspede, dirigindo-se ao taciturno cidadão grisalho — o senhor, com a sua experiência, acredita em que haverá uma nova guerra?

O homem grisalho esboçou um sorriso melancólico.

Mudou de posição na cadeira de vime, que rangeu ao seu pêso, e respondeu:

— Quem sabe, meu amigo? Quem pode dizer se acredita ou não? O homem não parece melhor agora do que era há dez, há cem ou há mil anos atrás. Não vemos? Os seus problemas continuam a ser resolvidos em têrmos de agressão, e a sua inteligência se resume em aperfeiçoar engenhos de destruição cada vez mais terríveis.

Fêz uma pausa e, como ninguém o interrompesse, acrescentou:

— Estarei azedando muito o meu ceticismo, talvez. Talvez a humanidade não queira a guerra e resolva lutar sèriamente pela paz, não sei. Mas eu vi a guerra de perto. Conheci de perto os homens que a fizeram e muitos dêles ainda por aí andam fingindo ser melhores do que os que sucumbiram. E eu pergunto: que fazem êles agora?

Ergueu no ar o jornal que lhe cobria os joelhos.

— Que vemos? — exclamou. — A própria paz ganha sentidos vários: há uma paz comunista, há uma paz capitalista, há uma paz cristã. Digladiam-se. Odeiam-se. Eriçam os pêlos e atiram-se umas contra as outras. Destroçam-se. E o mundo que durma com um tal barulho pela paz!

Ouviram-se risos.

A mulher então observou: — Mas dizem que os comunistas pregam a paz para depois pegarem os outros desprevenidos. Defendem uma paz armada.

O homem grisalho ergueu-se a meio corpo da cadeira e encarou mais de perto a mulher.

— E os outros, minha senhora? — indagou. — Diga-me com sinceridade: que acha que fazem os outros?

A mulher deu de ombros e silenciou.

O «garçon» reapareceu com a bebida solicitada.

A voz do «speaker» cessou e logo subiu aos ares o prelúdio da «Ave-Maria». Orlava o horizonte uma débil tonalidade alaranjada que o crepúsculo absorvia ràpidamente. Não tardariam a despontar, no céu límpido da noite que chegava, os sinais piscantes de misteriosos mundos. O homem grisalho suspirou.

— Como ia dizendo — reencetou êle a narrativa — foi numa noite morna e estrelada como esta que fui intimado a seguir outro rumo: devia deixar para trás aquêle cenário aterrador do interminável conflito sino-japonês. Eu tinha permissão para percorrer as frentes de batalha, por meu risco próprio, de maneira que me achava a pouca distância das furiosas trocas de metralha.

Um dos homens ofereceu-lhe um cigarro, que êle aceitou e maquinalmente levou à bôca; curvou-se para captar o fogo, tragou a primeira fumaça, e prosseguiu:

— Penalizado com o que via... (que tragédia para aquêle povo! e que grande povo!) parti no dia seguinte, cedo. Mas então pressenti que êsse dia não seria igual ao da véspera. Percorri a retaguarda dos exércitos chineses. Cruzei outras regiões, sempre sob uma abóbada pardacenta que se estendia pelos horizontes esfumaçados, varrida por ventos ferozes e prenunciadores de angústias e de morte...

Calou-se de novo.

De olhar no infinito, parecia embriagar-se com a suave melodia que embalava a prece do crepúsculo.

— Fatigado, sujo, e sofrendo com aquela gente... cheguei a uma aldeia ao cair da noite. A população em alvorôço preparava-se para fugir: havia perigo de aproximação do invasor e os seus aviões já rondavam por ali. Homens, mulheres, velhos e crianças, num turbilhão de vozes, iam e vinham, esvaziando casas e entupindo de coisas quantos objetos de rodas podiam mobilizar. E aos grupos iniciaram o êxodo. Eu estava demasiadamente fatigado para acompanhá-los. E comigo ficou ainda muita gente que, chinesmente, não considerava ganhar muito fugindo do irremediável. O castigo, porém, foi duro. Cruel. Sem nome. Mal despontou o dia, um círculo de fogo envolveu a aldeia. Eu jamais vira um bombardeio tão severo! E por quê? — ainda hoje pergunto. Para quê? Ali não havia objetivo militar. A aldeia era pobre, miserável, sem defesa, sem nada. Vi com êstes meus olhos: — quanta bestialidade!

Levou nervosamente o cigarro aos lábios e sugou-o demoradamente. A mulher havia interrompido o seu trabalho e olhava-o com interêsse. E êle prosseguiu:

— Em poucos minutos estávamos reduzidos a escombros e a uns tristes cadáveres ambulantes entre farrapos humanos. Até hoje não sei por que escapei. Mas escapei para presenciar as mais pungentes cenas de dor que eu jamais imaginei ver em minha vida. Que desolação, meus amigos! Que tristeza para nós que nos julgamos humanos, que nos julgamos uma criação de Deus!...

Atirou fora o tôco de cigarro.

Recostou-se mais na cadeira, suspirou fundo, e continuou:

— Tonto, quase apatetado, como se tivesse acordado noutro mundo, abandonei meu esconderijo. Percorri às tontas caminhos entulhados de destroços, confundi-me com a gente miserável que soluçava e gemia — nem sei se ajudei a remover um tijolo — eu não era oriental, eu não sabia sofrer como aquêles espectros humanos, que nenhum pincel seria capaz de retratar! e com os ouvidos saturados de sons confusos de detonações, de soluços e tartamudeações incompreensíveis, varei paredes, varei cêrcas, galguei montes de terra e de pedras, cambaleando, caindo e levantando...

Levou as mãos ao rosto e assim ficou.

A mulher interveio para aconselhá-lo a não rememorar mais aquelas coisas. Êle estava doente, precisava de calma, de repouso, para poder restabelecer-se...

— Oh! quem me dera, minha senhora. Quem me dera...

Recuperando prontamente a serenidade, voltou ao seu relato como se aquilo agora lhe fôsse vitalmente indispensável:

— Imaginem comigo: um mundo de desolação em volta. Um cenário completo de destruição e de dor. Em cada canto, em cada coisa, em cada semblante, o estigma da maldade humana! Pois bem: nesse panorama do mais crasso primi-

(Cont. na pág. 48)



Ilustração de M. QUEIROZ

Conto de EDSON KNEIPP




PÓ DE ARROZ

LOÇÃO

EXTRATO

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

CONVERSA DE MULHER

# OS HOMENS PREFEREM OS BROTÒS



BALZAQUEANAS, o vosso reinado de amor através dos tempos é sempre acidental e passageiro. Se é verdade que algumas dentre vós tendes sido responsáveis pelos mais retumbantes casos sentimentais da História e da intimidade não revelada, de fato, os brotos sempre foram, em tôdas as épocas, o objeto da mais constante preferência amorosa dos homens de tôdas as idades, principalmente de idade madura.

● Casanova, moço ou velho, só se interessava por mulheres cuja média de existência pode ser fixada em 15 anos. E Casanova é um símbolo. Nos velhos haréns do Oriente, as odaliscas sempre foram brotos. Podemos hoje citar como exemplo um ancião viril, como Picasso, que efetua um casamento duradouro com uma jovem que poderia ser sua neta.

● Henry de Montherlant, o dramaturgo, aborda, em suas últimas peças, o tema do amor do sexagenário pela mulher moça e examina a sua recíproca. Essas obras teatrais — «Celles qu'on prend dans ces bras» e «Malatesta» — provocaram debates sôbre o assunto por todo o mundo. Um jornal parisiense realizou um inquérito a respeito, focalizando, entretanto, a coordenada que interessa mais aos homens: «Poderá um homem de idade avançada ser sinceramente amado por uma jovem?»

● «E' difícil limitar a idade em que o homem pode ser amado por si mesmo», declara um dos inquéritos. «As fôrças físicas e psíquicas declinam de acôrdo com a constituição de cada um. Não é, pois, impossível que um homem de 60 anos pareça a uma jovem mais sedutor que um outro muito mais moço. Mesmo entre os casais constituídos por dois jovens, o amor exclusivamente físico esmorece ao fim de algum tempo e a freqüência do desejo se espaça. Ora, a maioria das mulheres suporta menos bem «deixar de ter» do que «não ter». O amor, contudo, não é apenas o instinto que provoca a atração de um ser pelo outro, visando um prazer passageiro, mas, principalmente, uma fôrça que reconhece no eleito, ao lado dos dons físicos, valores espirituais que possam tornar uma união duradoura. E, ao contrário das gerações passadas, as moças de hoje são capazes de um amor completo. Suas mães, e mais ainda suas avós, eram mais fàcilmente influenciáveis pelo dinheiro, no qual viam um elemento de segurança pessoal.

● Atualmente, o fator proteção foi ultrapassado pela ambição das jovens, educadas para exercer uma profissão, para lutar na vida e prontas a amar «como homens» — não nos referimos à liberdade sexual, mas ao comportamento que essa semelhança de pontos de vista conferiu ao amor feminino. E' plausível alegar que uma mulher, vinte anos mais moça que um homem, possa continuar a amá-lo de verdade enquanto êle conservar as qualidades que determinaram o amor. Mas não se exclui que essa mulher, sob a capa inconsciente da sublimação do amor, tente eclipsar o objeto amado, preferindo transferi-lo para si mesma, contradição que nos conduz à conclusão de que «cada um ama em si mesmo para si mesmo, raramente para o outro». Eis aí um breve estudo do problema que merece ser apreciado por tubarões e brotinhos. — **ISOLETTE**

## VIZINHOS...

(Cont. do número anterior)

Comi o jantar que Maris preparara com suas aves congeladas e não disse nada. Percebi que ela aproveitava para lavar roupa em nossa máquina. Confirmei a George que o boato era verdadeiro: íamos vender a casa. Quando se foram, o nosso freezer estava trabalhando para êles e de nosso só tinha meio quilo de manteiga.

— Não acha que dá melhor impressão às pessoas que vêm ver a casa o freezer funcionando? — perguntou-me Joan.

— Provàvelmente — respondi.

Não me surpreendi que as semanas se fôssem passando sem que os Lloyds viessem aliviar o freezer de sua carga. Mas não esperava que as coisas tomassem o rumo que tomaram.

Quando cheguei naquela noite achei a mesa posta com a melhor toalha, copos para vinho e baixela de serviço em prata. As xícaras arrumadas de lado para o café eram as pequenas, que Joan só usa quando temos visitas. Mas os lugares eram só dois. Também Joan estava mudada: terna e solícita, muito nervosa.

Não compreendi nada até que ela me disse que havia um casal disposto a pagar o nosso preço pela casa. Então aquêle seria o nosso jantar de despedida. Comemos "mayonnaise" e depois "filet à Strogonoff". Fiz gracejos melancólicos a respeito de estar para perder uma cozinheira de tão alta qualidade. E depois me lembrei de perguntar o que íamos fazer com as carnes dos Lloyds.

Joan sorriu de um modo engraçado.

— Telefonei para Maris para lhe falar sôbre isso, mas nem tive oportunidade de lhe contar da venda da casa, pois ela foi logo me dizendo que vendera o seu freezer.

— Para comprar outro, naturalmente?

— Não sabem ainda. Achavam que podiam ir deixando seus estoques aqui, até pensarem bem.

— Mas eu não quero vender a casa com essa prebenda dos Lloyds para infernar a vida dos nossos compradores!

Estava evitando brigar na última noite, mas era necessário que Joan compreendesse.

— Sei muito bem. Levei as aves para Wourtley e ficarão lá no frigorífico com as chaves à disposição dos Lloyds.

— Para Wourtley? Quando temos Beardsleyville muito mais perto?

Os olhos de Joan se fizeram imensos e inocentes, como no dia em que ela disse que casaria comigo.

— Pois é. São milhas e milhas de estrada ruim. Foi o mais **inconveniente** que encontrei. E agora você pode vender a casa se quiser, mas só se quiser...

Foi uma pena não terminarmos a "mousse de moka", deliciosa, que ela havia feito para sobremesa. Estava completamente escuro, muito mais tarde, quando ela disse:

— Mas acho que teremos que deixar o freezer funcionando.

— "Para a "mousse"?

— Não. Para conservar as galinhas, os patos e os gansos dos Lloyds que conservei como pagamento pelos prejuízos que êles nos deram nas transações das nossas colheitas.

Suspirei com alívio. Achava-se encerrado o capítulo dos Lloyds, a não ser por um detalhe. E êsse detalhe, a moenda elétrica para café, eu a encontrei numa manhã ao sair, no degrau do lado de fora da porta, quando já caíam as primeiras neves do inverno.

Hesitante, Joan tomou-a de minhas mãos.

—Acho melhor que a consertemos — disse. — Afinal, foi um presente de casamento.

Desembrulhado, o aparelho não apareceu sujo e enferrujado como eu esperava, mas lustroso e esfregado. E quando experimentei, funcionou.

Joan ficou ouvindo com uma expressão esquisita o ruído peculiar da máquina em andamento. Quem corou, contudo, fui eu, não ela.

— Agora devemos lhes agradecer — observei.

Ela abanou a cabeça:

— Não vê... Pois se é isso justamente que êles querem.

## «ETERNAMENTE MÃE»

(Cont. da pág. 23)

D. Matilde jamais suspeitara do filho. Chegava tarde em casa, é verdade, mas os serões da Prefeitura consumiam grande parte de seu tempo noturno. Quanto a Leonor, ouvia os vizinhos comentarem, porém, não supunha que seu filho, de uma formação religiosa esmerada, viesse a se imiscuir em companhias tão indignas.

Um dia, porém, a estrêla de Celestino se apagou. A guerra se tornara um fato e as dificuldades de exportação de seu produto foram insuperáveis. O próprio tempo conspirava contra êle. Uma sêca prolongada contribuía para a sua já previsto bancarrota. As frutas de seu pomar podiam contar-se aos dedos. Jamais pensara num seguro para suas propriedades. Os títulos e os avisos de protestos acumulavam-se sôbre sua mesa, e Celestino não viu outra solução senão vender o carro e hipotecar a chácara. Numa pequena casa, passou a residir.

Leonor sentia-se profundamente humilhada com a decadência. Ela própria era vítima daquele fracasso. Os amigos haviam-se afastado, pois sua beleza física havia decaído. Sòmente Juquita era uma amizade certa e incondicional. De fato, nesta época seu coração e seus afetos já lhe pertenciam totalmente.

Foi então que se concretizou o envio de tropas brasileiras para a Itália, e o ex-doutor Celestino viu neste fato sua tábua de salvação. Formado, forte, instruído, não houve oposição na inclusão de seu nome no rol daqueles que, naquele dia de luto para a cidade, partiam para a Europa, em busca da vitória.

★

A velha Matilde debatia-se ante o impasse que o último pedido de seu filho lhe criara: recolher Leonor em sua casa. Aquela mulher antipatizada, mal falada por todos. E, pior ainda, não podia conceber a idéia de que seu adorado e único filho havia traído a sua própria consciência. Tudo o que se falara de Leonor era verdade. Jamais poderia gostar daquela mulher que nunca se dignara cumprimentá-la nas poucas vêzes que se cruzaram. E se

viesse tê-la sob seu teto? Quais os comentários? Os olhares de todos cairiam sôbre ela, condenando-a. Estaria protejendo uma mulher devassa.

E aquêle filho? Juquita lhe falara num filho... Porventura aquela mulher indigna poderia merecer a honra de ser mãe?!! Não podia compreender aquelas palavras derradeiras de Juquita: "Zele pelo seu filhinho... queira-lhe como se fôra seu próprio neto..." Sim, Juquita tinha trinta e dois anos e não pensara ainda em se casar...

Várias vêzes ela insistia:

— Case, meu filho... case com uma mocinha pobre que o faça feliz. As moças pobres são mais trabalhadoras, mais compreensíveis; estão acostumadas a sofrer. O casamento faz o homem honrado.

— Juquita lhe respondia, quase invariàvelmente:

— E' muito cedo ainda mamãe. Espere a situação melhorar...

D. Matilde insistia com grande energia:

— Se eu morrer sem dar um beijinho em meu neto, não se atreva a aproximar-se de mim na hora de minha morte. Não creio que meu único filho me recuse êste grande prazer... e olha, meu filho... acho que não durarei muito mais...

E êle sentia cairem-lhe nalma aquelas palavras com tôda a gravidade que encerravam... "não se atreva a aproximar-se de meu leito..."

E, vergando ao pêso do "ultimatum" materno, Juquita muitas vêzes jurara, já quando convocado para a guerra:

— Eu juro mamãe, eu juro por Deus e pela minha felicidade que, se a senhora viver mais um ano, eu porei êste seu neto em suas mãos.

D. Matilde só agora compreendia o significado daquele juramento. Quem sabe se Leonor não era, ou não viria a ser, muito breve, a mãe do filho de seu filho?! E a suspeita foi-se confirmando, dia a dia. D. Matilde não tinha mais dúvida. A obrigação era grave. Iria procurar Leonor, embora soubesse que iria receber uma recusa formal.

Visão tremendamente lúgubre aguardava os olhos estupefatos de D. Matilde. Bateu à porta de Leonor. Ninguém respondeu. Insistiu. Nada. A velha senhora sentiu o sangue arrepiar-lhe as veias. Contornou a casa, pelo lado da cozinha. A porta estava aberta e a um conto jazia inerte um belo cachorrinho, que várias vêzes se via acompanhando sua dona em seus passeios. Uma calamidade havia desabado sôbre aquela casa. Internamente — uma desordem completa. Móveis empoeirados. Lépidas baratas deslizavam pelas paredes, em tôdas as direções. Tétrico! Algo muito sério, muito grave havia acontecido. D. Matilde estremeceu de mêdo. Entrou pela sala. Sôbre a mesa uma carta que alguém tentara abrir, mas não conseguiu. Sôbre o envelope, em letras grandes: "Teatro de operações na Itália". Dona Matilde não sabia ler. Nem que o soubesse, naquela hora não podia fazê-lo. Grande tensão nervosa a dominava. Empurrou, de leve, a porta do quarto. A mão tremia. Lábios rígidos, não a deixavam pronunciar o nome de Leonor. O frio da morte, que vagava naquele ambiente, soprava sôbre ela, também. Com grande esfôrço, arrancou do peito uma voz tremida e chamou:

— Leonor... Leonor...

Um vago gemido foi a resposta. D. Matilde sentia-se desmaiar. Outro gemido, mais outro... um brado lancinante, afinal. D. Matilde colou ao peito a cruz de seu rosário, e invocou a proteção de Deus naquele momento difícil e doloroso. Entrou.

Leonor, atirada sôbre o leito, estava desfalecida. Gélida. Olhos esbugalhados. Pernas inchadas. Lábios tintos e ventre entumecido, exageradamente grande. Seu semblante estampava longas horas de duro sofrimento. Era um quadro patético do mais impiedoso realismo. Era uma cena jamais vista e nem sequer sonhada por aquela veneranda senhora. Ali estava Leonor, inerte, às portas da morte. D. Matilde já não tinha mais dúvida:

Juquita cumprira sua promessa!

Ali estava seu neto, seu verdadeiro neto, lutando pela própria vida.

E se estivesse morto?! Ela o beijaria assim mesmo. Era preciso, todavia, tentar a salvação. Chamou novamente por Leonor. Estava pràticamente morta. Insensível. A mãe de Juquita precisava agir. Sentia que as fôrças lhe voltavam.

A providência deixara para aquela hora aquêle encontro salutar.

A velha senhora não titubeou. Tinha que chamar uma parteira, porém, sentia que o tempo era precioso e escasso. Ela mesma tinha que pôr em ação seus longos anos de prática. Um leve sorriso esboçou-se nos lábios de Leonor. D. Matilde sentiu-se transformada. Providenciou rápido um banho para a pobre enfêrma. Leonor contorceu-se violentamente. Gemeu e sorriu mais uma vez. Gemia e agora com mais freqüência. Levou as mãos ao ventre e seu rosto se transformou num espelho de dor.

D. Matilde era tôda cuidados. Aguardava ansiosa o momento decisivo, e êste não tardou.

D. Matilde havia cumprido a sua missão, sua divina missão!

O recém-nascido era um menino e seu primeiro vagido era regado pelas lágrimas de sua mãe arrependida, pelas lágrimas de sua avó emocionada.

D. Matilde tinha sido uma verdadeira mestra. Serviu um chá à jovem mãe. Reclinou-a, em seguida, ao travesseiro. Leonor pediu que a velha senhora baixasse à altura de seus lábios, colocando-lhe à face um beijo enternecido. Era a encarnação de um agradecimento eterno. A razão voltava, em tôda sua plenitude. Após contar tôda a sua história, todos os seus sofrimentos naqueles dias de dor e de abandono, que passara, lembrou-se que havia recebido uma carta da Itália e não tivera fôrças para ler. Pediu-a... D. Matilde aguardava, curiosa, os comentários, porém, Leonor, com um sorriso nos lábios, disse apenas:

— Celestino morreu!

D. Matilde estranhou que nem sequer uma lágrima brotasse dos olhos de Leonor. Ela acrescentou então:

D. Matilde! eu lhe imploro que não se oponha ao meu casamento com o verdadeiro pai de meu querido filhinho que é também seu neto...

A santa matrona estava vencida pela grande emoção, e num amável sorriso, respondeu:

— Que Deus abençoe Juquita... Que Deus abençoe você também... minha querida filha...

E um beijo recíproco selava as esperanças de uma felicidade imorredoura para ambas, imorredoura para todos!...

★

Em pleno campo de luta um soldado recebia um telegrama:

"Querido Juquita — Teu filho nasceu. Manda-lhe o nome — Tua mãe — Tua espôsa"'

(Cont. na pág. 44)

R O T I N A   D E   B E L E Z A

# ALGUNS MANDAMENTOS DE BELEZA



**«Mens sana in corpore sano»** — muito bem. Frescura de espírito com um corpo fresco — melhor! Use pela manhã muito sabonete, fricção, escôva e perfume, e depois roupas sempre limpas — para arrancar de maneira brilhante o dia!

● Conserve uma atitude desempenada e um andar gracioso — sentir-se-á e parecerá mais jovem. Mantenha a cabeça erguida, os ombros para trás, a espinha direita. Um porte altaneiro equivale a coragem e segurança.

● Não se descuide da silhueta nem da saúde. Escolha vestidos graciosos para garantir cumprimentos. Em primeiro lugar, chegue ao seu pêso, mediante outra dieta adequada. A oscilação maior que uma mulher elegante se pode permitir sôbre o pêso conveniente é de dois quilos para mais ou para menos. A balança consultada semanalmente e o firme propósito de não comer nada entre as refeições ajudam muito nessa questão do pêso.

● Trate de sua pele do rosto, do pescoço e das mãos, empregando diàriamente os cremes que lhe pareçam melhores, ou será desagradàvelmente surpreendida por sinais mesmo precoces de velhice.

● Os cabelos devem ter um corte que permita alguma variedade de penteados, desde que lhe sejam favoráveis. Necessitam de ser escovados diàriamente para não perder o brilho. E não tema fazer de quando em quando um «shampoo» que lhes altere temporàriamente a côr — só para ficar às vêzes diferente.

● Nunca se apresente sem retocar o rosto, ainda que apenas com baton. Para caprichar na pintura do rosto: descubra o tom de pó de arroz que lhe dá um rosado de pêssego, uma sombra para as pálpebras que intensifique a côr e o brilho dos olhos, não despreze máscara para as pestanas. E use pouco rouge nas faces.

● Permita que o seu senso da moda se estenda até à indumentária caseira com seus detalhes. Não se sentirá de modo algum Cinderela usando um bonito avental, ou um vestido de casa com um decote bonito, ou sapatos baixos num tom vivo.

● Inclua diàriamente em seu programa êsses cinco tratamentos de beleza: exercício, repouso, sol, ar livre, sono. Desperte o interêsse dos outros por você alargando o horizonte de seus interêsses pessoais. Descubra um «hobby». Treine, ainda que duramente, para ser uma dona de casa perfeita, que saiba receber. Tenha o sorriso pronto e sempre uma frase alegre na ponta da língua. Verá que sua vida se tornará mais divertida!

# Semana LITERÁRIA

## NOTÍCIAS DE S. PAULO

Érico Veríssimo passou duas semanas na capital. Realizou no Teatro Cultura Artística uma conferência subordinada ao título «Pergunte o que quiser'. E foi alvo de inúmeras homenagens.

★ O Museu de Arte Moderna está apresentando uma exposição de pintura e de desenhos de Carlos Plattner, recentemente chegado ao Brasil. Êsse artista se filia ao movimento «construtivista».

★ Elza de Morais Barros Kyrillos, escritora especializada em literatura infantil, acaba de distribuir aos seus amigos cópias da sua tese, apresentada no III Congresso Paulista de Escritores: «A literatura infantil na formação moral da criança».

★ Foi muito apreciada a exposição de desenhos e pinturas do jovem artista plástico Geraldo de Barros, no Museu de Arte Moderna. Êsse pintor já expôs duas vêzes na França e participou, êste ano, da famosa Bienal de Veneza.

## NOTÍCIAS DO PARÁ

**O doutor Avertano Rocha, decano do Colégio Estadual «Pais de Carvalho», acaba de ser convidado pelo Episcopado Argentino para tomar parte no Primeiro Congresso Interamericano de História e Artes Religiosas. O dr. Avertano Rocha é um dos mais brilhantes estudiosos da História e da Arte Religiosa. O conclave será realizado em Buenos Aires, devendo Avertano Rocha embarcar em setembro com destino à capital portenha.**

**★ Será realizado em 1954, em Belém do Pará, um congresso nacional de escritores, patrocinado pela Academia Paraense de Letras.**

**★ Será lançado, ainda êste mês, pela «Table Ronde», de Paris, o livro de estréia do poeta paraense Floriano Jaime.**

**★ Será instalado, em outubro de 1953, o X Congresso de História do Pará, que contará com a presença de vários historiadores brasileiros e estrangeiros. Entre os organizadores do congresso, destacamos os escritores paraenses Artur César Ferreira Reis, Avertano Rocha, Aluísio Chames, F. Paulo Mendes, Ernesto Cruz, D. Mário de Miranda Vilas-Boas e outros. Foi oficialmente convidado, para tomar parte no referido congresso, o professor Jaime Cortesão.**

**★ Vem circulando, em Belém, o suplemento literário d'«O Estado do Pará», única publicação do gênero que é dirigido pelo pintor paraense Angelus. Entre os seus colaboradores, destacam-se, pela freqüência, Ruy Guilherme Barata, Max Martins, José Maria Amorim, Otávio Avertano, Carmen Lúcia Pais, Floriano Jayme, Dias de Andrade, Lucinerges Couto e Oliveira Bastos.**

★ Edições «Norte» lançará, dentro em breve, «Poemas», livro de estréia de Cauby Cruz.

## FORA DO PRELO

● OLAVO BILAC — **Faz pouco, noticiamos o aparecimento da série «Grandes vultos das letras», na qual as Edições Melhoramentos publicam rápidas biografias de intelectuais brasileiros. Os dois primeiros volumes foram, respectivamente, sôbre «Tobias Barreto» (de Paulo Dantas) e «Euclides da Cunha» (de Moisés Gicovate).**

**Surge agora o terceiro, de autoria de Leonardo Arroio, de quem aquela editôra já nos havia dado «Você já foi à Bahia?» e «História do Galo». O trabalho de Leonardo Arroio é a respeito de «Olavo Bilac'. E' destacado, com simplicidade, o alto valor do notável poeta e patriota.**

● CULTURA DA BANANEIRA — Prosseguindo na publicação de pequenos volumes de seu «Abc do lavrador prático», de tantos ensinamentos para leigos e industriais do campo, as Edições Melhoramentos acabam de estampar o livro nº 17, «Cultura da bananeira', da lavra de Júlio Di Paravicini Tôrres, engenheiro-agrônomo. Todos os aspectos da produção, comércio e exportação figuram, bem expostos, nas páginas ilustradas de «Cultura da bananeira».

● TOBIAS BARRETO — **Mostrando a vida e as obras de personalidades, as Edições Melhoramentos publicam «Gênios da Música» e «Grandes Brasileiros» — coleções a que, no momento, acrescentam «Grandes vultos das letras». Já é ponto pacífico: as biografias constituem o elemento mais precioso da História. Porque o homem há-de ser, dignamente, o motivo principal das realizações terrenas, em todos os setores. Respeitar-lhe a individualidade e respeitar a inteligência, nobilitar-lhe as fôrças criadoras, perpetuar-lhe a liberdade.**

**«Tobias Barreto» é o vol. 1º de «Grandes vultos das letras». O biógrafo é Paulo Dantas. Saiu-se bem da tarefa, por isso que nos apresenta um «Tobias Barreto» harmônicamente fiel ao temperamento do pensador e poeta pernambucano. Em verdade, veio oportuna a obra. Porque Tobias está sendo muito citado — embora não muito conhecido...**

## UM AUTOR:

## GUILHERME DE ALMEIDA



A obra de Guilherme de Almeida é das mais ricas de substância, em nossa poesia. E sua lírica não conhece pausas, nem hibernação, nem ausências. Poeta, integralmente poeta, Guilherme faz poesia como as abelhas fazem mel — pela própria condição de existir. E, com a mesma doçura, sempre doce e infatigável. Nunca se ausenta para outros países, nunca trai. E' e está sempre poeta, trabalhando o ouro puro de seus versos.

Vivendo nesse mundo da poesia que o envolve de imagens, de ritmos e harmonias, frui também a companhia, o convívio, a encantação de outros poetas, de seus irmãos distantes no tempo ou na geografia. Assim, foi que nos deu essas «Flores das Flores do Mal», onde existe o milagre de um Baudelaire que parece êle mesmo, falando em português, ferindo de novo aquelas notas lancinantes e únicas que êle tirou da lira. Foi assim que, agora, surgiu essa «Antigona», de Sófocles, que o nosso grande poeta integrou no idioma e que tem o tom, o andamento, a hierarquia da obra original. Intimo de tôdas as poesias, sentindo-as poderosamente refletir-se na sua própria, fiel a tôda a poesia, Guilherme de Almeida, que nos deu tantas páginas de lavor grego — «A Frauta que eu Perdi», por exemplo — agora foi buscar, para que melhor a conhecêssemos, a heroína de Sófocles, infundindo-lhe a mesma voz antiga, o mesmo movimento solene, a mesma tragédia e, dentro do peplum antigo, o corpo palpitante, a alma alanceada que ela um dia mostrou à velha Hélade.

## UM LIVRO:

## «GENEROSO PONCE, UM CHEFE»

*É Generoso Ponce Filho — atualmente nosso querido companheiro da REVISTA — quem nos dá esta biografia. Nem por estar contando a história de seu pai, o livro submerge no puro sentimentalismo. Pelo contrário, sente-se que o autor evitou todo derrame afetivo, tornou seu livro propositadamente sêco, de uma severidade histórica rigorosa, desbastando-o de todo lirismo. De uma ou de outra forma, Generoso Ponce Filho nos daria obra invulgar, tanto porque seja um habitual da investigação histórica, como porque tem estilo. E porque, finalmente, o material que teve em mãos é dos mais suculentos e fascinantes que podemos encontrar, na conformação da unidade brasileira, na própria criação da Pátria.*

*Mas, sem dúvida, o que mais nos admira no biógrafo, é sua continência, sua resistência à emoção dramática, tão justificável, tratando da vida dêste contemporâneo "Condottieri" renascentista que herdou a bravura e a mentalidade ampla dos seus ancestrais, cavalheirescos e heróicos.*

*Generoso Ponce foi realmente um chefe — como está no título. Depois de um século, vemos que foi no comando de homens e de idéias que êle se situou na História, onde o amor e a admiração do filho ora vai buscá-lo, colocando-o no lugar de destaque que sempre lhe pertenceu e que se achava vago, entre os pró-homens do Brasil. E que bem ficou Generoso Ponce nesse friso de heróis! Sua figura de prol avulta destas páginas com um vigor impressionante, tanto pela soma de qualidades que apresenta sua individualidade, pelo corte de seu perfil moral, pelo destemor de suas atividades, como pelo que fêz pelo Brasil, naquele bravio mundo Oeste, cuja integração física e espiritual na estrutura política do país se deve à sua obra incansável, ao seu gôsto batalhador, ao seu sentimento do dever, ao seu patriotismo, ao seu "panache".*

*Neste alentado volume (Pongetti, editor) encontramos fatos, episódios vividos. O autor evitou todo "stracheyismo", furtando-se ao romanceamento desta figura essenciamente romanesca, mas sobretudo verdadeira, real, fascinante na sua condição de chefe, mais impressiva do que no painel de suas façanhas, no tropel dos movimentos que desencadeou. E deu-nos, assim, um documentário fascinante, um arquivo passado à limpo, disposto cronològicamente, mas de onde surge e avulta o acontecimento, a palpitação, onde colhemos a flor humana dessa grande vida de ontem e de sempre, dêsse herói forjado em bronze, como desafiando as injustiças e os esquecimos da História.* EDMUNDO LYS



# FELIZES CACHORROS DE PARIS

DESDE que o mundo é mundo o cão é considerado o mais fiel dos animais e a mulher — para os poetas infelizes — a mais infiel das criaturas... O cão tem sido cantado e decantado, a mulher, ó, nem se fala, a mulher, para resumir tôda a sabedoria humana sôbre a tão discutida costela de Adão, é sempre, como disse alguém, um animal com o qual e sem o qual não se pode viver... Nem o homem, nem os cães, nossos irmãos, assim chamados, em bela conferência, pelo espírito cintilante de Roberto Gomes, um crítico de arte que o Rio já esqueceu. Ó, os cães, cuja fidelidade tanto os distingue dos homens, tem com êstes, um traço comum: adoram as carícias, principalmente carícias da mulher bonita. E as lindas, elegantes criaturas, que com as suas flores, suas irmãs, Deus adornou êste planêta, retribuem aos cães essa inclinação irresistível, retribuem generosamente, da maneira mais expressiva, fazendo dos cachorros, sem distinção de credos ou de raças — dos lulus, aos bassés, aos terrier, aos galgos, dos pequineses aos chihuaua, à la Xavier Cugat, dos mais peludos aos carecas, dos rasteiros aos altos e esbeltos — tal como com os homens, nisso felizmente igualados aos cães — parte de sua elegância feminina.

O cão muita vez é imprescindível complemento da **flaneuse**, nas grandes paradas de elegância, onde quantas e quantas vêzes ficam os homens a invejar a sorte e a vida de certos cachorrinhos mimados...



Há pouco, em Paris, nada menos de 50 beldades desfilaram na Exposição canina dos Ambassadeurs, trazendo os venturosos espécimes das mais variadas raças, cãezinhos de **pedigree** a fazer inveja a muito nobre de duvidosa genealogia. Um júri severo apreciava atentamente os cães, enquanto a multidão elegantíssima que ali fôra, dividia as atenções e os olhares entre as formosas damas e seus cachorros, que desde Madame Leprince de Beaumont são tradicionalmente considerados complemento direto do seu charme. A Princesa de Broglie, da mais alta linhagem, presidiu ao comitê julgador e o grande prêmio coube a Mme. Gérard de Fommervault, cuja foto publicamos ao alto com os seus dois soberbos dogues alemães. O trio abaixo também foi contemplado entre os 74 que obtiveram prêmios nessa parada dos felizes cachorros de Paris.

## A SAÚDE DO BEBÊ

# NEFROPATIAS NA CRIANÇA

DR. SABÓIA RIBEIRO

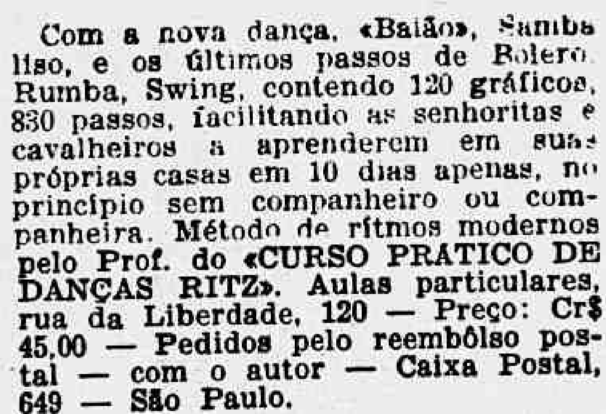
NÃO é raridade, antes ocorrencia banal, o aparecimento de uma afecção renal no menino. Algumas peculiaridades, mesmo, que cercam a vida da criança, nos primeiros tempos, explicam essa freqüência. Como se sabe, são muitas as infecções a que está sujeita a criança, ao entrar na vida, e doenças como o sarampo, a coqueluche, as anginas, as infecções pelo coli (tão disseminado no intestino do lactente, vítima dos distúrbios gastroentéricos, e até independente dêles), a gripe, constituem oportunidades que jamais deixam de pôr à prova os rins do menino. De sua vez o estafiloco e o estreptococo, partindo das infecções da pele, fazem o mesmo. Podemos, aliás, dizer que existem moléstias, nessa idade, em que o diagnóstico só é esclarecido pelo exame da função renal. Uma febre prolongada na criança estará muita vez esclarecida pelo exame de urina. E após certas infecções, como as pneumonias, o tifo, é comum que seja encontrado o rim lesado. A Escarlatina (entidade em que pouco se fala entre nós, mas que não nos é estranha) também deixa após si uma lesão renal das mais graves e resistentes ao tratamento.

● Devemos destacar o papel das anginas. Crianças portadoras de uma afecção da garganta são muita vez vitimadas por uma lesão renal. E se saem de uma infecção diftérica é preciso contar com essa possibilidade, vez que até lesões necroticas podem-se instalar após essa infecção, nos rins. O primeiro elemento que informa de uma nefrite é o exame de urina. A existência de albuina e o exame do sedimento põem não raro de manifesto sua existência. A presença de cilindros, cristais, precisam melhor a natureza do processo. Muito importa, também, a medida da pressão, a existência ou não de infiltrações (edema dos pés, pálpebras), o conhecimento da taxa proteica, a frmula leucoçitária (leucocitose nas nefroses), a anemia macrocítica (que quase nunca falta nas mesmas).

● No lactente cumpre estar sempre prevenido com relação à pielonefrite, ocasionada pelo coli. Nos meninos maiores outras espécies costumam estar em jôgo, como outras formas de nefrite, aqui simplesmente inflamatórias, ali já de um fundo diferente. Embora a sua gravidade em certos casos, as nefrites da criança possuem uma particularidade que faz o seu prognóstico menos mau em relação ao adulto: quase nunca terminam pela esclerose e portanto passíveis de uma recuperação.

● Após as infecções, a tendência à cura é a regra, naturalmente dependendo do caráter da nefrite e boa orientação do tratamento, variável conforme os elementos presentes no exame. Há uma forma que se resume exclusivamente na albuminúria, mesmo assim intermitente, conforme a criança se entrega ou não ao movimento. Deitada, a albuminúria desaparece, ao movimento, volta. E' a chamada albuminúria ortostática, compatível muita vez com o pleno estado de saúde da criança, e só descoberta como achado clínico, ao exame sistemático de urina.


## COMO APRENDER A DANÇAR




3ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.


## ASSIM FALOU O TÚMULO

(Cont. da pág. 23)

**Segunda-feira, 25 de agôsto.** — Vi-me, hoje, ao espelho e quase desmaiei. Meu rosto palidíssimo parece feito de alabastro. Olhos opacos. Lábios dolorosos e exangues, numa expressão desolada, sem esperança. Estou devastada! Triste ruína, horrendo fantasma do que fui! Léo, delicadamente, pediu-me o espelho e, comovido até às lágrimas, acariciou-me os cabelos encharcados de suor. Com voz suave, como se consolasse uma criança enfêrma, murmurou: — Tem paciência, amor meu, serás bonita outra vez. Chamarei, hoje, o mais notável médico para curar-te. — As palavras de meu querido possuem harmonias inigualáveis, dir-se-ia o canto de cristalino arroio num bosque florido... Que seria de mim se não fôsse êle? Veio a notabilidade. Examinou-me exaustivamente. Ao terminar, seu rosto coberto de sombras causou-me arrepios... Léo levou-o pelo braço para o quarto ao lado. A porta ficou entreaberta e a voz do médico fluiu até meus atentos ouvidos: — Câncer do fígado!... Caso perdido... Um mês de vida, no máximo! Desesperado soluço dilacerou-se o peito e perdi os sentidos...

**Sábado, 30 de agôsto.** — Reuni tôdas as minhas derradeiras fôrças para terminar êste diário. Por que ainda escrevo? Automatismo ou válvula para a angústia que me asfixia? Talvez não esteja tudo perdido. O diagnóstico pode estar errado. Exigirei outros médicos urgentemente.

**Sexta-feira, 5 de setembro.** — Continuo a piorar. Não tenho mais dúvidas. A morte vive em mim e devora-me lenta e inexoràvelmente. A dor abraça-me num amplexo definitivo. Vou morrendo aos poucos e meu martírio é mais longo, mais desesperado, mais cruel que todos os martírios, porque é um sofrimento sem esperança. E' o instinto de conservação que não admite a misericórdia divina em face da minha dor sôbre-humana, nem aceita a sentença inapelável da ciência. E' a ânsia de viver de quem reage inùtilmente contra a morte à prazo fixo. Caso perdido... Um mês de vida... Daria tudo para viver um pouco mais!

**Segunda-feira, 8 de setembro.** — Procurei o amparo da religião. O padre aconselhou-me paciência, resignação e esperança. Paciência? E' pueril aconselhar paciência ao condenado à morte. Resignação? Não me conformo em perder o meu amor. Esperança? Palavra vazia de sentido. Estranha mutação se processa em minha alma. Comecei a invejar e a odiar as pessoas sãs que me visitam. E' um ódio sem limites, incomensurável, tão grande como a dor que me despedaça os nervos. A saúde dos outros tornou-se um insulto à minha miséria orgânica. Por que Deus não se compadece? Por que Êle me feriu tão cruelmente? Que fiz eu para sofrer Sua cólera inflexível? Para mim, a única forma de fugir aos braços da dor é mergulhar no seio da morte. Quando a vida é tormento infindável, a morte é necessidade urgente. Bendita seja a grande libertadora! Eu morrerei, mas Léo viverá. Imagino-o viúvo, forte, saudável, simpático. Provàvelmente contrairá novas núpcias. E a outra? Como será a outra?... O inferno é bem melhor!

**Sexta-feira, 12 de setembro.** — Meu marido estêve, hoje, longo tempo, olhando-me em silêncio. Julguei vislumbrar no fundo de suas límpidas pupilas a pergunta que me martela o cérebro dia e noite: — Por que a morte tarda tanto? — Já, agora, as palavras de meu querido parecem-me falsas e suas carícias mentirosas. A piedade matou o amor. Léo dissimula por compaixão. Pressinto sua impaciência em desposar a outra... Verdade? Imaginação doentia? A angústia distorce minha personalidade. Fugiu-me a paz. Vivo contorcendo-me no âmago do cruciante dilema de ainda ser amada ou apenas causar lástima. Estou perdendo o domínio sôbre mim mesma...

**Segunda-feira, 15 de Setembro.** — Infinita tristeza, síntese da realidade pungente, pesa-me sôbre o coração como gigantesca mole granítica. Através da janela, vejo um fragmento de céu, onde nuvens esguias flutuam em fundo azul turquesa com tons alaranjados e cinzentos. As luzes doiradas do sol agonizante, sucedem-se tonalidades mais sombrias da noite que se aproxima. Sugestionada por aquela tarde que morria, insensìvelmente recordei-me de um ontem tão vivo que tem sabor de hoje. Vi-me, então, com Léo numa tarde transparente e sonora como se fôsse feita de cristal. Lado a lado, passeávamos nossa felicidade entre roseirais em flor. Os pássaros, as flores, a brisa quedavam-se em silêncio, ouvindo os hinos de amor que brotavam, veementes, dos lábios de Léo. Sua voz repassada de sentimento e ternura, possuía sonoridades mágicas que, até hoje, vibram em meus ouvidos, qual dulcíssima sinfonia. Oh! ventura! Como és frágil e fugaz! A recordação daqueles momentos inolvidáveis, definitivamente perdidos para mim, arrasa-me o espírito como o câncer dilacera-me o corpo!

**Domingo, 20 de setembro.** — O fim se aproxima. O hálito gélido da morte já arrefece minha incomensurável ânsia de viver. Conto os dias que ainda me restam. Léo me sobreviverá. Seus beijos e carinhos — ninguém os prodigaliza melhor que êle — serão para a outra, enquanto eu apodrecerei no túmulo. No meu cérebro excitado pela febre, perpassam cenas de amor, orgias demoníacas, bacanais desenfreadas, em que vejo Léo nos braços de lindíssimas mulheres, enlouquecido pela luxúria. Êsses pensamentos sufocam-me e são muito mais penosos de suportar que as cruciantes dores do câncer.

Em meu peito, uma chama vermelha de revolta ameaça tudo destruir. E' mais que revolta, é fúria frenética. A tragédia em que vivo, alimenta-se da inutilidade de meu esfôrço em abrandar a violência da paixão que me devora a alma. Êsse estado de espírito, contíguo da loucura e do ódio, situa-se bem perto do crime. A certeza do fim próximo, coloca-me acima das rotineiras convenções humanas. Pràticamente não pertenço mais a êste mundo, portanto, seu julgamento não me interessa. Sou uma revoltada e, em todo rebelde há um tirano rugindo. E se eu truncasse o destino impedindo o inevitável: que Léo corteje outra mulher após minha morte? Tal solução proporcionou-me esquisito bem-estar. Feroz prazer dissolveu a amargura infinita de separar-me de Léo. Disporia de sua vida como se ela fôsse, realmente, de minha propriedade exclusiva. Sinto-me igual a Deus! O amor tem em si a eternidade e o veneno implacàvelmente letal. Estranha antítese: dá a vida e produz a morte! Podem chamar-me de egoísta, louca ou hiena: o amor e a morte pairam muito além do conceito rasteiro e vulgar dos homens. Aquêle que ama escuta, apenas, o tumultuar de sua paixão; para o resto, êle se torna completamente surdo. Amo Léo com delírio; nunca pude viver sem êle; amá-lo-ei até nos confins da morte, até no coração inacessível do infinito! A idéia do crime não mais me abandona. E' uma obsessão de todos os segundos. Tornou-se necessidade imperiosa, incoercível, irrefreável. O desespêro e o ódio contra tudo ofuscam-me a razão... — «Tu sobreviverás. Tu sobreviverás a êle», berram vários demônios rútilos, reviravolteando, alucinadamente, em tôrno de meu leito de moribunda. E continuam: — «O revólver está na mesa de cabeceira. Tua mão é livre. Despedaça com ela as algemas que te prendem à inexorável fatalidade de te afastares de Léo. Êle cruzará primeiro os umbrais das sombras, tu irás logo após ao seu encontro e, juntos, ficarão por tôda a eternidade. Assim vencerás o destino. Tua vontade é soberana. Léo não pertence à vida, é teu. Leva-o contigo. Ninguém te afastará dêle»... Ninguém! Ninguém! Ninguém! Sanguinolento crepúsculo desceu sôbre minha alma...

## "ETERNAMENTE MÃE"

(Cont. da pág. 41)

Mas não foi preciso responder. Juquita conseguira baixa do serviço ativo. Poucos dias depois pisava êle o solo do Brasil.

Em sua cidade natal, porém, as opiniões se dividiam. Uns pró, outros contra. Providência... obra da Providência, diziam aquêles... um escândalo, murmuravam êstes. Data de então as constantes divergências que vêm destruindo a unidade tradicional daquele povo.

Juquita e Leonor, todavia, não se deixaram levar por opiniões alheias.

A 20 de junho de 1945, o velho amigo Padre Antônio abençoava e unia perante Deus as alegrias daquele casal feliz. Ao mesmo tempo, nos braços trêmulos de D. Matilde, onde dormia inocente e risonho, Celestino Eli, recebia em sua fronte as águas benfazejas do Santo Batismo.

Celestino foi o nome escolhido por Juquita, em reparação póstuma a tantas traições que havia feito ao seu melhor amigo...

# ALBUM DE *a Cena Muda* PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do "Album". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

Preço Cr$ 25,00



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA - RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

# FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

| | |
|---|---|
| JEAN | RENATO SCANZINI |
| MARIO | FRANCO FABRIZZI |
| ZAIRA | LUIZA ALLIANI |
| SOLANGE | LICIA. NAPPO |
| DUPUIS | MAXIMO ALTAVILLA |
| JOANA | NIETTA ZOCCHI |

**CAPITULO 16 — (Resumo da parte já publicada)**

A notícia da vitória dos aliados encheu de alegria a caravana dos ciganos. O pensamento da pátria distante trouxe nova esperança para os desventurados expatriados. Depois de uma longa travessia pela floresta e conduzido por um estrangeiro, Jean consegue encontrar o circo. A alegria aumenta, e Mário abraça, comovido, o seu garôto. Dias e mais dias até pisar o solo da terra natal. Lentamente a caravana se proxima de Varsóvia. Mário resolve abandonar os seus amigos... porém não consegue. Enquanto isto Solange e Géo Dupuis abandonam o campo de concentração.

A VOZ DA RAZÃO DIZ A SOLANGE QUE É INÚTIL ILUDIR-SE, PORÉM UM VAGO PRESENTIMENTO COMO UM GRITO DESESPERADO DO CORAÇÃO PRENDE-A AQUELA CASA ONDE TUDO ATÉ AS PRÓPRIAS SOMBRAS LHE RECORDAM O FILHO PERDIDO...

——o——






















DEPOIS DE DIAS E DIAS DE VIAGEM, O CIRCO CHEGA À META FINAL: VARSÓVIA!

——o——

61










62

SOLANGE QUER SEGUIR O MARIDO, MAS UMA FÔRÇA HIPNÓTICA A ARRASTA PARA A CRIANÇA E MARIO QUE AGORA COMEÇARAM A ANDAR...

——o——



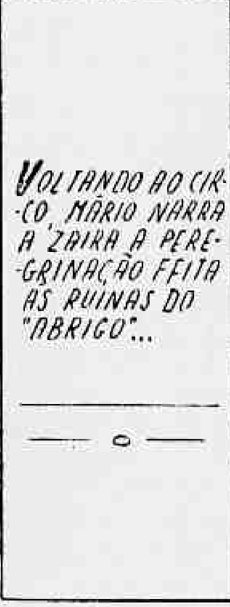































63







64




É UM FIO DE ESPERANÇA A QUE ZAIRA SE APEGA PARA SALVAR SEU ADORADO MÁRIO DE UM ABISMO DE DOR DO QUAL ELA IGNORA AS CAUSAS...

——o——

NO DIA 18:

# A VIDA DE NOEL ROSA

## Contada por ALMIRANTE



AVENTURAS NO MUNDO DA MÚSICA E DA BOÊMIA: A HISTÓRIA TÔDA, TINTIN-POR-TINTIN, com um MUNDO LOUCO DE INDISCRIÇÕES, DE ADORÁVEIS BILHETES DO CANTOR DA «VILA» ★ EPISÓDIOS ENGRAÇADÍSSIMOS UNS, PITORESCOS OUTROS, ROMÂNTICOS E SENTIMENTAIS ★ DOCUMENTOS E FOTOGRAFIAS ★ CARTAS E LETRAS DAS MÚSICAS DE NOEL, CHEIAS DE SENSIBILIDADE E DE HUMOR

## PRECE

(Cont. da pág. 23)

tivismo, num fundo de cena ainda mais brutal, sob uma arcada de madeira podre que não se soube como sobre-viveu ao impiedoso castigo... um me-nino de olhinhos de amêndoa chorava em silêncio. Agachadinho junto a um corpo frio e deformado, tremia e erguia para o ar o rostinho perscrutador, sujo e percorrido por dois fios luminosos de lágrima. Meus olhos inchados e incrédulos o fitaram. Parei no limiar dos escombros e senti-me de repente tão cansado! tão longe de mim! tão aniquilado! que tive de me apoiar a qualquer coisa ainda de pé naquele inferno.

A emocionante canção enchia os ares em mavioso côro de vozes.

O homem grisalho divagou o olhar pela varanda e, depois de deixar-se cair outra vez molemente no fundo da cadeira, recomeçou:

— O pequenito viu-me. De que, porém, se espantaria êle mais? Apenas encolheu-se atrás do corpo inerme, nesse gesto instintivo de quem busca uma proteção que nunca se lhe negou... mas que nunca mais achará! e nisto se resumiu sua reação à vista do estrangeiro. Sua expressão facial não mudou: com o mesmo rostinho sujo, a roupinha em frangalhos, mãos e pés sangrando ao contato áspero com o solo revolto... a única criança que vi, depois da tragédia, gravava na retina um quadro forte de mais para a sua pequenina alma!

Relanceou a vista pelos presentes em completo silêncio e acrescentou:

— Eu pergunto ainda: por que ficou aquela criaturinha? Por que, meu Deus? Foi tão grande a catástrofe, tão impiedoso o destino daquela pobre gente... Em que se lhe havia de punir mais? Não sei se fui covarde. Não sei se pactuei com o hediondo crime do invasor implacável. Quando me vi... tinha deixado para trás o pesadelo do Oriente.

A mulher mordia os lábios e amarfanhava o rôlo de lã sôbre o colo.

— Mas... que iria ver no Ocidente? — continuou o homem grisalho. Os mesmos horrores. Santo Deus! O mesmo céu, as mesmas vozes, a terra dilacerada pelo ódio, vociferações brutais e golpes animalescos contra os símbolos e os sopros de vida de uma civilização que eu só julguei ameaçada nas milenárias plagas orientais. A lendária Castela estertorava...

Sacou do lenço e removeu do rosto com a mão trêmula o suor produzido mais pela emoção das suas palavras do que pela temperatura amena do crepúsculo.

A composição de Gounod atingia o clímax.

O homem rompeu a pausa, ergueu de novo no ar o jornal e disse:

— Já lá se vão vinte anos. Que adiantou? E os senhores me perguntam se haverá uma nova guerra... Pois, amigos, a moda agora não é bomba atômica? Minha Nossa Senhora! onde é que os homens têm a cabeça?! Então, para se competirem mercados, para se disputarem poderes, para se provarem teorias, precisam-se exterminar populações inteiras?!... Milhares e milhares de criaturas inocentes! milhares e milhares de homens, mulheres, crianças, moços e velhos! pelo desvario de uma supremacia inútil e enganosa na senda do tempo?!...

Apoiou a cabeça entre as mãos e exclamou quase num sussurro:

— Mi-se-ri-cór-dia!

Atirou ao chão o jornal e emudeceu.

A mulher pediu licença e retirou-se. Um dos homens imitou-a. O segundo atraiu para si o menino que pedia a alguém que lhe enchesse uma bola de ar.

Num decrescendo melancólico a «Ave-Maria» chegava ao fim.

O homem grisalho fixou a cena singela do hóspede com o menino, cerrou os olhos, e murmurou ainda ao som dos últimos acordes da suavíssima melodia que lhe repousava o coração:

— Oh, Deus! Por que não devem ser as crianças a bênção da Criação? Por que crescem? Por que se fazem homens?...

### Respostas ao teste

1 — Pitangui, Minas (O «Vossa Senhoria»)
2 — Canberra
3 — Lã sintética, de caseína
4 — As duas espôsas de Napoleão
5 — D. Pedro IV de Portugal
6 — A do Bananal
7 — O Araguaia
8 — Ceará
9 — A pessoa que iniciou os milagres do Pe. Cicero em Joazeiro, Ceará
10 — Pirapora
11 — Diamantina (1.260m)
12 — Mariana
13 — Bahia
14 — O diabo
15 — Jesuitas.






# FRANCISCO ALVES

Não tendo sido possível publicar todo o enorme material sôbre a APOTEÓSE A FRANCISCO ALVES, neste número, daremos no próximo, maior amplitude ainda, à reportagem, quer sôbre o maior cortejo fúnebre que na capital do Brasil já desfilou, quer sôbre a avalanche humana que encheu o Cemitério de São João Batista, assim como episódios da Vida e da intimidade do grande cantor, não mostrados até agora.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

# FRANCISCO ALVES VIVO

O GOVÊRNO MUNICIPAL TEM À SUA FRENTE UM TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO — JOÃO CARLOS VITAL, O HOMEM EM QUEM TODOS CONFIAM — REALIZAÇÕES QUE SE ESPERAM DE UM ENGENHEIRO COM UM PASSADO REPLETO DE REALIZAÇÕES



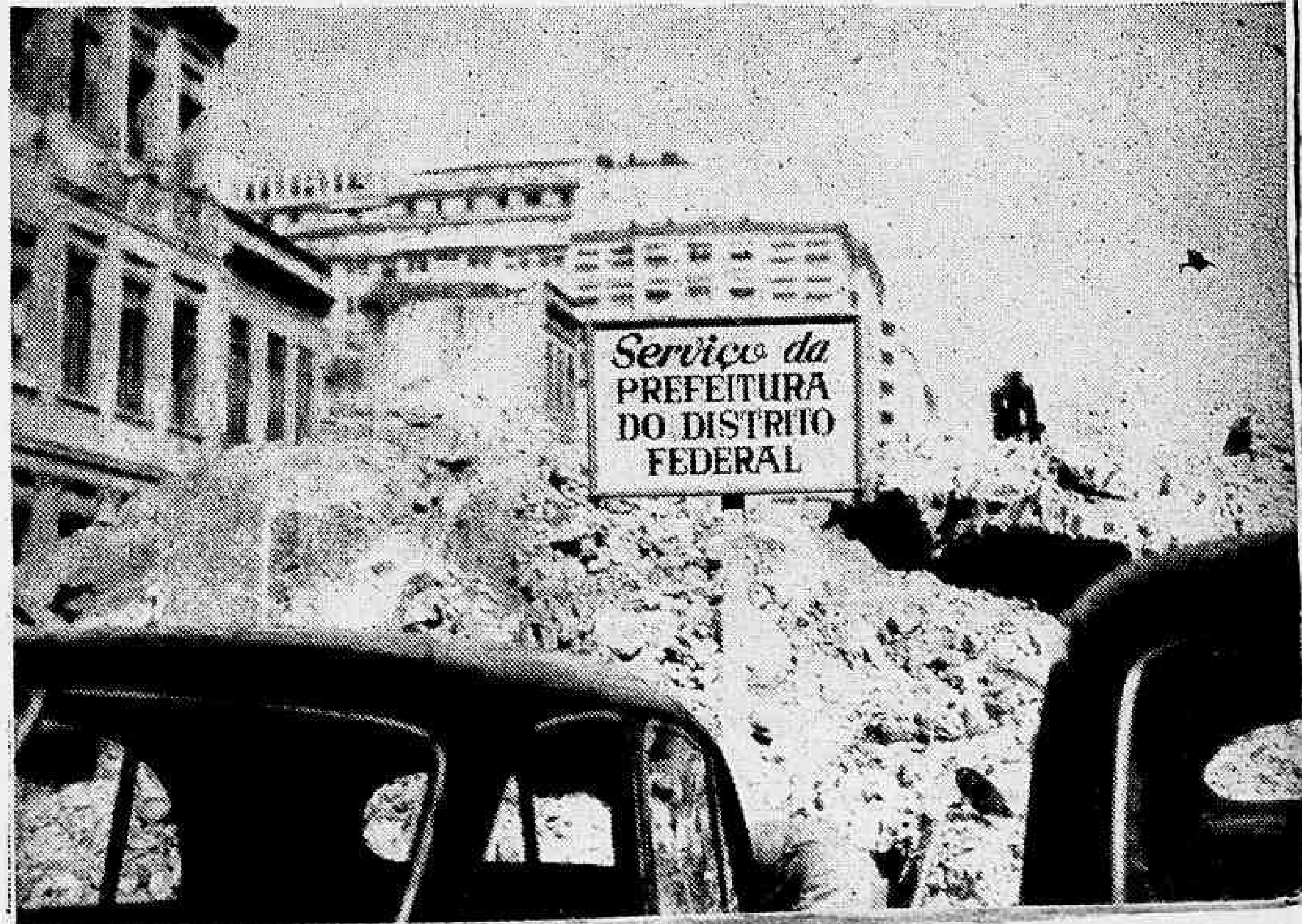
# O PREFEITO TRABALHA...

QUANDO o Presidente Getúlio Vargas apontou ao Senado o nome de João Carlos Vital para enfrentar a espinhosa responsabilidade de administratar a capital da República, logo ecoou no seio do povo uma exclamação de júbilo e uma afirmação de fé. E' que a população tinha bem viva na memória a vida pública dêsse engenheiro, nascido em 1900 no Estado do Rio Grande do Sul e formado pela Universidade do Rio de Janeiro, que fôra assistente técnico do recenceamento de 1920 e já no de 1930 chefiava a sua seção técnica, para ir depois chefiar o gabinete do Ministro do Trabalho, onde estêve de 1933 a 1939 e de cujo titular era substituto eventual, tendo exercido interinamente a direção da pasta no ano de 1938. Também interinamente exerceu o cargo de Coordenador da Mobilização Econômica em 1942, quando era o presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, o grande empreendimento que realizou e comandou de 1939 a 1945. Foi, ainda, o presidente da Comissão Organizadora do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (1937) e o era também da comissão organizadora do IRB, na ocasião em que foi chamado a dirigir tal instituição. Presidiu, igualmente, à comissão que em 1945 elaborou o plano brasileiro de serviços sociais e da Comissão Organizadora do Instituto de Serviços Sociais do Brasil.

Membro do Comité do Institut de l'Organisation Française, de Paris; do Comitato Italiano di Demografia (Roma); do Econometric Society da Universidade de Chicago; do Conselho do Instituto de Organização e Racionalização do Trabalho; do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Normas Técnicas e do Conselho Consultivo de Seleção e Orientação Profissional — o Prefeito João

**O prefeito João Carlos Vital aciona a máquina perfuradora quando do início das obras da Avenida Marechal Rangel. ● Em companhia de seu assistente, doutor Aluísio Pena, Sua Excelência passa em revista as novas ambulâncias recém-importadas. ● O «cliché» em baixo, à direita do leitor, mostra uma fase da urbanização da rua Vieira Fazenda, na praça fronteira ao novo edifício-sede do govêrno municipal.**





Tubulação já instalada nas obras da Adutora do Leblon, trabalho em que se vem empenhando com denôdo a Secretaria de Viação.



Carlos Vital, que, ao assumir o Executivo Municipal ocupava lugar de Diretor no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, já havia sido Consultor do Conselho Nacional de Estatística e no exterior tivera as seguintes comissões: representante do Brasil junto ao Congresso Interamericano para Estudos sôbre Populações, realizado em Roma no ano de 1931, e junto à 20ª Sessão do Instituto Internacional de Ciências Administrativas levada a efeito há 15 anos em Varsóvia. Há 7 anos passados João Carlos Vital discutia no México os problemas da guerra e da paz na Conferência Interamericana a que comparecera como delegado brasileiro e de cuja IV Sub-Comissão era o presidente.



Êsse técnico — administrador emérito — com tão honroso passado de realizações, é hoje em dia o depositário da confiança em que se apoiam as esperanças do povo do Distrito Federal. E' para êsse povo que êle hoje trabalha com afinco, procurando solucionar-lhe os problemas que mais o angustiam. As fotografias que reunimos nesta reportagem dão bem uma amostra de como o prefeito trabalha! Abertura de avenidas, renovação da frota de ambulâncias e caminhões-coletores de lixo, urbanização de logradouros públicos, construção de adutores, higienização de praias e canais, reorganização das feiras-livres, alargamento de vias de tráfego e solução do problema das favelas. Os parques infantis nos mais diversos bairros foi o melhor presente de Natal do governador aos seus munícipes. Medida, aliás, de grande alcance psicológico. E agora o Plano de Obras, com a grande realização que pretende levar avante: a implantação do ferro-carril-subterrâneo, a velha aspiração da metrópole.



São sete secretarias a colaborar eficientemente na execução do programa de trabalho do chefe supremo. Uma



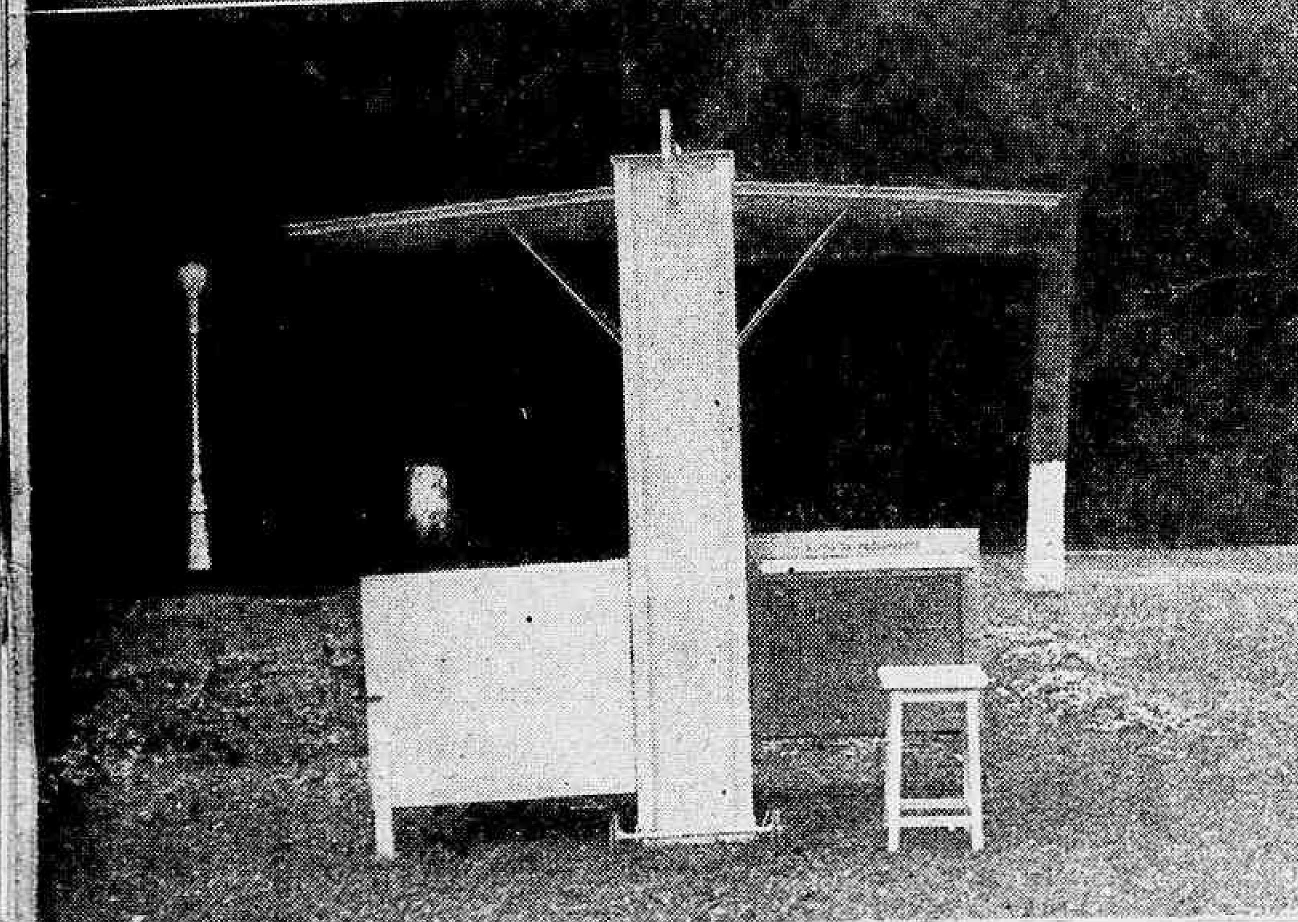


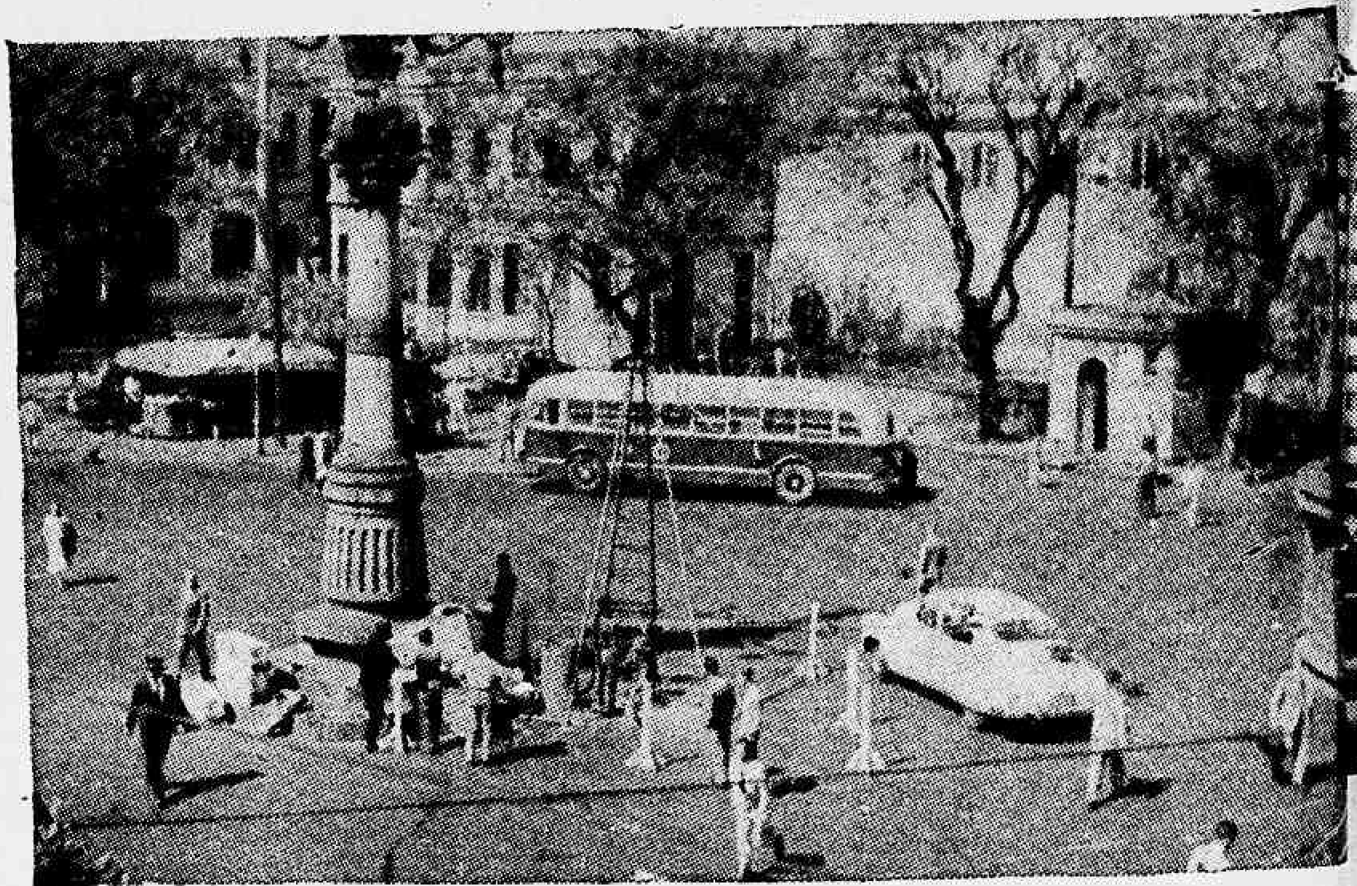
**Flagrante dos serviços de remoção de peixes no Leblon, quando da avalanche que causou grande curiosidade na população. ● Êsse parque infantil da Praça Saenz Peña é uma amostra de mais de uma centena de outros similares, em funcionamento em diversos pontos da cidade, por iniciativa do Prefeito João Carlos Vital.**



OBSERVANDO-SE, com imparcialidade, a atuação do Prefeito João Carlos Vital, particularmente no que se relaciona com o setor de obras e melhoramentos públicos, não se lhe pode negar um grande esfôrço despendido em favor dos interêsses da população carioca, vencendo, aos poucos, inúmeros obstáculos de ordem financeira e até de caráter político.

Dois dos seus atos mais recentes vieram corroborar esta nossa impressão. Refere-se o primeiro à construção de um grande reservatório de água no morro dos Macacos, com a capacidade de sessenta milhões de litros, destinado a reforçar a distribuição do indispensável líquido nos bairros de Vila Isabel, Grajaú, Andaraí e Engenho Novo, os quais, como os residentes, sofrem, repetidamente, o suplício da sêde. Trata-se de iniciativa altamente beneficiadora para aquêles importantes setores da cidade, que não terão mais de esperar pela conclusão das obras da nova adutora do rio Guandu, a fim de experimentarem um alívio sensível da falta d'água.





**A nova barraca de fiscalização das feiras-livres veio substituir o arcaico «tabuleiro», incompatível com a dignidade da função. ●**



**A vista acima — tomada no largo da Lapa — é um documento dos primeiros trabalhos de sondagem para a construção do «Metro».**



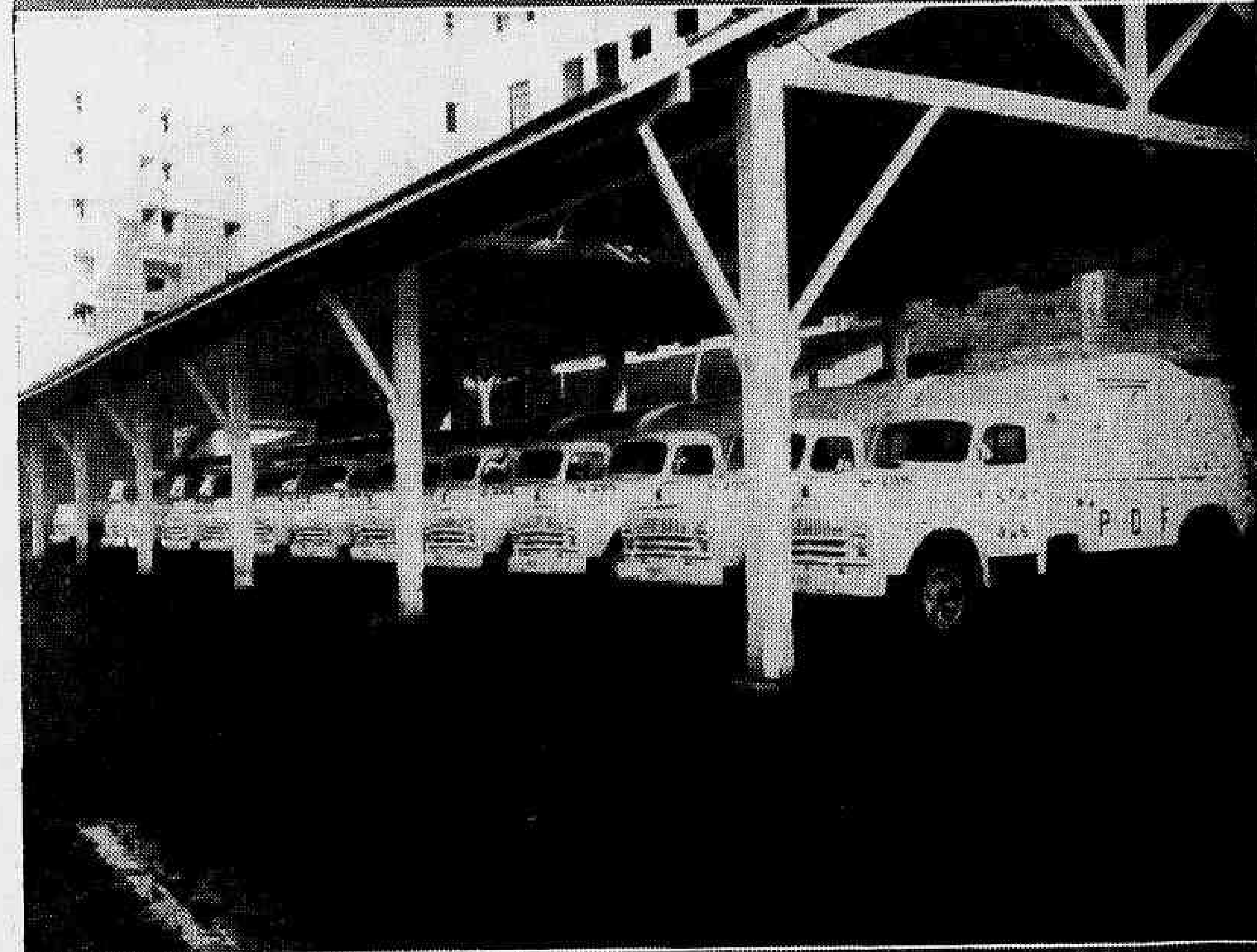
**Foto do Canal do Mangue tirada na véspera da derrubada das palmeiras das extremidades, para dar lugar ao alargamento das pistas de rolamento.**



equipe de técnicos devotados a um sagrado compromisso de honra — qual seja o de não desmececer à confiança com que lhes incentivam os cariocas. O Plano Escolar, da autoria do titular da educação e cultura da municipalidade, é algo em que o Prefeito pretende aplicar um máximo de energias. Do bom entendimento que já se processa entre os dois poderes — Executivo e Legislativo — há-de resultar o efeito proveitoso de uma harmonia benfazeja para a população. Os túneis do Pasmado e Rua Alice são agora pistas de desafôgo nessa apavorante "batalha do trânsito". Os caminhões-frigoríficos que muito devem solucionar a questão do abastecimento, entraram também nas cogitações do Plano Vital. A rua Ana Neri ganhará afinal o tão desejado viaduto! O Pão de Açúcar terá modelar restaurante como atrativo turístico. O Jardim Zoológico vai cada vez mais conquistando a admiração de quantos o procuram. Após anos de espera, têm os moradores da rua Dias da Cruz a satisfação de ver pavimentada aquela importante via de acesso aos subúrbios da Central do Brasil.

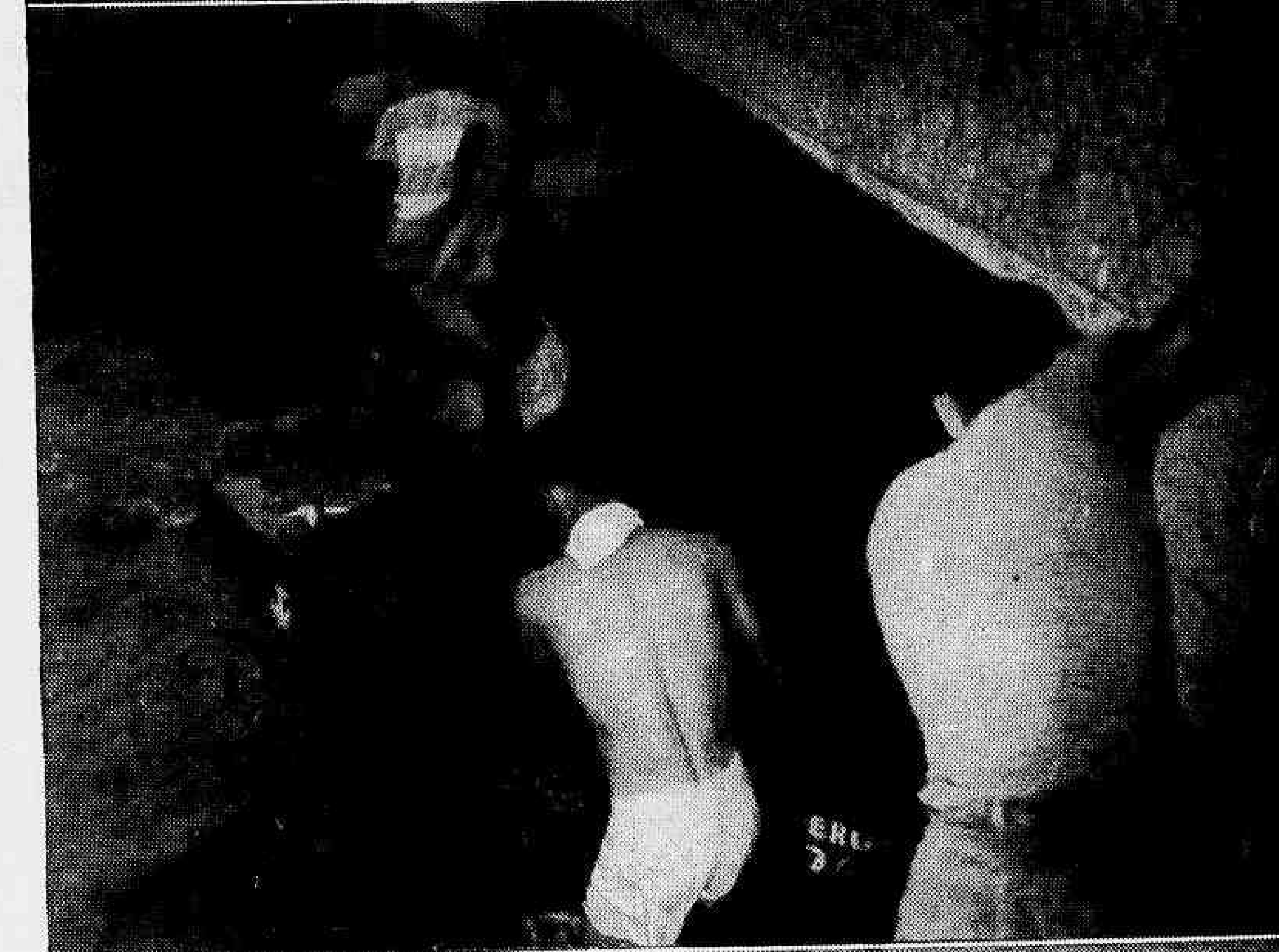
★

Em todos os setores lá está a ação diligente comandada pela fôrça construtiva de um hmoem dinâmico: João Carlos Vital. A Secretaria de Administração não se tem descuidado do reajustamento do pessoal outróra esquecido. O critério de rigorosa seleção prevalece em tôdas as carreiras. Na Agricultura cuida-se de um amplo movimento de efetivo amparo à zona rural simultâneamente com outras medidas ligadas aos assuntos subordinados àquela dependência. A Educação e Cultura assim como a Saúde e Assistência se ativam no trato do binômino de ímpar significação: EDUCAÇÃO E SAÚDE. Escolas e Hospitais. A Secretaria de Interior e Segurança estuda a melhoria dos serviços de sua Polícia de Vigilância. Regeneram-se as finanças municipais. E a Secretaria de Viação e Obras não pára também. O Prefeito trabalha. Os Secretários trabalham. A Prefeitura trabalha. Todos tabalham para um povo que merece tôda uma grande soma de sacrifícios de seus administradores. Imprensa e rádio reconhecem-lhes os méritos. Um homem direito no lugar direito. JOÃO CARLOS VITAL, prefeito do Distrito Federal.





**Eis a nova frota de caminhões de lixo, que são diàriamente lavados e mantidos no mais perfeito estado de conservação. ● Os trabalhadores que, cumprindo determinação do chefe do executivo municipal, procederam à limpeza de galerias, encontraram numa delas um barco de passeio!...**



*Comentário lido ao microfone da Emissora Continental no dia 12/9/52, da série "Boletim Continental", sob a direção Rubens Berardo Carneiro da Cunha, intitulado "Flagrantes da Cidade".*

O outro ato digno de registro é a mensagem enviada pelo Prefeito à Câmara dos Vereadores, solicitando a abertura do crédito especial de trinta milhões de cruzeiros, destinado a melhorar as condições de vida dos favelados desta capital e a promover a extinção gradual das favelas.

E' claro que a importância pleiteada junto ao Legislativo da cidade não poderá cobrir tôdas as despesas exigidas para a solução dêsse inquietante problema urbano; mas constituirá um auspicioso início de atividades tendentes a alojar os moradores das favelas em locais mais confortáveis e higiênicos, pelo que os vereadores cariocas não deverão hesitar na concessão do crédito.

Nos dois casos citados, percebe-se, fàcilmente, a preocupação dominante no espírito do Sr. João Carlos Vital, que é a de tornar sua administração uma fonte de benefícios para a população que êle governa.





**Os postos do serviço de salvamento e sinalização de tôrres também mereceram especiais cuidados da administração. O do Lido é um exemplo. ● As favelas são motivo de preocupações para os homens de govêrno. O Pref. Carlos Vital busca uma solução para o problema.**

# O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

*À venda nas boas Farmácias*

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

*(Exigir a marca BISCUIT)*

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

**MULTIFARMA**

**Rua Direita, 191 — 6º andar**

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.



**BÉL-HORMON**

**A BELEZA DOS SEIOS**

**Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.**



**BÉL-HORMON**

**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

**Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......**

**NOME ....................................**

**RUA .............................. Nº ....**

**CIDADE ..................................**

**ESTADO ..................................**

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**


WEEK-END NA COZINHA

# Molhos para acompanhar ovos

● MÔLHOS QUENTES

**DE TOMATES**

**1 k de tomates maduros**
**60 g de manteiga**
**Sal, pimenta do reino**

Rasgue os tomates, cozinhe-os em fogo lento com uma colher de água em panela tampada. Quando se desmancharem, passe-os na peneira. Despeje novamente na panela, junte a manteiga, tempere. Só retire do fogo quando suficientemente espêsso.

**BECHAMEL**

**60 g de manteiga**
**20 g de farinha de trigo**
**1 copo de leite**
**Sal, pimenta do reino**
**70 g de creme de leite grosso**

Derreta a manteiga numa panela ao fogo, junte peneirando a farinha, misture bem. Junte o leite, derramado aos poucos e mexendo sempre, deixe dez minutos em fogo lento, tempere. Acrescente por último o creme.

**SOUBISE**

**250 g de cebolas**
**30 g de arroz**
**Sal, pimenta do reino e noz moscada**
**30 g de manteiga**
**80 g de creme de leite**

Ponha as cebolas raladas e o arroz numa panela com água fria, tempere, tampe e deixe no fogo por cêrca de 40 minutos. Passe na peneira, junte a manteira e o creme, leve a ferver, retire do fogo para servir imediatamente. (Para ovos pochés, meio duros, no vapor)

MÔLHO HOLANDÊS VERDADEIRO





**Caldo de 1 limão**
**2 gemas não batidas**
**¼ de colher de chá de sal**
**1 pitada de pimenta do reino**

Êste môlho pode ser guardado por muito tempo na geladeira — é um acompanhamento perfeito para espargos, alcachofras, couve-flor, como para peixe, bife ou galinha fria. Modo de preparar: misture as gemas enquanto derrama lentamente o caldo do limão. Divida a manteiga em três partes e junte uma parte. Cozinhe em banho-maria, sem deixar ferver a água. Mexa constantemente até que a manteiga derreta e o môlho se torne espêsso.

● Junte a segunda parte da manteiga e mexa mais até que a manteiga derreta e o môlho fique ainda mais espêsso. Repita com a terceira porção da manteiga; mexa até ficar grosso como mayonaise. Retire do fogo. Acrescente o sal e a pimenta e bata com uma colher de pau até o môlho ficar lustroso (cêrca de ½ minuto). Quando o môlho desanda, basta juntar 2 colheres de sopa de água fervendo e bater novamente para consertar. Sirva o môlho holandês quente, sôbre espargos ou peixe ou o que fôr. Pode guardar sobra de môlho em pote bem fechado na geladeira. Pode esquentar quando quiser servir novamente mexendo o môlho numa vasilha dentro de água fervendo.

CONDENADA!

**(Cont. na pág. 15)**

a figura da «outra», os comentários, o processo, sua condenação... «Não matarás», ordena, debalde, o Mandamento das Escrituras Sagradas há mais de três mil anos. Mas a humanidade sem respeitar as Tábuas da Lei, continua a suprimir os seus semelhantes, muitas vêzes pessoas ligadas pelo sangue e pelo amor, às mãos assassinas. E' que o ódio, o ciúme, o desvairamento, a paixão, a vertigem são mais fortes do que a serenidade e o bom-senso. O drama de D. Helbe Mascarenhas de Morais é uma dessas páginas dolorosas da crônica judiciária do Distrito Federal.


HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL

USAR DURANTE TRÊS MESES.



Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

**MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA**

**Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.**

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



**LUTA PELA BELEZA**

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente à tôda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir êsse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acôrdo com a natureza dêles — REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier Nº 2 se aplica na falta de regras ou sua diminuição e suas conseqüências. O Regulador Xavier o Nº 1 ou o Nº 2 conforme o seu caso — lhe dará saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: REGULADOR XA-VI-ER.

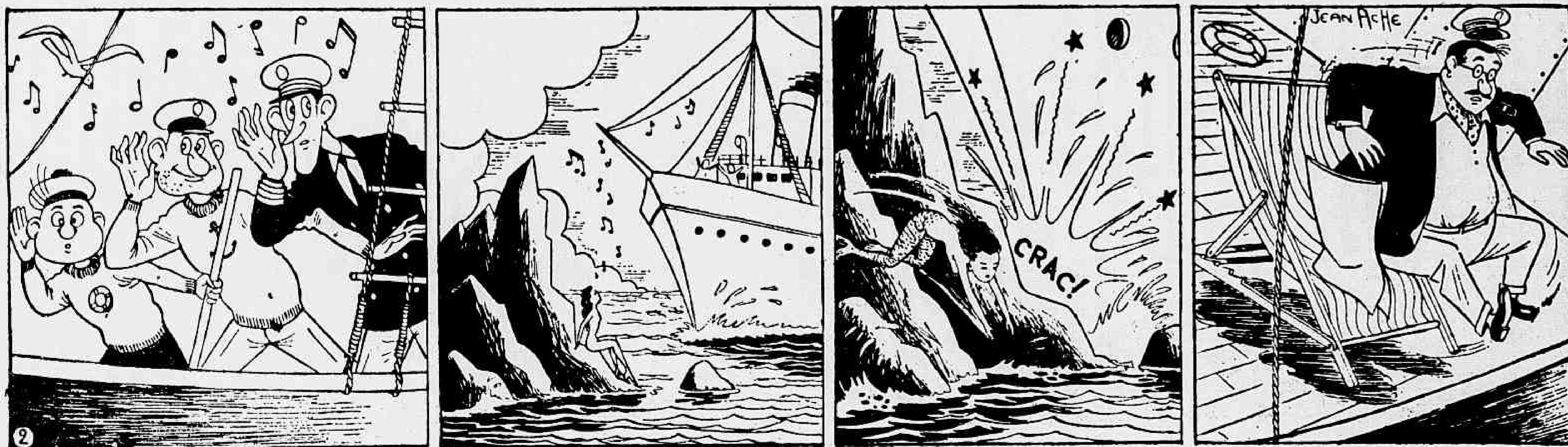




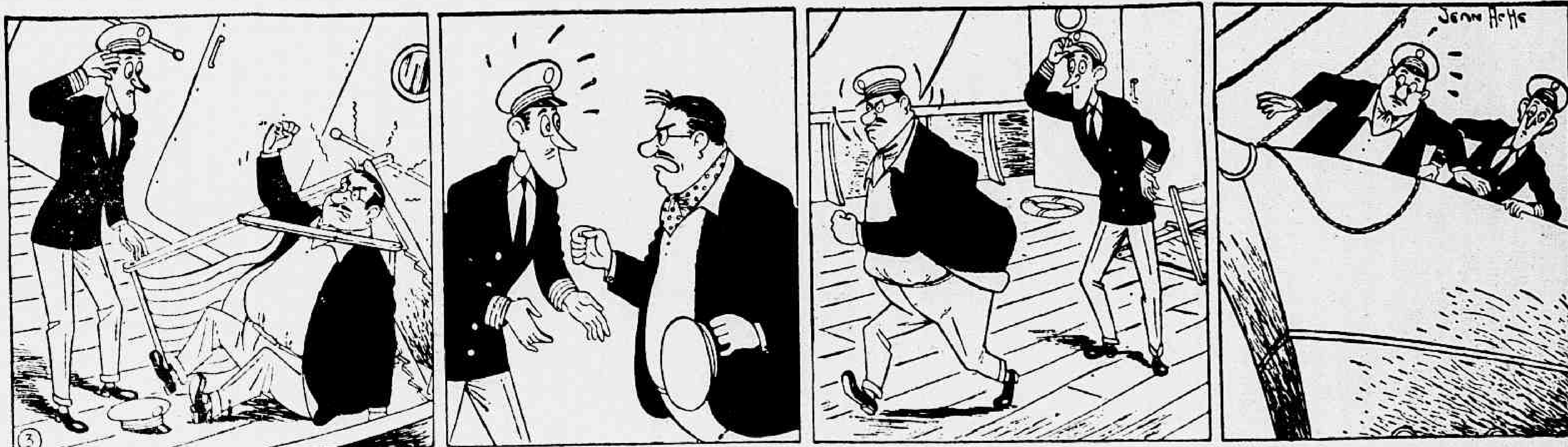
# ARABELLE a ultima sereia




1 Nas costas da Sicília ainda resta a última sereia, Arabelle. Para espantar sua solidão, ela nada para o litoral francês. Vendo as festas, as regatas em Nice e Cannes, ela sonha com o título de Miss «Côte d'Azur». Mas vendo sua cauda de peixe, ela regressa contristada ao seu esconderijo. Para esquecer os seus sonhos irrealizáveis, canta com aquela voz que hipnotiza os marinheiros. Sucedeu que, naquele dia, magnífico iate cruzava aquêles mares




2 Ouvindo o canto de Arabelle, a equipagem não pôde resistir à fascinação e dirige o elegante barco para os rochedos de onde vinha o cântico maravilhoso. O iate se aproxima ràpidamente, com todo mundo enlevado. A catástrofe é inevitável. O navio vai-se arrebentar contra os rochedos que emergem do mar. O proprietário do iate fazia a sesta em sua poltrona, quando é despertado pelo violento choque, que o arremessa fora da cadeira. Que se passava?




3 Comandante! Fomos de encontro aos rochedos! Disse temeroso o pilôto. O dono do iate ficou furioso: «Porque não executaram minhas ordens!» É que ouvimos uma melodia divina, talvez de alguma sereia! Justificou o pilôto. «Idiota! Não há mais sereias!». «Sim, mas, contudo...» O comandante estava furioso; mas, súbito, vendo alguém trepado lá nos rochedos, mudou de tom: «Estarei maluco? Você tem razão. Êsse rochedo é habitado... habitado por uma sereia!»



**Às 11 horas, descia as escadarias da Câmara Municipal o ataúde de Francisco Alves, abrindo caminho até à carreta do Corpo de Bombeiros. Mais de 500**

**(Cont. da pág. 6)**





**Alguns flagrantes mostram a dor de amigos, entes queridos e fãs que se acercam, do seu ídolo.**

caros lhe são e dos colegas radialistas e diversas associações. Às nove horas, Manuel Barcelos, presidente da Associação de Radialistas, coloca, com emoção geral da assistência, ao alto, um belo retrato a «crayon», de Francisco Alves.

SÓ RUY BARBOSA, RIO BRANCO E PEDRO ERNESTO

Não cessa o desfilar em redor ao esquife. Só está aberta a porta principal e os guardas dificilmente contêm o povo dentro dos cordões de isolamento. Há filas imensas, de dois em dois, que começando na escadaria da Câmara dos Vereadores, uma segue pela Praça Floriano, dobra a rua Evaristo da Veiga, entra em Senador Dantas, entra pela rua Alcindo Guanabara, isto é, contorna todo um quarteirão e embora avançando sempre, não se acaba nunca, porque sempre reabastecida de gente e mais gente, que vem chegando sem cessar do Rio todo. Outra fila, em sentido contrário, começa na porta da Câmara e vai pela calçada da Cinelândia, passando por frente dos cinemas Capitólio, Pathé, Glória, Império, Odeon, dobra a esquina e segue interminàvelmente. Enquanto isso uma multidão de dezenas de milhares de espectadores permanece em pé, como um imenso reservatório de povo, multidão compacta, que desce desde as escadarias largas do Palácio Municipal, enche a Praça Floriano, a rua tôda, dificultando a passagem dos bondes e continua pela calçada, pelo jardim, desde o Teatro Municipal até os cinemas da Cinelândia.

Que homem público do Brasil, além de Rio Branco, Ruy Barbosa e Pedro Ernesto, teve assim, o interêsse do nosso povo pelo seu enterramento? Nenhum. A popularidade de Francisco Alves é bem maior do que todos imaginavam, mesmo êle. Essa a verdade. Aquêles que à ascensão de valores novos — que aliás o querido Chico Viola sempre incentivou — sussurravam que êle estava decaindo no agrado público, ficarão assombrados com essa apoteose que o Rio em pêso presta a Francisco Alves agora, quando tão inesperadamente o artista morre, nas trágicas circunstâncias que sabemos.



coroas. Uma delas ofertada por Carmen Miranda.

e 500
ág. 6)
versas
presi-
emo-
rato a
NESTO
ó está
lmente
to. Há
do na
segue
Veiga,
Alcindo
irão e
a, por-
e, que
a fila,
Câmara
do por
mpério,
lmente.
nilhares
imenso
desce
enche
passa-
jardim,
elândia.
Branco,
nterêsse
um. A
aior do
erdade.
— que
— sus-
público,
o Rio
quando
trágicas

HA UMA FORTE CORRENTE...

Na verdade a sua voz era linda e harmoniosa, era a voz que não sabia envelhecer, como bem disse César Ladeira. E aos invejosos, êle que era bonissimo e não tinha inveja de ninguém já respondera há tempos, do único jeito que sabia, o que fêz de parceria com David Nasser. E cantou há anos:

**«Há uma forte corrente contra você...**
**Toma cuidado, que o teu vizinho do lado**
**Anda já desconfiado...**
**E você sabe porque...»**

Mas isso foi há muitos anos. Parece que a bondade e a simplicidade de Francisco Alves, seu companheirismo para com os colegas, o espírito de cooperação e de estímulo para com os novos, dissiparam tôdas as possíveis invejas. Sua realeza no meio radiofônico era reconhecida e respeitada. E agora, quando morre, no esplendor de sua magnífica e vitoriosa maturidade, comprova-se sua destacada situação, que ninguém pensa em disputar.

TODOS OS ASTROS E O ESTRÊLA

Ali estão presentes todos, todos os grandes astros das emissoras do Rio. Cantores masculinos e femininos, diretores, compositores, músicos, jornalistas, políticos, homens públicos. Alguns, como Edgard Estrêla eram íntimos do cantor e comovidamente abraçam a companheira inseparável do artista em sua vida. Uma das emissoras instala seu microfone e dali mesmo vai-se irradiando para o Brasil o que dizem Oscarito, Dalva de Oliveira, o repórter radiofônico Mário Garofalo.

Dalva fala chorando e conta que quando sofreu moralmente, sempre encontrou na amizade de Chico grande confôrto. Faça como eu, mantenha o seu sorriso, dizia.

# APOTEOSE A FRANCISCO ALVES

Os homens desenvoltos do Rádio, que falam tanto, quase todos perdem a voz desta vez. A emoção é sincera. Sucedem-se as manifestações de pesar, as sugestões e oferecimentos. Vários pontos de automóveis oferecem seus carros gratuitamente para o povo carioca acompanhar o entêrro até o cemitério de São João Batista, o que de fato veio a se dar.

A maioria entende que é a pé que o povo deve levar o seu cantor máximo.

«ADEUS! ADEUS! ADEUS!...»

O dr. Samuel da Gama e Castro sugere que o povo cante na hora de baixar o corpo à sepultura o «Adeus», uma das grandes gravações do artista:

**«Adeus é como o fim de uma estrada,**
**Cortando uma encruzilhada...**
**Quem parte tem os olhos razos d'água**

.................................................

**Quem fica também fica chorando**
**O coração penando, querendo partir também..**
**Adeus!»**

A um canto, Orlando Silva, com os olhos vermelhos, falava do amigo, do irmão, que tudo fizera por sua carreira artística. E comentava: — Diàriamente há desastres. Um sem-número de pessoas saem ilesas, outras gravemente feridas, entretanto, êle desapareceu.

Nem mesmo seu corpo conseguiu escapar. A morte levou-o destruindo também seus restos. Como foi ingrata...

SENTIA PAVOR DO FOGO

Não há muito tempo, Chico Alves conversava com um locutor da Rádio Nacional, sôbre um acidente de aviação. E então dissera: — Eu jamais viajarei de avião. Sinto verdadeiro pavor, ao saber que poderia morrer carbonizado. Deve ser terrível, o fogo destruindo o nosso corpo.

Pobre Chico, não pensava que muito breve iria desaparecer devorado pelas chamas.

Heber de Bôscoli, ao ouvir o que nos dizia o locutor, afirmou: — E' verdade. Êle ia a Pôrto Alegre de automóvel, pois tinha mêdo de viajar de avião.

NASCE UM ASTRO NO TEATRO S. JOSÉ

Agora estamos diante de um grande amigo do Rei da Voz, José Segreto. E então, êle nos conta como nasceu o astro Chico Alves, no Teatro São José: — «Passava eu pela rua Joaquim Silva, onde havia um bar chamado «Olímpio». Ia despreocupado quando ouvi um violão soluçando. Parei. Pouco depois uma voz extasiante começou uma canção. Sem perceber entrei no bar e sentei-me a uma das mesas. Quando o artista terminou seu número, fui até êle e perguntei: — «Por que não vai para o teatro, menino?

Olhando espantado para mim, Chico respondeu: «Eu desejo imensamente trabalhar no teatro, mas só iria se fôsse para o «São José».

Fiquei feliz, continua Segreto, e então, disse-lhe que lhe daria um cartão para o Zé Segreto. O rapaz ficou maravilhado.

No dia seguinte, à hora combinada, lá comparecia Chico Alves, que começou a trabalhar, ganhando cento e oitenta mil réis.

Todavia, não era sòmente a glória que o Rei da Voz encontraria ali. Não. Lá também estava Célia

**Nos braços do povo, lenços brancos acenando, o corpo de Francisco Alves é colocado na carreta.**





**TÔDAS CHORAM — Yara Sales, a queridíssima «Mamãe Dolores», chora de verdade, e não como na novela, ao abracar Célia Zenati.**

Zenati. E dias depois um grande amor nascia dentro do Teatro São José.

Célia, era então uma das maiores artistas do nosso teatro. Deu a mão ao jovem cantor e levando-o consigo, mostrou-lhe o caminho da glória e o caminho do amor.

Tempos depois Francisco Alves tornava-se o maior artista da música popular brasileira. Foi então, que Célia, atendendo a um pedido de seu companheiro, deixava o teatro, para se dedicar de corpo e alma àquele que durante trinta anos viveu feliz ao seu lado.

José Segreto parara de falar. Olhava comovido para o esquife, onde os restos de Chico Alves se encontravam encerrados. Olhamos na mesma direção e ainda pudemos ouvir quando Célia, que se encontrava debruçada sôbre o caixão, pedia chorando ao seu companheiro que a levasse consigo.

O quadro era por demais comovente. Alguém aproximou-se convencendo-a a afastar-se dali. Como um autômato, Célia Zenati deixou-se levar, sem perceber para onde. Sua alma, por demais torturada, não possuía naquele momento noção do que se passava.

## TODOS TÊM UMA ESTRÊLA

Chegamos agora diante de Freire Júnior. Estava inconsolável. As lágrimas brotavam de seus olhos, enquanto êle tentava enxugá-las. Ao ver-nos, o velho amigo do Rei da Voz desabafou: — Parece incrível. Não posso acreditar no que meus ouvidos estão ouvindo. E tirando do bôlso um pedaço de papel, mostrou-nos, dizendo: — Veja, depois do que o meu amigo disse, nesta entrevista, nada mais me resta, senão chorar e repetir para que todos compreendam minha dor: — Perdi meu maior amigo. No papel que nos apresentara estava escrita uma frase que Chico dissera há tempos quando relatara sua vida a um jornalista: — «Todos têm a sua estrêla na vida. A minha se chama Freire Júnior».

Freire Júnior ainda nos contou como conhecera Chico Alves e como êste gravara um disco, seu primeiro disco, fora de propaganda. Depois começaram as gravações, os sucessos e finalmente, Francisco Alves regravou a «Malandrinha» de Freire Júnior. Foram esta e «O Dia da Criança» as suas últimas gravações.

## CORAGEM E DESPRENDIMENTO

Uma senhora idosa aproxima-se do esquife. Seus olhos de tanto chorar, já se acham completamente secos. Uma nuvem de tristeza invade o olhar daquela velhinha.

— Quem é aquela senhora? — perguntamos a Segreto.

— E' minha mãe, respondeu-nos. E' Elia Segreto.

Ela o amava muito — continua. — Sabem por quê?

E contou, comovido mais uma passagem da vida de Francisco Alves.

— «Foi em Poços de Caldas. Minha mãe, Elia Segreto estava passeando de charrete. Sem saber como, os animais se assustaram, saindo em desabalada carreira. Elia já se julgava perdida. Eis porém que surge o Chico, montando um cavalo, correndo velozmente. Ao se aproximar da charrete, salta, sem medir a extensão do perigo a que se expunha; Chico agarra-se ao animal e obriga-o a parar. Salvara assim, com sua coragem, a vida de Elia Segreto.

Sua morte foi um golpe terrível e temo mesmo que Elia jamais consiga se conformar com a perda que acabamos de sofrer.

## FOI MEIA-ESQUERDA

Quando ainda estava trabalhando para a Emprêsa Pascoal Segreto, Francisco Alves jogava futebol no time daquela emprêsa. Uma das melhores pelejas, foi aquela em que a E.P.S.F.C. disputava uma partida com o Zaparoli F. C. O time de Chico venceu pela contagem de 11x0. Sua posição era de meia esquerda e em tôdas as pelejas o resultado era sempre de mais de 10, para o time de Chico.

# APOTEOSE A FRANCISCO ALVES

## COINCIDÊNCIA?

Quando os funcionários da Rádio Nacional, momentos depois de receberem a notícia da tragédia que enlutara o rádio nacional, procuravam organizar um programa com gravações exclusivamente de Francisco Alves, alguém lembrou que o arquivo estava fechado. Ninguém possuía as chaves. Que fariam?

— No Museu de Cêra, do Heber, disse Silvino Neto, há uma grande variedade de gravações do Chico.

— Mas, falta a chave, falou Vitor Costa. Só se formos pela sala do Heron, ali há uma porta que podemos arrombar.

Arrombada a porta, conseguiram ver que esta não poderia ser aberta, pois, havia prateleiras com discos atrás. Entretanto, na abertura que conseguiram, Silvino Neto, pôde apanhar um volume.

Puxado o volume dos discos, Silvino viu o envólucro onde se lia — Francisco Alves. Todos se entreolharam. Que coincidência! Mas, muito maior seria a surprêsa, quando ao abrir o volume, e puxar o primeiro disco, Silvino Neto empalideceu. Não era possível. Alguém segurou o disco e leu em voz alta: — ADEUS, de Chico Alves, autoria de Silvino Neto.

Vitor Costa quase perdeu os sentidos. Êle, Francisco Alves, estaria enviando uma mensagem aos seus amigos, ou seria uma coincidência?

— Quem sabe?

## «ÊLE ME DEU O CÉU»

Junto a Célia Zenati estava agora sentada uma velhinha. Em seus olhos a tristeza traduzia tudo o que lhe ia nalma. Procuramos saber quem era. Tratava-se de dona Esther Benzaquen, mãe de dona Célia. Ao seu lado, Helena Elza, sobrinha desta e neta da velhinha, chorava amarguradamente. E com ternura a linda moça falava sôbre o «tio Chico», como desde menina sempre o tratara. Provocamos rápida conversa com a avòzinha, que aliás, momentos depois era socorrida pelo Pronto Socorro, ali mesmo, pois sua comoção foi tal que inspirou cuidados sua saúde e receiou-se, devido sua avançada idade, um colapso.

— Êle me deu o céu, foi o que nos disse. E depois, encarando-nos, perguntou: — Sabe o que é o céu?

E sem perceber que a ouvíamos, aquela velhinha foi contando numa voz sumida, quase imperceptível: — Francisco Alves, depois que conhecera Célia, tornara-se um verdadeiro filho para a mãe de sua companheira. Tudo fizera por ela e os seus. Tudo. Dera todo o confôrto material e moral àqueles que sempre o compreenderam e amaram. E assim, vai relembrando os momentos de felicidade que desfrutou na companhia do filho que, quando a via menos alegre, apanhava o violão e cantava, trazendo com a magia de sua voz o encantamento para a sua alma. Era como se fôsse um filho, — e as lágrimas rolavam-lhe pelas rugas da face.

## HOMENAGEM A NOEL ROSA

Francisco Alves deveria cantar na noite de domingo no Bola Preta. Era uma festa em homenagem a Noel Rosa. Todavia, naquele dia, êle já estava ao lado do companheiro de serenatas.

E o Brasil inteiro, àquela hora, chorava diante do esquife que guardava os despojos daquele que foi a maior glória da música popular brasileira.

## OS TRÊS VIOLÕES ESTÃO NOVAMENTE JUNTOS

Desapareceram da terra os três violões, que traduziram tão bem a alma e o sentimento do Brasil. Primeiro Sinhô desapareceu, deixando Noel e Chico, chorando sua partida. Depois, Noel foi ao encontro de Sinhô, ficando apenas Chico, com seu violão e sua voz que o tempo não conseguiu modificar. Agora, porém, êle partiu também, levando consigo o terceiro violão. A morte traiçoeira, que arrancou de maneira tão brutal o homem, do convívio de quantos o queriam, não conseguiu, nem conseguirá apagar a saudade que ficou para sempre nos corações e na alma dos brasileiros.

Algum dia, no futuro, nós contaremos aos nossos filhos a história dos três violões e êles também sentirão como nós a perda irreparável que a música brasileira acaba de sofrer. Também êles ouvirão com encantamento as gravações que imortalizarão a voz maravilhosa que tão bem soube penetrar no coração dos que a ouviram.

## GARDEL PARTIU NO AUGE DA GLÓRIA

Poucos dias antes do trágico desastre, Francisco Alves conversava com uns amigos sôbre Carlos Gardel: — Gardel partiu quando devia, disse o Rei da Voz, — quando estava no auge da glória. Creio que Gardel deve estar feliz, onde se encontra, pois, sua lembrança jamais se apagou ou se apagará. Foi uma bela morte.

Não imaginava Chico Alves, que o seu destino seria o mesmo que o de Gardel. Também êle estava destinado a partir no momento em que brilhava com o maior esplendor.

Para nós que o perdemos, foi um terrível golpe, todavia, para êle, quem sabe se não será a felicidade?

## ÊLE ERA O TRONCO...

Jorge Veiga, legítimo intérprete da música popular, de estilo diferente de Chico Viola, declara que Francisco Alves na música popular brasileira, era o tronco e êle apenas um dos ramos.

Edmundo Maia está comovidíssimo. — «Eu vi o Chico nascer para a sua arte, acompanhei-o desde o princípio de sua carreira e nossa amizade durava há 35 anos.»

Zé, falando por Zé e Linda, faz votos para que o espírito de Francisco Alves ascenda às montanhas de luz. Lá, diz êle, é que está a verdadeira vida.

E' madrugada e continua o desfile em tôrno do ataúde negro de Francisco Alves. Horas e horas passaram, milhares e milhares de homens e mulheres, esperando por aquêle minuto rápido de poder contemplar o caixão em que repousa quem fêz vibrar todos os corações. Algumas querem levar uma flor que seja das que estavam sôbre a urna, contendo os restos do grande cantor patrício. E' uma comovedora homenagem de tôda a cidade.

## MEU BRASIL BRASILEIRO...

Pela manhã continuou a mesma romaria, o vaivém sem fim dos que desejavam ao menos por um fugaz momento, estar perto do grande cantor. E sua voz, pela noite a dentro continuou cantando, em várias emissoras, tôdas homenageando a voz admirável que se extinguira.

Ao sairmos, ouvimo-lo ainda pelo Rádio. Cantava Aquarela do Brasil, de Ari Barroso:

**«Brasil, Brasil, Brasil!**
**Brasil, meu Brasil brasileiro,**
**Meu mulato risoleiro,**
**Vou cantar-te em meu pandeiro...**

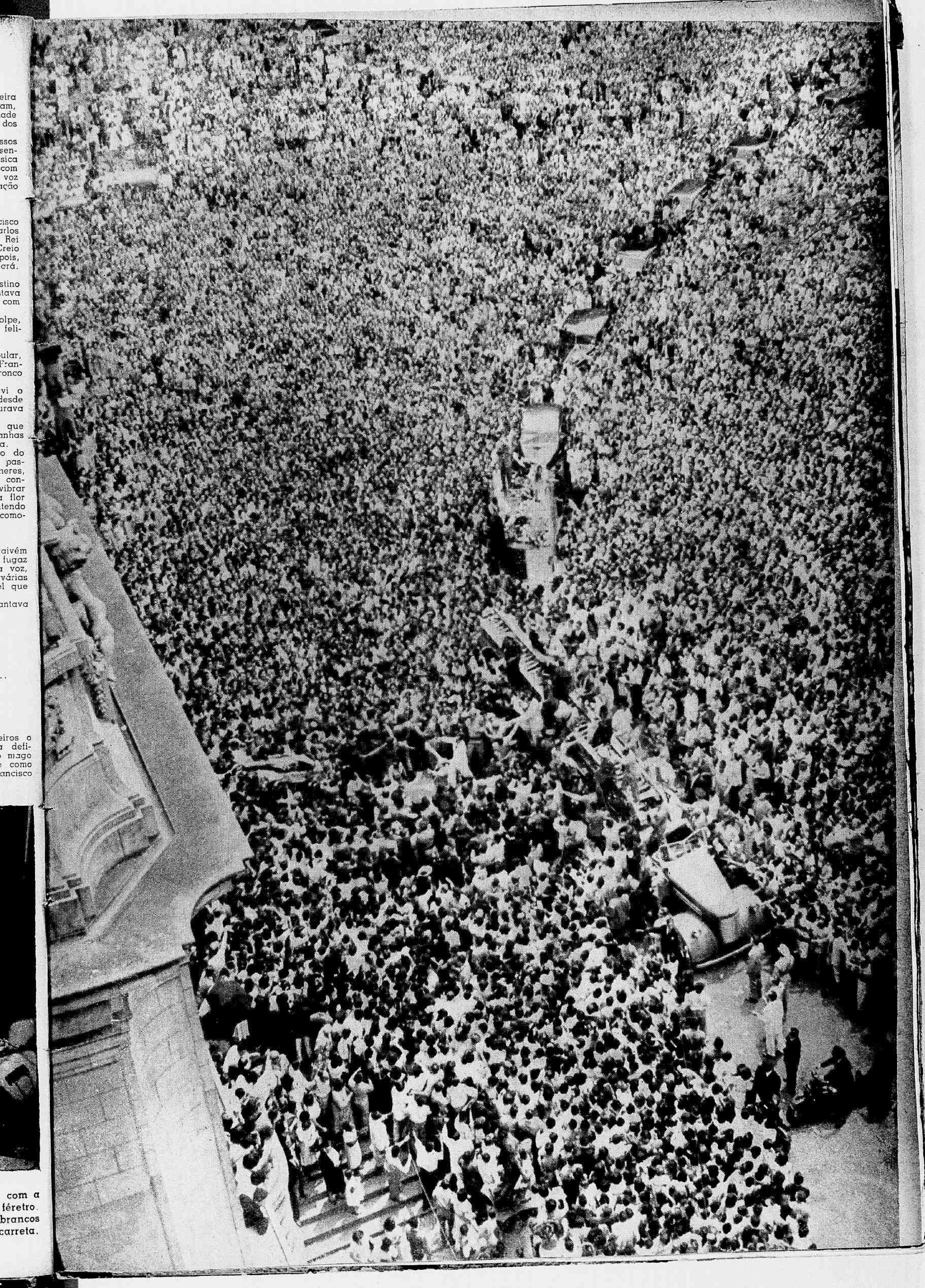
..........................................

**Êste Brasil lindo e trigueiro**
**E' o meu Brasil brasileiro**
**Terra de canto e pandeiro,**
**Brasil, Brasil!»**

E o Brasil, centenas de milhares de brasileiros o representaram, levou até sua morada terrena definitiva — o cemitério de São João Batista — o mago daquela voz melodiosa que ouviremos sempre como se vivo estivesse o grande, o boníssimo Francisco Alves, o grande Rei da Voz.



**SILVINO NETO**, também comovido, procura consolar uma das moças mais desesperadas com a morte do queridíssimo Chico Alves. Quantas cenas comoventes. Minutos depois saía o féretro. Na página ao lado vê-se a descida do ataúde entre palmas da multidão, cujos lenços brancos davam o último adeus ao grande artista desaparecido, antes da subida para a carreta.

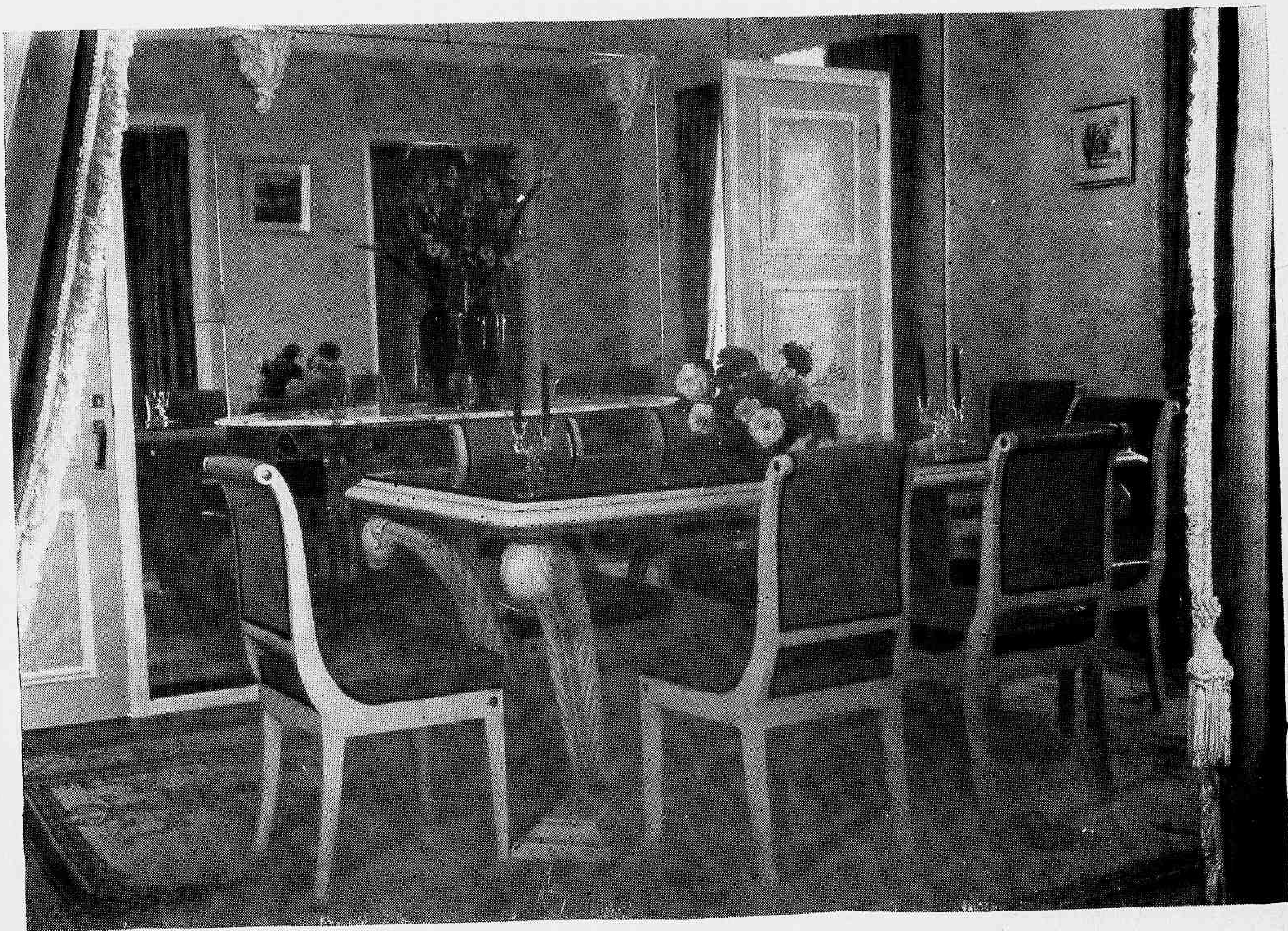




# INCONSOLÁVEL!

30 anos não são 30 dias E Célia Zenatti, a companheira de Chico Alves durante trinta anos chora, inconsolàvelmente sua morte. O flagrante foi tomado quando ela passava no auto, a caminho do Cemitério de S. João Batista, como o fizeram quase um milhão de cariocas. Daremos no próximo número reportagem completa do que foi o entêrro, a apoteose da cidade ao seu cantor máximo.

# MÓVEIS E DECORAÇÕES



orçamentos executados
por técnicos especializados




## Tapêtes feitos à mão

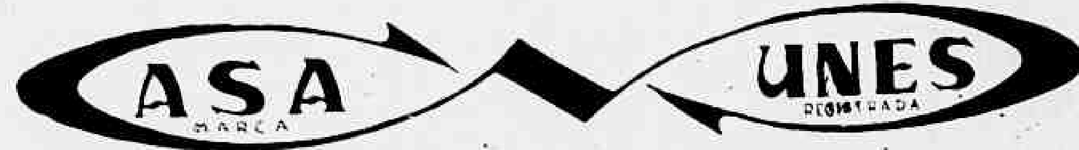
de grande beleza e originalidade

## Tapêtes e passadeiras

de forração, em côres lisas e com flores

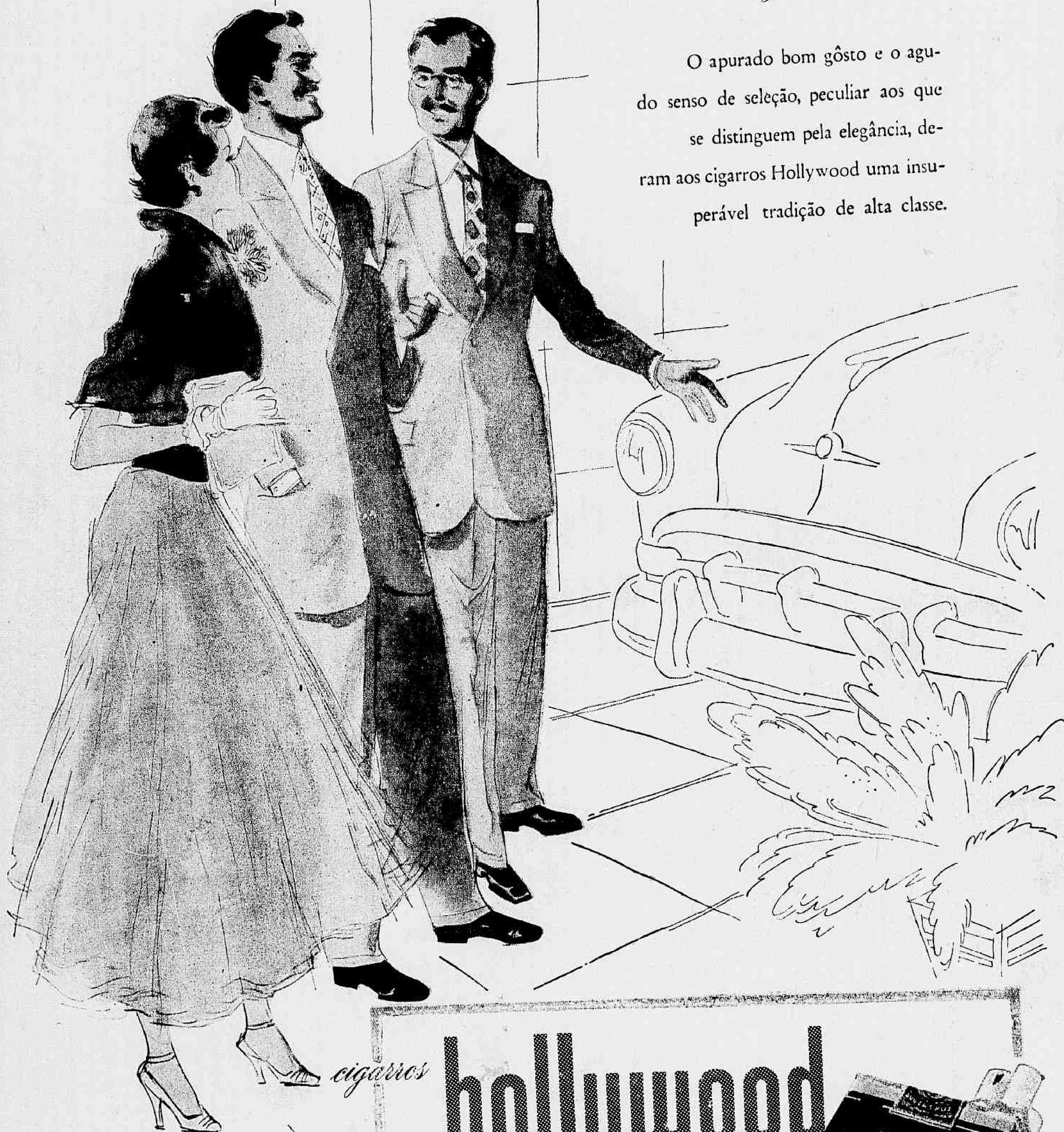
## GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas




65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

*Uma legítima consagração...*




cigarros **hollywood**

*uma tradição de bom gosto*




UM PRODUTO SOUZA CRUZ

88 154